



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE GOIÁS**  
**PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS CULTURAIS, MEMÓRIA**  
**E PATRIMÔNIO**

**MESTRADO PROFISSIONAL**

**LILIANE RODRIGUES DE ARAÚJO**

**FOLIA DE SANTOS REIS: DEVOÇÃO E TRADIÇÃO POPULAR DA**  
**COMUNIDADE QUILOMBOLA DO SÃO FÉLIX, EM MATRINCHÃ-GOIÁS**

**GOIÁS – GO**  
**2024**

**LILIANE RODRIGUES DE ARAÚJO**

**FOLIA DE SANTOS REIS: DEVOÇÃO E TRADIÇÃO POPULAR DA  
COMUNIDADE QUILOMBOLA DO SÃO FÉLIX, EM MATRINCHÃ-GOIÁS**

Relatório técnico para apresentação à banca do Programa de Pós-Graduação em Estudos Culturais, Memória e Patrimônio, do Mestrado Profissional, da Universidade Estadual de Goiás - Câmpus Cora Coralina (PROMEP/UEG), como requisito para a obtenção do título de Mestre em História. Orientador(a): Prof. Dr. Ricardo Oliveira Rotondano.

**GOIÁS – GO  
2024**



## TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA PUBLICAÇÃO DE TESES E DISSERTAÇÕES NA BIBLIOTECA DIGITAL (BDTD)

Na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Estadual de Goiás a disponibilizar, gratuitamente, por meio da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD/UEG), regulamentada pela Resolução, CsA nº 1.087/2019 sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a Lei nº 9.610/1998, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação da produção científica brasileira, a partir desta data<sup>1</sup>. Estando ciente que o conteúdo disponibilizado é de inteira responsabilidade do (a) autor(a).

### Dados do autor (a)

Nome completo: Liliane Rodrigues de Araújo

E-mail: lilianeraraujo2023@gmail.com

### Dados do trabalho

Título: **Folia de Santos Reis: Devoção e tradição popular da comunidade quilombola do São Félix, em Matrinchã-Goiás** Tipo:

[ ] Tese [ x ] Dissertação

Curso/Programa Mestrado Profissional em Estudos Culturais Memória e Patrimônio (PROMEP)

Concorda com a liberação documento

[ x ] SIM [ ] NÃO

<sup>1</sup>Período de embargo é de até um ano a partir da data de defesa.

Matrinchã, 02 de agosto de 2024.

Assinatura autor (a)

Prof. Dr. Ricardo Oliveira Rotondano  
Assinatura do orientador(a)

## CATALOGAÇÃO NA FONTE

Biblioteca Frei Simão Dorvi – UEG Câmpus Cora Coralina

A663f	<p>Araújo, Liliane Rodrigues de.</p> <p>Folia de Santos Reis : devoção e tradição popular da Comunidade Quilombola do São Félix, em Matrinchã-Goiás [manuscrito] / Liliane Rodrigues de Araújo. – Goiás, GO, 2024.</p> <p>156f. ; il.</p> <p>Orientador: Prof. Dr. Ricardo Oliveira Rotondano.</p> <p>Relatório Técnico (Mestrado em Estudos Culturais, Memória e Patrimônio) – Câmpus Cora Coralina, Universidade Estadual de Goiás, 2024.</p> <p>1. Patrimônio cultural. 1.1. Tradição religiosa. 1.2. Festa religiosa. 1.3. Folia de Reis - Matrinchã, GO. 1.3.1. Identidade e memória. I. Título. Universidade Estadual de Goiás, Câmpus Cora Coralina.</p> <p style="text-align: right;">CDU:398.3(817.3)</p>
-------	--

Bibliotecária responsável: Marília Linhares Dias – CRB 1/2971

**LILIANE RODRIGUES DE ARAÚJO**

**FOLIA DE SANTOS REIS: DEVOÇÃO E TRADIÇÃO POPULAR DA  
COMUNIDADE QUILOMBOLA DO SÃO FÉLIX, EM MATRINCHÃ-GOIÁS**

Relatório Técnico submetido ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Culturais, Memória e Patrimônio (PROMEP/UEG), Mestrado Profissional, para fins de (Exame de Qualificação/Defesa) como parte dos requisitos necessários para a obtenção do título de Mestre em História. Aprovada em 03 de abril de 2024, pela Banca Examinadora composta pelos seguintes docentes:



---

Prof. Dr. Ricardo Oliveira Rotondano (PROMEP/Universidade Estadual de Goiás)  
Orientador

---

Prof. Dra. Jane Felipe Beltrão (PPGA/Universidade Federal do Pará)  
Membro Externo

---

Prof. Dr. Marcos Antônio Cunha Torres (PROMEP/Universidade Estadual de Goiás)  
Membro Interno

---

Prof. Dra. Claudia Carolina Torres Gilles (PIPA/Universidad de Chile)  
Suplente Externo

---

Prof. Dra. Keley Cristina Carneiro (PROMEP/Universidade Estadual de Goiás)  
Suplente Interno

Goiás, 3 de abril de 2024

*O primeiro grande patrimônio de um povo, inserido em uma comunidade, num conjunto humano e com sua dimensão cultural, é esse próprio povo. Os indivíduos, as pessoas, o conjunto humano em si mesmo. Porque toda a cultura advém daí. A cultura é produzida para ser revertida como enriquecimento desse povo. [...] Então, ele (o povo) é a origem e o destino da manifestação cultural.*

*Gilberto Gil*

## AGRADECIMENTOS

Primeiramente a Deus, que sempre esteve comigo, ao iluminar-me nessa trajetória cheia de altos e baixos sem nunca desamparar-me. E aos Santos Reis, Gaspar, Baltasar e Belchior pela intercessão. Ao meu amado pai Marciel (já falecido), pelo amor, conforto e por ter estado sempre comigo, tornando-me a pessoa que sou hoje: eu agradeço-te pelo carinho (pai, eu te amo). A minha maravilhosa mãe Eva, que amo muito, e que sempre me incentivou e me ajudou em todos os momentos com seu apoio, bem como agradeço aos meus irmãos William e Warley.

Aos meus colegas Maria Joaquina, Marlon e meu primo Carlito Junior, pela solidariedade compartilhada. Em especial, deixo, aqui meus agradecimentos ao grupo de Foliões e foliãs que carinhosamente receberam-me bem com receptividade tanto durante toda a pesquisa de campo quanto nas entrevistas, o que fez com que eu me sentisse bem-vinda. Além disso, registro os meus agradecimentos aos habitantes da comunidade quilombola São Félix.

Aos professores/as do departamento do PROMEP/UEG-Mestrado Profissional em Estudos Culturais, Memória e Patrimônio, que contribuíram para o meu conhecimento através de diversos diálogos e informações proporcionadas no decorrer do curso que foi de grande valia para a produção e desenvolvimento da pesquisa. Em especial, agradeço ao meu orientador, o professor Dr. Ricardo Oliveira Rotondando que, como ninguém, soube ter compreensão, carinho e atenção durante a elaboração do presente trabalho e por fazer-me acreditar na realização desse sonho. Espero obter grande conhecimento e sabedoria como ele.

Também agradeço aos professores/as participantes da banca examinadora. Professora. Dra. Claudia Carolina Torres Gilles e o professor Dr. Marcos Antônio Cunha Torres, por aceitarem avaliar este trabalho e pelas valiosas contribuições. Externo meus agradecimentos à Universidade Estadual de Goiás, Câmpus Cora Coralina, por me proporcionar esta oportunidade de me formar em uma Gestora do Patrimônio, capacitada a transmitir conhecimento. Por fim, ficam os meus sinceros agradecimentos a todos/as aqueles/as que me apoiaram e que contribuíram de forma direta e indireta para a realização desse trabalho.

Meus sinceros agradecimentos a todos/as que me incentivaram, torceram e oraram por mim!!!

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

<b>Figura 01</b> - Mapa de localização do município de Matrinchã-GO.....	33
<b>Figura 02</b> - Forte dos Reis Magos, Natal/RN.....	43
<b>Figura 03</b> - Forte dos Reis Magos, Natal/RN.....	43
<b>Figura 04</b> - Igreja e Residência Reis Magos, Nova Almeida/ES.....	44
<b>Figura 05</b> - Igreja e Residência Reis Magos, Nova Almeida/ES restaurada.....	44
<b>Figura 06</b> - Altar e quadro pintado de Santos Reis da Igreja e Residência Reis Magos.....	45
<b>Figura 07</b> - Representação do sistema de trocas que envolve os personagens da folia...55	
<b>Figura 08</b> - Localização dos espaços onde percorre o giro da folia.....	61

## LISTA DE QUADROS

<b>Quadro 01</b> - Apresentação da chegada dos foliões/foliãs e ações realizadas no pouso da folia.....	75
<b>Quadro 02</b> - Etapas de cada momento realizado na entrega da folia.....	81
<b>Quadro 03</b> - Síntese de exemplo de decupagem das gravações das entrevistas.....	96
<b>Quadro 04</b> - Síntese de exemplo do pré-roteiro das gravações da Folia de Reis.....	98
<b>Quadro 05</b> - Principais realizadores de documentários e as cidades brasileiras onde se espalhou o gênero.....	106



## **LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS**

**IPHAN** - Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional

**Art.** - Artigo

**INCRA** - Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agraria

**PNPI** - Programa Nacional Do Patrimônio Imaterial

**PROMEP** - Programa De Pós-graduação em Estudos Culturais Memória e Patrimônio

**TCLE** - Termo de Consentimento Livre Esclarecido

**ONGS** - Organizações Não Governamental

**ADCT** - Atos das disposições Constitucionais Transitórias

**INCE** - Instituto Nacional do Cinema Educativo

**EMBRAFILME** - Empresa Brasileira de Filmes

**CPC** - Centro popular de Cultura

**UNE** - União Nacional dos Estudantes

**CNRC** - Centro Nacional de Referência Cultural

**FNPM** - Fundação Nacional Pró-memória

**UNESCO** - Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura

**CEP** - Comitê de Ética em Pesquisa

## LISTA DE FOTOS

<b>Foto 01</b> - Bandeira da Folia de Santos Reis .....	52
<b>Foto 02</b> - Instrumentos dos foliões/foliãs.....	52
<b>Foto 03</b> - Vestimenta dos foliões/foliãs e o uso da divisa.....	57
<b>Foto 04</b> – Mulheres-foliã que compõem a folia de Santos Reis.....	58
<b>Foto 05</b> – Mulheres-foliã que compõem a folia de Santos Reis.....	58
<b>Foto 06</b> – Mulheres-foliã que compõem a folia de Santos Reis.....	58
<b>Foto 07</b> - Devota fixando na bandeira uma nota de 20 reais e uma foto de seu irmão em sinal de agradecimento pela graça que recebera de Santos Reis.....	60
<b>Foto 08</b> - Oração do Santo terço com foliões/foliãs diante o altar do pouso.....	65
<b>Foto 09</b> - Momento da dança da catira no pouso.....	68
<b>Foto 10</b> - Comida do pouso da Folia de Santos Reis .....	72
<b>Foto 11</b> - Comida da entrega da Folia de Santos Reis.....	73
<b>Foto 12</b> – Mesa de café da manhã preparado para os foliões/foliãs e visitantes.....	73
<b>Foto 13</b> - Mesa de doces preparado para a Folia de Santos Reis.....	73
<b>Foto 14</b> - Area da casa rural reservada para o preparo da comida da folia.....	74
<b>Foto 15</b> - Espaço improvisado na casa da cidade para preparo do alimento da folia.....	75
<b>Foto 16</b> - Encontro das Foliias de Santos Reis do Quilombo São Félix e a do Joaquim do Alagado na entrega da folia .....	77
<b>Foto 17</b> – As Bandeiras das duas Foliias: a verde é a da Companhia do Joaquim do Alagado e a vermelha é a da Companhia do quilombo São Félix.....	77
<b>Foto 18</b> - Altar com as duas bandeiras de Reis e as estrelas.....	78

<b>Foto 19</b> – Pesquisadora juntamente com os foliões indo para a saída da folia .....	119
<b>Foto 20</b> - Foto da pesquisadora juntamente com os foliões em seu rito de canto na porta de um morador.....	120
<b>Foto 21</b> - Foto da pesquisadora ajudando na decoração da casa do pouso do casal de festeiros Sra. Ernestina Francisca e Sr. Sebastião Rodrigues.....	121
<b>Foto 22</b> - Foto da pesquisadora e de sua devolutiva de pesquisa e do vídeo documentário produzido durante o mestrado.....	127
<b>Foto 23</b> - Foto da pesquisadora e de sua devolutiva de pesquisa e do vídeo documentário produzido durante o mestrado.....	127
<b>Foto 24</b> - Foto da pesquisadora e de sua devolutiva de pesquisa e do vídeo documentário produzido durante o mestrado.....	127
<b>Foto 25</b> - Foto da pesquisadora e de sua devolutiva de pesquisa e do vídeo documentário produzido durante o mestrado.....	128
<b>Foto 26</b> - Foto da pesquisadora e de sua devolutiva de pesquisa e do vídeo documentário produzido durante o mestrado.....	128
<b>Foto 27</b> - Foto da pesquisadora e de sua devolutiva de pesquisa e do vídeo documentário produzido durante o mestrado.....	128

## RESUMO

O intuito de realizar esta pesquisa é fazer análises e discussões acerca da Folia de Santos Reis por meio do conceito de patrimônio cultural. O objetivo principal é o de evidenciar como funciona a devoção e tradição da Folia de Santos Reis da comunidade quilombola remanescente São Félix, que se encontra na região de Matrinchã - Goiás. Paralelamente, pretendemos historicizar o bem cultural da pesquisa com o propósito de aproximar os indivíduos do quilombo e da sociedade da realidade histórica desse festejo imaterial, levando-os a fazer uma reflexão dessa manifestação popular. Nosso trabalho também apresenta uma possibilidade de visibilizar e de desenvolver o resgate da nossa própria identidade. E entre os objetivos específicos, procuraremos analisar as práticas culturais locais, além de entender as crenças, as vivências e a identidade coletiva dos agentes e produtores de Santos Reis. Abordaremos, ainda, a importância da manifestação da Folia na memória cultural dos indivíduos do quilombo e da cidade de Matrinchã, promovendo, assim, práticas discursivas de valorização dessa tradição cultural e religiosa. Em suma, os resultados da pesquisa apontam que, devido as inovações tecnológicas, a Folia de Reis, ao longo do tempo, sofreu modificações e intervenções em seus costumes e nas formas de se expressar suas crenças. Porém, os agentes do festejo vêm tentando manter vivas as tradições da Folia. O produto final de nossa investigação consiste em um vídeo documentário, que será divulgado em redes sociais (*Instagram, facebook, WhatsApp, You Tube*), espaços escolares e na comunidade quilombola, por meio do qual poderá ser utilizado como fonte de pesquisa, bem como pode ser tido como referências às possíveis efetivações de ações e projetos sobre o patrimônio cultural Folia de Santos Reis.

**Palavras-chave:** Folia de Santos Reis, Identidade, Memória, Quilombo.

## ABSTRACT

The purpose of this research is to make analyses and discussions about the Folia de Santos Reis through the concept of cultural heritage. The main objective is to show how the devotion and tradition of the Folia de Santos Reis of the remaining quilombola community São Félix, which is located in the region of Matrinchã - Goiás, works. At the same time, we intend to historicize the cultural asset of the research with the purpose of bringing the individuals of the quilombo and society closer to the historical reality of this immaterial celebration, leading them to reflect on this popular manifestation. Our work also presents a possibility of making visible and developing the rescue of our own identity. And among the specific objectives, we will seek to analyze the local cultural practices, in addition to understanding the beliefs, experiences and collective identity of the agents and producers of Santos Reis. We will also address the importance of the manifestation of the Folia in the cultural memory of the individuals of the quilombo and the city of Matrinchã, thus promoting discursive practices of appreciation of this cultural and religious tradition. In short, the results of the research indicate that, due to technological innovations, the Folia de Reis, over time, has undergone modifications and interventions in its customs and in the ways of expressing its beliefs. However, the agents of the festivities have been trying to keep the traditions of the folia alive. The final product of our investigation consists of a documentary video, which will be disseminated on social networks (Instagram, Facebook, WhatsApp, YouTube), school spaces and in the quilombola community, through which it can be used as a source of research, as well as can be taken as references to the possible implementation of actions and projects on the Folia de Santos Reis cultural heritage.

**Keywords:** Folia de Santos Reis, Identity, Memory, Quilombo.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>15</b>
<b>1. O FESTEJO DA FOLIA DE SANTOS REIS: DISCUSSÃO TEÓRICO METODOLÓGICA.....</b>	<b>29</b>
1.1 Território negro: história e cultura popular.....	29
1.1.1 <i>Os três Reis Magos e sua origem.....</i>	<i>36</i>
1.2 O culto da folia de Santos Reis no Brasil.....	41
1.2.1 <i>As expressões religiosas e culturais negra no interior do Brasil colonial.....</i>	<i>46</i>
<b>2. O BEM CULTURAL: PATRIMÔNIO IMATERIAL DO QUILOMBO SÃO FÉLIX.....</b>	<b>50</b>
2.1 A pesquisa realizada – Folia de Santos Reis do quilombo São Félix.....	51
2.1.1 <i>A troca de se pedir e efetivar uma promessa.....</i>	<i>54</i>
2.1.2 <i>A atuação das Mulheres foliãs, a bandeira e o giro.....</i>	<i>57</i>
2.1.3 <i>O rito da comensalidade e a festa da entrega da folia.....</i>	<i>70</i>
2.1.4 <i>O avanço da modernidade e as mudanças ocorridas na tradição popular.....</i>	<i>83</i>
2.2 Resultados e discussão.....	89
<b>3. PROPOSTA DE PRODUTO.....</b>	<b>100</b>
3.1 O documentário como registro patrimonial: surgimento, conceitos e abordagens.....	101
3.2 Apresentação e formato do Produto - Vídeo documentário.....	117
3.3 Público-alvo do documentário.....	121
<b>4. PROPOSTA DE APLICAÇÃO DO PRODUTO.....</b>	<b>123</b>
4.1 Manual de uso do Produto.....	123
4.2 Proposta de aplicação na comunidade participante.....	124
4.3 Devolutiva para a comunidade e o impacto esperado.....	126
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>129</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>132</b>
<b>APÊNDICES.....</b>	<b>141</b>
<b>ANEXOS.....</b>	<b>149</b>

## INTRODUÇÃO

Ao recorrermos ao contexto da sociedade brasileira, é imprescindível para se poder compreender a cultura e as tradições patrimoniais nacionais e locais, como a folia de Reis do quilombo São Félix, que é o estudo desse trabalho. Nesse viés, é fundamental trabalhar esta manifestação cultural tradicional da comunidade quilombola de forma a promover a sua visibilidade histórica. Nesse contexto, o IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional) desde sua formação, em 1937, criou iniciativas educativas para assegurar o patrimônio de arte e de história do país como exposto na citação abaixo:

Manifestou em documentos, iniciativas e projetos a importância da realização de ações educativas como estratégias de proteção e preservação do patrimônio sob sua responsabilidade, instaurando um campo de discussões teóricas, e conceituais e metodologias de atuação que se encontram na base das atuais políticas públicas de Estado na área. [...] A criação de um órgão federal dedicado à preservação do patrimônio histórico e artístico nacional foi motivada, de um lado, por uma série de iniciativas institucionais regionais e, de outro, por clamores e alertas de intelectuais, parte deles ligada à semana de Arte Moderna de 1922, veiculados na grande imprensa brasileira (Florêncio; Clerot; Bezzera; Ramassote, 2014, p. 05).

Entendemos que por meio da ação educativa se aspire, a constituição coletiva do conhecimento o qual deve assegurar a comunidade como aquela que promove saberes, reconhece sua cultura e que seja uma ação de valorização e fortalecimento da diversidade cultural e da identidade local. Para Soares (2009, p. 100), “o patrimônio deve ser apresentado e interpretado com a finalidade de estabelecer, dentro da diversidade cultural, a contribuição cultural de cada grupo para a geração presente”. Nesse entendimento, na busca de reconhecimento e valorização histórica da herança africana, dos símbolos e da afirmação da identidade afro-brasileira, cumpre destacar que a história do país durante o Brasil colonial foi um período no qual as terras brasileiras foram colônia de Portugal dos anos de 1500 a 1822.

A dominação do Brasil provocou mudanças nos hábitos e nas condições de vida dos africanos. Esse período de escravidão foi marcado pelo extermínio racial causado devido ao pensamento de superioridade do homem branco. Tal perspectiva levou ao surgimento de constantes torturas e agressões violentas contra os homens negros e, principalmente, contra as mulheres negras.

Além disso, o processo de abolição é enaltecido na ideia de que brancos e abolicionistas foram os únicos responsáveis pelo término da escravidão. No caso da abolição, a princesa Isabel recebeu o título de “Redentora” pelo ato de libertação dos negros escravizados e, por esse motivo, eles são representados em posições subalternas com relação aos brancos. Raramente esse acontecimento é estudado como resistência e formas de relações de trabalho das negras e negros. Como forma de manter a superioridade branca e colonial das narrativas de poder, eles são excluídos da história oficial.

No entanto, apesar da forte opressão que sofreram, as pessoas negras resistiram historicamente tanto no anonimato quanto de forma protagonista na luta pela libertação de seus irmãos e resistência contra a exploração que lhes fora imposta. Segundo Cruz (2008, p. 11), “as classes discriminadas pela historiografia devem ter seu passado de glória ressuscitado buscando igualdade perante a historiografia”.

Ao analisarmos as palavras de Cruz, consentimos que é preciso romper da história a visão que enfatiza as mulheres e homens negros como sofredores e vítimas e demonstrar os poderes informais e estratégias que passaram a obter por trás do regime escravocrata, bem como foi sua postura de resistência e subordinação, além de sua referência cultural. Reconhece-se que:

[...] a história do negro no Brasil não se constitui somente de submissão, houve também, é claro, diversas formas de resistência negra à escravidão como revoltas, fugas, assassinato de senhores, abortos e a constituição de quilombos. [...] os quilombos são a materialização da resistência negra à escravidão, foram uma das primeiras formas de defesa dos negros, contra não só a escravidão, mas também à discriminação racial e ao preconceito (Silva, 2012, p. 6).

A partir desse princípio, os africanos que foram trazidos de forma desumana para o outro lado do Atlântico contribuíram para a formação da identidade<sup>1</sup> dos brasileiros com as lembranças e referências familiares, étnicas, raciais, religiosas e culturais que trouxeram consigo de sua terra natal, influenciando assim na vida do povo do Brasil. A cultura africana influenciou nas danças, culinária, linguagem, vestimenta, religião, entre outros fatores.

Nesse contexto, compreende-se que a cultura afro-brasileira enquanto patrimônio cultural faz parte da história, memória e da cultura brasileira “com suas

---

<sup>1</sup>“É o conceito que sintetiza o resultado prático mais importante do pensamento histórico. Esse conceito remete aos processos de subjetivação através dos quais os indivíduos se definem enquanto tais” (Assis, 2010, p. 30).



tradições, costumes, linguagens (oralidade, corpo e movimento), culinária, música, dança e religiosidade” (Oliveira, 2019, p. 10). Na verdade, em 2000, no IPHAN, teve-se o reconhecimento de patrimônios negros, pois até então se encontravam desconhecidos até o início da década de 2000, no qual foi criado o Programa Nacional do Patrimônio Imaterial (PNPI), instituído pelo decreto 3.551/2000, que estabelece o Registro de Bens Culturais de Natureza Imaterial que compõe o patrimônio cultural<sup>2</sup> brasileiro. Nessa acepção, Oliveira destaca:

Esses reconhecimentos representam a inclusão via tombamento ou registros das referências da cultura afro-brasileira no conjunto de patrimônio nacional. A adoção da noção de referência cultural, a instituição do Registro e do Inventário, a ampliação da participação social, permitiu a inclusão de expressões e referências da produção cultural de grupos a bem pouco tempo excluídos no campo de estudo e das políticas públicas de patrimônio cultural, apontam para avanços históricos, políticos e culturais significativos no país. Entretanto, a permanência e a separação do patrimônio em material (tangível) e imaterial (intangível) funciona como mais um obstáculo para melhor compreensão das complexidades e dinâmicas que caracterizam as referências culturais afro-brasileiras (Oliviera, 2019, p. 09).

Ante o exposto, compreende-se que houve um avanço em relação ao IPHAN na ação de proteger os bens de natureza imaterial relacionados a cultura negra. Segundo Filho (2009, p. 153), é notável que na legislação do país está pautado “o processo, o critério e o alcance da proteção de bens culturais” imateriais e materiais de cada povo e sua identidade, formadores do desenvolvimento civilizatório da sociedade brasileira nos termos do art. 215, 1º, e 216 da Constituição, como pode-se observar abaixo:

Art. 1º fica instituído o Registro de Bens Culturais de Natureza Imaterial que constituem patrimônio cultural brasileiro.  
§ 1º Esse registro se fará em um dos seguintes livros:  
I – Livro de Registro dos saberes, onde serão inscritos conhecimentos e modos de fazer enraizados no cotidiano das comunidades;  
II – Livro de Registro das Celebrações, onde serão inscritos rituais e festas que marcam a vivência coletiva do trabalho, da religiosidade, do entretenimento e de outras práticas da vida social;  
III – Livro de Registro das Formas de Expressão, onde serão inscritas manifestações literárias, musicais, plásticas, cênicas e lúdicas;

---

<sup>2</sup>“O termo patrimônio cultural passa a ter um sentido mais amplo em decorrência dos movimentos e debates que ocorrem a partir das décadas de 60 e 70 e são refletidos na redefinição das políticas públicas de preservação do patrimônio cultural, que tem como pressuposto a diversidade cultural” (Soares, 2009, p. 25).

IV – Livro de Registro dos Lugares, onde serão inscritos mercados, feiras, santuários, praças e demais espaços onde se concentram e reproduzem práticas culturais coletivas (Brasil, 2000, s/p).

E o ritual da folia de Reis, enquanto bem cultural que acontece na comunidade quilombola São Félix, representa relações sociais e patrimônios simbólicos. Segundo as reflexões de Neves,

[...] tais manifestações demarcam as fronteiras simbólicas afirmando a identidade cultural, delimitando a pertença comum e estabelecendo a manutenção de vínculos sociais. Assim, os rituais das festas tradicionais, como a Folia de Reis, são representativos dessas fronteiras simbólicas (Neves, 2016, p. 13).

Os festejos de Santos Reis se estabelecem como uma herança cultural e religiosa na qual os foliões/foliãs, os moradores, os visitantes, os festeiros e as suas famílias como testemunho de fé rezam e recitam cânticos, bem como exprimem sua religiosidade, sociabilidade e partilham de forma coletiva seus valores. Essa manifestação cultural representa a identidade desse grupo.

No que se refere à constituição identitária de um grupo, Hall (1997, p. 26) aponta que “nossas identidades são, em resumo, formadas culturalmente”. Nesse contexto, refletir sobre a construção identitária do festejo popular de Santos Reis da comunidade quilombola São Félix significa entender o simbolismo<sup>3</sup> que se desenvolve nesse lugar. Portanto, nossa pesquisa se aproxima das reflexões sobre o patrimônio imaterial, haja vista que ela busca entender elementos dessa cultura local e do imaginário ali existente.

Em Goiás, a folia<sup>4</sup> de Reis é um ritual popular do catolicismo realizado por grupos de vilarejos. Tais grupos são compostos por foliões/foliãs instrumentistas e por devotos/as que, em prol de devoção coletiva, visitam casas anunciando o evangelho (nascimento de Cristo), e colhem donativos, distribuem bênçãos e renovam promessas. Essa tradição está presente em todo estado de Goiás, tanto na zona rural quanto urbana e, de acordo com a cultura e as regiões, elas assumem características próprias.

---

<sup>3</sup>“O símbolo comporta um componente racional real e representa tudo aquilo que é indispensável para os homens agirem ou pensarem. O símbolo se faz presente em toda a vida social, na situação familiar, econômica, religiosa, política etc. [...] Os símbolos mobilizam de maneira afetiva as ações humanas e legitimam essas ações” (Trindade, 1997, p. 21).

<sup>4</sup>O termo folia designa uma celebração ou ritual da religiosidade popular, mais precisamente do denominado catolicismo popular, contudo, o termo tem variações conforme a região (Neves, 2016, p. 89).

Outrossim, as folias de reis se realizam na mesma época (entre os meses de dezembro e janeiro), obtendo variações somente referente a promessa e o devoto.

No caso da Comunidade Quilombola São Félix, o festejo e devoção aos três Reis Magos se inicia no dia 27 de dezembro e se estende até dia 6 de janeiro. Nessa comunidade, o ritual segue suas próprias singularidades, tais como as orações que são realizadas em latim e português, a exemplo “A ladainha de Nossa Senhora<sup>5</sup>”.

Durante a festa<sup>6</sup> de Santos Reis, os foliões, foliãs, os festeiros e os visitantes deixam de lado os seus afazeres do cotidiano, que geram bens terrenos, para produzir bens ‘espirituais’ voltados para afirmar o sentido de suas vidas. Segundo Rios (2006, p. 66), “sentido que se perfaz na religação com o divino”. Entende-se que por meio da fé e da religiosidade, os quilombolas encontram o elemento agregador de pertença de grupo no que se refere ao espaço, ao seus ancestrais e a relação de proximidade que expressam ao Santo homenageado.

Nessa manifestação, destaca-se que a natureza do trabalho é o serviço voltado para os Santos Reis e para Nossa Senhora, sendo que, na festa, os foliões/foliãs ocupam-se de separar da atividade do dia a dia o que realmente importa, o que deve ser referenciado e celebrado. Logo, “este momento é associado a ocasiões de alegria, são, em sua diversidade, veículos de múltiplos sentimentos, afetos e comportamentos, que tanto podem afirmar traços identitários e relações de pertencimento [...]” (Gonçalves, 2020, p. 181).

Os integrantes do festejo (encarregado<sup>7</sup>, embaixador<sup>8</sup>, músicos e alferes<sup>9</sup>) cumprem seus afazeres de devotos a tocarem e a cantarem nas ruas e de casa em casa para os Santos Reis e festeiros, o que marca a rotina, a sociabilidade do espaço, as

---

<sup>5</sup>A reza consiste no momento do pagamento efetivo de uma promessa, quando o grupo de devotos, geralmente comandado por foliões ou por rezadeiras, fazem orações coletivas em favor do santo homenageado com a folia (Neves, 2016, p. 93).

<sup>6</sup>[...] festa é, portanto, sempre uma produção do cotidiano, uma ação coletiva, que se dá num tempo e lugar definidos e especiais, implicando a concentração de afetos e emoções em torno de um objeto que é celebrado e comemorado e cujo produto principal é a simbolização da unidade dos participantes na esfera de uma determinada identidade. Festa é um ponto de confluência das ações sociais cujo fim é a própria reunião ativa de seus participantes (Garinello, 2001, p. 972).

<sup>7</sup>O encarregado é o que organiza a festa e os foliões e foliãs. Ele pode vir a ficar a cargo da folia de um ano a três. Caso passe mais de um ano, ele deve completar três consecutivos, sendo que esse tempo deve resultar em um número ímpar, e não pode parar em número par. Caso o encarregado ultrapasse nove anos à frente da folia, ele se torna perpétuo nesse ofício.

<sup>8</sup>Ele é “um guardião dos saberes deste ritual, é ele o guardador das bases que operam a existência da folia de reis, é através dele que o significado de cada procedimento do ritual é repassado” (Machado, 2010, p. 55). E o embaixador da folia é mais que o encarregado, ele é o violeiro que faz a primeira voz no canto e faz a reza durante todo o ritual. Ele é visto com todo respeito, com toda consideração, ele é aquele que chama a atenção e bota os foliões/foliãs no rumo de seguir.

<sup>9</sup>Que porta a bandeira representando os três Reis Santos.

bençãos em que os Santos derramam e o Divino que se faz presente na terra. Na estrada, indo ao encontro de uma casa a outra, o sistema do giro da folia é marcado por regras, tais como: os foliões/foliãs devem ficar sempre atrás da bandeira; devem andar sempre à noite; não podem cruzar o mesmo trajeto duas vezes, além de evitar ter encontros<sup>10</sup> com outras folias.

Vários são os símbolos que compõem a trajetória dos foliões/foliãs e “para o culto, em uso ou não, são necessários os parâmetros, objetos sagrados com suas funções específicas [...]” (Tirapeli, 2020, p. 79). Um deles é a bandeira dos três Reis, que é composta por cinco cores: azul, vermelha, amarela, branca e verde. O vermelho, que ocupa a maior parte da bandeira, representa o Divino Espírito Santo e o azul retrata o manto que Nossa Senhora ofereceu aos Santos Reis em retribuição aos presentes que eles levaram a Jesus. As demais cores traduzem os três presentes recebidos pelo menino Jesus – o amarelo do ouro, o branco do incenso, e o verde da mirra – e, ao centro da bandeira, traz-se a imagem dos três Reis Magos diante o presépio.

Os giros<sup>11</sup> da Folia ocorrem somente à noite para lembrar a viagem dos Santos Reis em busca do menino Jesus. Tendo isso em vista, destaca-se a estrela de Belém que se encontra na bandeira como outro símbolo. E não menos importante em relação aos símbolos citados, está também o embaixador da folia, que é o detentor do saber. Ele é quem começa os cânticos, comanda os tocadores e é o primeiro a comer o banquete da festa.

No festejo, há toda uma organização a ser seguida. Existe a hora de cantar para agradecer, de louvar, de rezar, de comer, de dançar a catira e o momento específico para descansar. Contudo, além do embaixador da folia, é atribuída grande importância ao suplente,<sup>12</sup> às rezadeiras,<sup>13</sup> aos músicos e principalmente às cozinheiras (os) que preparam a farta alimentação que repõe a força dos que estão no encalço da bandeira de Santos Reis, uma vez que “o ritual da comida é marcado pelas cores e sabores, onde a memória se manifesta ao se preparar os alimentos e ao comer” (Simoni; Oliveira, 2015, p. 35).

Sobretudo nesta celebração, tem-se o canto que é indispensável, pois a musicalidade tem papel importante como elemento agregador de memórias e laços

---

<sup>10</sup>Sobre a folia de reis do quilombo São Félix de evitar o encontro com outra folia, o embaixador José Rosalino diz que é porque no encontro tem que fazer saudação e cantar, e toma tempo, daí se evita-o.

<sup>11</sup>O giro pode ser descrito como uma sucessão de visitas e pousos, intercalados por longas caminhadas ou cavalgadas por estradas, trilhas rurais ou pelas ruas de pequenos centros urbanos (Neves, 2016, p. 92).

<sup>12</sup>O companheiro do encarregado. Na falta do encarregado é o suplente quem fala pelo encarregado.

<sup>13</sup>O embaixador José Rosalino da Folia de Reis do quilombo São Félix é quem tira a reza e a ladainha.

identitários. Segundo Torres (2018, p. 146), “os sons possuem relação direta com a memória. Ao ouvir determinados sons, ou sequencias de sons, uma pessoa pode rememorar<sup>14</sup> momentos vividos no passado”. Os sons culturais produzidos pelos tocadores da folia narram a história bíblica dos três Reis Santos a caminho de Belém, o que caracteriza, então, o espaço-tempo da festa que leva os participantes a rememorem o culto da natividade, expressarem sua devoção e a cumprirem suas promessas ano após ano contribuindo para a permanência da tradição.

Decerto, compreendemos que os três Reis Santos são referenciados pelos foliões/foliãs por meio de suas práticas, saberes e expressões como as danças, a música, o modo de preparar os alimentos e pela forma de contar histórias, o que seria um meio de manterem viva a herança cultural e de transmiti-la por geração em geração. Em consonância com essa perspectiva, Simomi e Oliveira (2015, p. 35) entendem que é

nessa memória festiva que as gerações se encontram, tecendo e ressignificando essa tradição que, mesmo sendo explicitamente ligada ao catolicismo popular, resguarda no seu ritual a maior característica étnica desse grupo: a relação com o espaço onde viveram e vivem seus ancestrais, a relação entre os indivíduos, marcada pela fé nos ancestrais e pelo respeito aos mais velhos.

A memória desse grupo está presente nesse patrimônio cultural imaterial afro-brasileiro ressaltando seus fazeres e viveres, unindo os foliões, foliãs e festeiros por meio da devoção aos Santos Reis e buscando reafirmar politicamente seus trajetos e a sua identidade negra. Quanto à folia, o que se observa é que, com a modernização dos meios de transporte e de comunicação, houve transformações referentes a essa festividade popular e aos hábitos de grande parte das populações da cidade e da zona rural, pois os foliões/foliãs quilombolas tiveram que acompanhar o que a tecnologia trouxe de novo.

De acordo com Gonçalves (1996, p. 128), “o patrimônio está sempre em processo de desaparecimento, seu resgate jamais será completo, uma vez que aquilo que ele representa somente existe na medida em que se perde”. O que se percebe é que as velhas práticas tradicionais culturais que se perderam com a modernização não serão revividas como fora um dia por aqueles que não a conheceram.

---

<sup>14</sup>Significa trazer o passado vivido como opção de questionamento das relações e sensibilidades sociais, existentes também no presente, uma busca atenciosa relativa aos rumos a serem construídos no futuro (Galzerani, 2008, p. 21).

No entanto, diante as transformações sociais, os agentes da festa tentam manter vivas as velhas tradições, e o que os move nem sempre é o desejo de resgatar, mas trata de recriarem uma tradição, como aponta Lima (2022). Compreende-se que, dessa forma, possa ser possível manter a folia do quilombo São Félix viva na memória da comunidade e da cidade de Matrinchã. Outro fator circunstancial sobre a folia é a participação de pessoas de localidades vizinhas e de outras cidades. Para Silva (2013), esse processo é compreendido a partir da modernização dos meios de transporte que tornaram mais curta as distancias de um local ao outro, o que pode vir a aproximar culturas e tradições diferentes.

Percebemos na história a importância da manifestação cultural e religiosa, portanto a escolha deste tema tem como intuito proporcionar uma melhor compreensão da folia de Santos Reis, além da luta pelo reconhecimento, da existência e da permanência cultural quanto social do quilombo São Félix. Assim, a pesquisa tem como propósito desenvolver um trabalho com aspectos relevantes acerca da Folia de Reis como meio de aproximar o indivíduo de uma realidade histórica, levando-o a fazer uma reflexão diante a cultura contemporânea e promover novas discussões. Isso permitiria uma aprendizagem eficaz e significativa, que corroboraria com novos olhares em relação a essa manifestação popular.

Além dessas questões, trata-se, também, de uma possibilidade de desenvolver o resgate da nossa própria identidade e para o processo de transformação da sociedade no sentido de estimular a construção de valores e de hábitos que possam ser uma maneira de conscientização e de respeitar as escolhas e diferenças. Vale a pena identificarmos e ressaltarmos, ainda, a relevância acadêmica, isto é, será um trabalho que visa a contribuir para o debate do tema sobre a Folia de Reis do quilombo São Félix de Matrinchã-Goiás.

E, por fim, a escolha dessa temática também se justifica pelo fato de a pesquisadora pertencer a uma família quilombola, por habitar no quilombo São Félix e por ter envolvimento direto, enquanto bisneta, neta, e sobrinha de folião, dessa tradição religiosa-cristã. Em outras palavras, explicito, aqui, questionamentos e motivações que me levaram à pesquisa da temática deste relatório de mestrado. Isso advém sobremaneira de nossa história e de experiências vividas neste patrimônio cultural imaterial e por me identificar como uma mulher preta, quilombola, professora de história, pesquisadora e mestra.

Durante minha infância e adolescência, foram várias as experiências que tive com a folia, com a qual acompanhei vários giros de Santos Reis, bem como presenciei a folia por meio de pousos na casa de meus tios, avós e demais familiares e amigos (as) da família de meus pais da área rural e urbana da região de Matrinchã. A partir desse contato, muitos foram os sentimentos religiosos e de admiração para com os ritos e espaços onde percorria o festejo, fazendo-me sentir-me parte daquela historicidade mesmo que não tendo assimilação de que essa peregrinação fosse uma construção cultural. E em minhas memórias ficaram registrado cada momento de interação, dos cantos cantados e das alegrias demonstradas por cada pessoa reunida no festejo e das perdas dos foliões que eram amigos chegados de meu pai, que vieram a falecer e que fecharam ali sua missão naquela companhia.

Já a jornada acadêmica, durante o período de estágio (2014) feito no colégio de minha cidade, fora marcada por frustrações e conseqüentemente me provocou questionamentos e constrangimentos por constatar que os livros e o currículo escolar seguiam padrões de uma cultura considerada civilizatória, superior, branca e marcada pelo pensamento colonial. Essas evidências me provou o silenciamento da história e cultura das mulheres e homens negros, já que existia uma precariedade de fontes escritas a esse respeito. Porém, o pouco conteúdo que trata dos mesmos e de sua imagem é somente na condição de escravizados e, muitas vezes, sendo submetidos a castigos.

De acordo com Oriá, “nega-se ao negro a participação na construção da história e da cultura brasileira, tenha sido ele a mão-de-obra na produção da riqueza nacional” (2005, p. 380). Vê-se nesse ponto o quanto os negros/as são discriminados nos livros de história. De modo geral, os livros têm omitido o papel desses sujeitos como agentes históricos e deixaram de analisar o cotidiano deles na fazenda, no meio urbano, nos quilombos, suas formas de luta e resistência organizadas, suas práticas individuais, suas crenças, seus hábitos, seus costumes e suas tradições culturais.

E estas representações negativas e a pouca contextualização da história e importância do povo negro que não nos é contada e que chegam até os garotos/as que são afrodescendentes assim como eu acabam contribuindo para que o inconsciente só veja as negras/os na condição de inferioridade. Tais associações fazem-nos crescer achando que não existem boas referências de homens e de mulheres negras para poderem se espelhar, pois poucos/as são lembrados/as e ressaltados/as por seus feitos heroicos.

Além disso, constatei a carência por parte dos alunos/as e dos professores/as por não conhecerem e nem compreenderem a relevância de sua cultura local e a falta de discussão de temáticas sobre a história do patrimônio cultural imaterial quanto material regional e local do povo negro, a exemplo da folia de Reis. A esse respeito, Segala (2005) afirma que nossas práticas, com o patrimônio cultural, são marcadas pela exclusão das classes populares e pela negação da cultura dos povos indígenas e dos povos afrodescendentes em detrimento de uma elite eurocêntrica, restando, apenas, um entendimento discriminatório, preconceituoso e uma visão estereotipada e deturpada na memória cultural da sociedade.

Contudo, ao me incomodar com tais questões e com as práticas de ensino que estavam sendo naturalizadas de forma contraditórias na produção de conhecimento no espaço escolar, surgiu em mim o desejo de problematizá-las. Isso definiu minha trajetória profissional enquanto professora e mestranda, representando-me uma possibilidade de atuação transformadora e (re) significativa da minha prática educativa. Vi, então, a possibilidade em desenvolver propostas de aproximar e promover novos olhares sobre a história e a cultura patrimonial do quilombo através do Programa PROMEP – Mestrado profissional em Estudos Culturais Memória e Patrimônio.

Nesse sentido, a experiência como docente do mestrado e os diálogos realizados no decorrer do PROMEP ampliaram o meu conhecimento relacionado ao patrimônio cultural, memória, identidade, legislação, tradição, entre outros conceitos. E me levou a saber mais e a educar-me em termos culturais e patrimoniais, além de influenciar em minha prática docente pelas perspectivas étnico-raciais como forma de trabalhar a valorização étnica, cultural, patrimonial e pertencimento dos indivíduos da nossa comunidade. Assim, poderemos eliminar os preconceitos, racismos e estereótipos que estão enraizados historicamente na sociedade, no espaço escolar e que, infelizmente, vem permeando a cultura e etnia de origem afrodescendente e, por conseguinte, me aproximando cada vez mais de minhas raízes.

E a partir desses meios, o conhecimento, os valores, as crenças e as representações adquiridas vão sendo desenvolvidas e, com essa prática de ensino, possa vir a desenvolver a democratização do saber, debates de diferentes formas de pensamento e que possa acabar estimulando a aprendizagem cultural e da experiência vivida, fortalecendo concomitantemente este patrimônio imaterial.

Para uma melhor apreensão do objeto, utilizamos pesquisa bibliográfica com uma abordagem qualitativa, na qual a partir da análise das fontes e das bibliografias



pertinentes, tivemos como perspectiva enriquecer e trazer novos conhecimentos com este trabalho. Dessa maneira, uma pesquisa de abordagem qualitativa visa, de acordo com Minayo (1994, p.24), “compreender e explicar a dinâmica das relações sociais que, por sua vez, são depositárias de crenças, valores, atitudes e hábitos”. Sob tal óptica, este meio nos permitiu abordar características do quilombo São Félix em Matrinchã e da tradicional festa de Santos Reis e as questões sociais, culturais, identitárias das quais essa manifestação religiosa cultural está inserida.

No trabalho, contamos também com pesquisa etnográfica (fotografias) sobre o festejo de Santos Reis, no qual a organização do relatório foi composto. Esta é, segundo Geertz, uma prática de “estabelecer relações, selecionar informações, transcrever textos, levantar genealogias, mapear campos, manter um diário, e assim por diante” (1989, p. 15). Diante deste método histórico-etnográfico, buscamos aprofundar minuciosamente sobre o festejo de reis. O objeto fora, também, fundamentado na história oral. Segundo Verena Alberti (1996, p. 8), “[...] a história oral permite não apenas compreender como o passado é concebido pelas memórias, mas principalmente como essas memórias se constituíram”. Os resultados de nossa pesquisa serão compartilhados na forma impressa e por meio de vídeo documentário, no qual serão divulgados em redes sociais (*Instagram, facebook, WhatsApp* e *You Tube*) e espaços escolares no qual poderão ser utilizados como fonte de pesquisa e para possíveis efetivação de ações e projetos.

Os seguintes procedimentos metodológicos utilizados foram:

1. Levantamento bibliográfico da produção acadêmica acerca da Folia de Santos Reis do quilombo São Félix;
2. Coleta documental do material para análise e estudo;
3. Observação participativa no espaço do quilombo e nos locais onde os foliões/foliãs realizaram o ritual festivo da Folia de Santos Reis;
4. Pesquisa de campo e tabulação de dados;
5. Entrevista semiestruturada com questões sobre o tema estudado com os foliões/foliãs e festeiros que tem uma proximidade, vivência e saberes com o ritual de Santos Reis;
6. Análise e apresentação dos dados coletados;
7. Elaboração de vídeo documentário (material de divulgação), com o objetivo de demonstrar a riqueza da tradição popular da Folia de Reis da Comunidade qui-

lombola São Félix de Matrinchã, Goiás, que não se tem a atenção da sociedade e de pesquisadores/as.

Com o intuito de atender aos requisitos do programa de mestrado (PROMEP), este trabalho se estrutura em quatro capítulos. O primeiro capítulo corresponde à análise do processo histórico e apresentação do bem cultural da pesquisa que é a Folia de Reis do Quilombo São Félix de Matrinchã, Goiás. Para auxiliar no desenvolvimento dessa investigação, recorreremos a História da manifestação popular da Europa, do Brasil, do Estado de Goiás e da cidade onde se localiza o quilombo São Félix.

Quanto aos objetivos específicos, procuramos:

- a) Historicizar o bem cultural da pesquisa como possibilidade para visibilizar e aproximar os indivíduos do quilombo e da sociedade da realidade histórica deste festejo imaterial;
- b) Discutir as práticas culturais da folia de Reis;
- c) Entender as crenças, as vivências e a identidade coletiva dos agentes e produtores da folia de Santos Reis;
- d) Elucidar a importância da manifestação da folia na memória cultural dos indivíduos do quilombo e da cidade de Matrinchã;
- e) Elaborar um produto que potencialize o festejo ritualístico da Comunidade Quilombola São Félix e que dialogue tanto com os agentes e produtores da festa, quanto com a sociedade.

Partindo desses pressupostos, iniciamos o capítulo ao abordarmos sobre a instalação de quilombos no Brasil, em Goiás e na região de Matrinchã. Percorremos, portanto, os períodos coloniais brasileiros, o da redemocratização do país com a propagação da Constituição de 1988, e por fim analisamos sobre a difusão da folia de Santos reis no interior do Brasil. E no primeiro tópico do segundo capítulo, elucidamos a importância da manifestação da folia na memória cultural dos indivíduos do quilombo e da cidade de Matrinchã, ao darmos ênfase às crenças, às vivências, à identidade coletiva e ao sentimento de pertença dos agentes e produtores da folia de Santos Reis.

Para atingir tais objetivos e fundamentação teórica nesse capítulo, abordamos os principais conceitos que nortearam a presente pesquisa, tais como “lugares de memória” segundo Pierre Nora (1993) e Paul Ricoeur (2007); “Identidade” na visão de Stuart Hall

(2021); “Catolicismo popular” em Emerson Sousa (2021) e para o aprofundamento sobre a folia foram utilizados autores como Carlos Brandão (2004), Tito Coelho, Carlos Maia (2011) e Jadir Pessoa (2005) e na análise sobre “Hibridismo”, Nestor Clanclini (2011) e “Fronteira” na percepção de Peter Burke(2003) e Gabriela Frizzo (2013).

Cabe ressaltar que neste tópico serão apresentadas entrevistas dos agentes que participam diretamente do bem cultural do qual foram cedidas por meio do Termo de Consentimento Livre Esclarecido (TCLE). As seguintes pessoas entrevistadas foram: José Rosalino da Costa Quintanilia, Eliaquín Lopes Curcino, Valdirene Ribeiro de Araújo, Benigno Rodrigues da Cunha, Josefina Barbosa da Cunha, Djari Xavier de Godoi, Eva Libaino de Souza Xavier, Irineu Teodoro da Mata e Pedro Rodrigues da Cunha. Destacamos que o critério de escolha desses entrevistados(as) foi a partir do histórico de participação deles nas atividades de peregrinação durante a folia como: na condução das orações, dos cantorios, organização da comensalidade, da escolha das casas dos pousos, da coleta das esmolos, entre outros.

Cabe mencionar que estes foliões/foliãs, há anos, atuam e vivenciam esta experiência na companhia de reis do quilombo São Félix. Os depoimentos foram importantes para o encaminhamento de nosso estudo, no qual os testemunhos e vivências de cada membro, durante a jornada religiosa, proporcionou a possibilidade de novas interpretações de suas realidades sociais, visto que o grupo de foliões/foliãs não produziu escritos de sua atuação no festejo desde sua existência. Vale ressaltar que, além dos depoimentos, foram também coletados, junto ao grupo de Santos reis canções, vídeos e fotografias.

Já no segundo tópico do segundo capítulo, pautamos as etapas da pesquisa realizada e descrevemos os conceitos, as metodologias, os resultados obtidos e o material selecionado que irá para a elaboração do produto. No terceiro capítulo, focamos em apresentar a proposta de produto (vídeo documentário) desde sua elaboração em formato digital, o custeio e o formato de divulgação. Em seguida, apresentamos e justificamos o público-alvo a que se destina e o impacto esperado sobre a comunidade e a rede de ensino local para preservação do bem cultural.

No quarto e último capítulo, trazemos uma proposta indicativa de como fazer uso, de como empregar o produto, o local onde ele será aplicado e a forma da devolutiva para os membros da comunidade participante do trabalho. Diante dessas nuances, que tal mergulharmos nesta aventura em conhecer este patrimônio cultural imaterial com mais afinco para que possamos compreender a maneira como os devotos/as de Santos

Reis delineiam suas vidas por meio da fé, levando-os a doar parte de seu tempo na organização da festa de Reis?

## 1. O FESTEJO DA FOLIA DE SANTOS REIS: DISCUSSÃO TEÓRICO-METODOLÓGICA

Neste capítulo propõe-se apresentar o processo histórico sobre a instalação de quilombos no Brasil, no Estado de Goiás e na região de Matrinchã. A partir deste contexto começamos pautando sobre os períodos coloniais brasileiros, demonstrando o regime escravocrata com suas formas hostis e a constituição dos quilombos com a decorrência da resistência negra. Bem como o processo da redemocratização do país com a propagação da Constituição de 1988 e a reivindicação dos reconhecimentos e direito do povo negro de permanecer nas terras que ocupam, e por fim analisamos sobre a origem dos três reis Magos e a propagação da folia de Santos Reis pela Europa e no interior do Brasil.

*A história precisa ser cultivada, para que não nos esqueçamos das nossas trajetórias e, assim, possamos assegurar a certeza de quem somos.*

*(Mendonça, 2004)*

### 1.1 Território negro: história e cultura popular

No Brasil, durante o regime da escravidão, os negros africanos eram contrabandeados em navios de tráfico negreiro e, durante esse período, as comunidades quilombolas se espalharam pelo território brasileiro, nos estados de Alagoas, Bahia, Goiás, Mato Grosso, Minas Gerais, Pernambuco, Acre e Roraima. Esses quilombos, que eram ocupados pelos negros(as), se tornaram espaços de resistência, de reprodução de saberes, de práticas sociais e principalmente de reprodução da cultura. Os quilombos<sup>15</sup> atualmente são reconhecidos como comunidades negras e elas evidenciam

---

<sup>15</sup>“A palavra quilombo tem origem na língua banto e se aproxima de termos como: habitação, acampamento, floresta e guerreiro. Na região central da Bacia do Congo, significa ‘lugar’ para estar com Deus” (Anjos, 2006, p. 67).

manifestações culturais por meio da sua relação forte com o passado. A esse respeito, Neves destaca que:

[...] a partir da constituição Brasileira de 1988, o quilombo adquire uma significação atualizada. Com a inclusão do termo comunidade remanescente de quilombo, os membros dessas comunidades passaram a se afirmar como quilombolas, não mais no sentido do período escravista, mas “ressignificado” para afirmar um sujeito portador de direitos coletivos vinculados a uma ancestralidade negra, a um território historicamente construído por seus antepassados, a um processo de resistência para manter-se no lugar onde historicamente viveram e construíram por meio de uma territorialidade como um lugar de pertencimento vinculado à uma organização social singular (Neves, 2016, p. 12-13).

A presença dos negros e das negras escravizados surge no estado de Goiás em razão da mineração e devido serem submetidos a maus tratos, trabalhos excessivos e a violências, causando revoltas e resistências como por exemplo guerrilhas e fugas para locais que era difícil ter acesso, e ali organizavam mocambos ou quilombos. A capitania de Goiás era um local propício para a formação dos quilombos, pois havia vários fatores que contribuía para a sua constituição, como o fato de que se encontrava isolada dos importantes centros administrativos e longe das cidades litorâneas como Salvador, Bahia, Rio de Janeiro. Além disso, o número de militares que ficavam responsáveis de vigiar, fiscalizar as minas e manter a ordem do território ou até mesmo destruir os quilombos eram poucos. Destaca-se, também, que a população negra na capitania era maior do que a branca; este fator contribuiu para frequentes revoltas e erguimentos de quilombos.

O censo de 1779 para Goiás esclarece que os “pretos” constituía, a depender da localidade entre 45% e 80% da população. Nas cidades mineradoras [...] e Arraias, onde os quilombos mais davam trabalho aos portugueses, 70% ou mais da população seria definida como constituída por “pretos” (Karasch, 2012, p. 276).

Entende-se que, para os negros africanos, os quilombos representavam um sistema social próprio de resistência e de repulsa à submissão de trabalhos forçados, bem como a violência, a exploração e a crueldade impostas pelo regime escravocrata. O decreto 4887/2003 regulamenta e reconhece a identificação de quilombolas remanescentes, delimita e demarca as terras ocupadas pelos mesmos, e estabelece territorialidade neste espaço de luta.

O decreto define, ainda, que os quilombolas são todos aqueles que se autoatribuem como tal e que tenham relação territorial com as comunidades quilombolas habitadas pelos descendentes de negros(as) escravizados, haja vista que os quilombos são ‘territórios’ étnico-raciais com “ocupação coletiva baseada na ancestralidade, no parentesco e em tradições culturais próprias” (Corrêa, 2016, p. 2).

Tendo em vista a compreensão sobre o surgimento do quilombo São Félix na região de Matrinchã, partimos do contexto histórico do uso e ocupação da terra do cerrado goiano ocorrida com a atividade mineradora que se deu com a chegada dos portugueses. A partir de 1725 a 1731 houve-se o processo de invasão com a formação dos primeiros arraiais<sup>16</sup>, a exemplo o arraial de Santa Anna que fora fundado por Bartolomeu da Silva, e que foi erguido próximo ao rio vermelho e o arraial Meia Ponte que ficava as margens do Rio das Almas. Cabe evidenciar que com o início desta ocupação da terra ao longo da bacia hidrográfica do Rio Vermelho provocou o extermínio de indígenas Caiapós e Goyases que ficavam próximos da Serra Dourada e os Karajás que se encontrava próximo as margens do Rio Araguaia.

E durante tal exploração de ouro a região de Matrinchã, onde se encontra o quilombo São Félix era rota dos viajantes e tropeiros que faziam este percurso entre a antiga capital Vila Boa de Goiás, Mato Grosso e Pará. Próximo à cidade existia o presidio de Jerupensem, local que ficava perto da margem do rio vermelho, e que era um posto de cobranças de impostos do rei, o qual era por meio dele que se estabelecia relações comerciais com o porto de Leopoldina (atual cidade de Aruanã<sup>17</sup>), que se localizava na beira do rio Araguaia.

Pode-se evidenciar que historicamente a origem do quilombo remanescente São Félix tem enraizamento nos Arraiais das Antas e Santa Rita, no período da mineração, no qual os fundadores foram negros e negras escravizados que fugiram das regiões litorâneas em busca de liberdade e sobrevivência. Nesse sentido,

Arraial, [...] por neste lugar entrar o rio dos Burges no vermelho, dista da vila cinco léguas, tem capela de Nossa senhora do Rosário, filial da vila. Tem de quartel uma companhia de ordenança, do termo da mesma vila [...] Arraial, Anta, assim denominado porque a primeira coisa mais notável que ali sucedeu, ainda antes de ser patente o seu ouro, foi matar-se ali uma anta (Bertran, 1997, p. 74).

---

<sup>16</sup> Os arraiais foram os primeiros povoados implantados junto aos pontos de mineração.

<sup>17</sup> Município do Estado de Goiás que se localiza no encontro dos rios Vermelho e Araguaia, na planície de um grande vale.

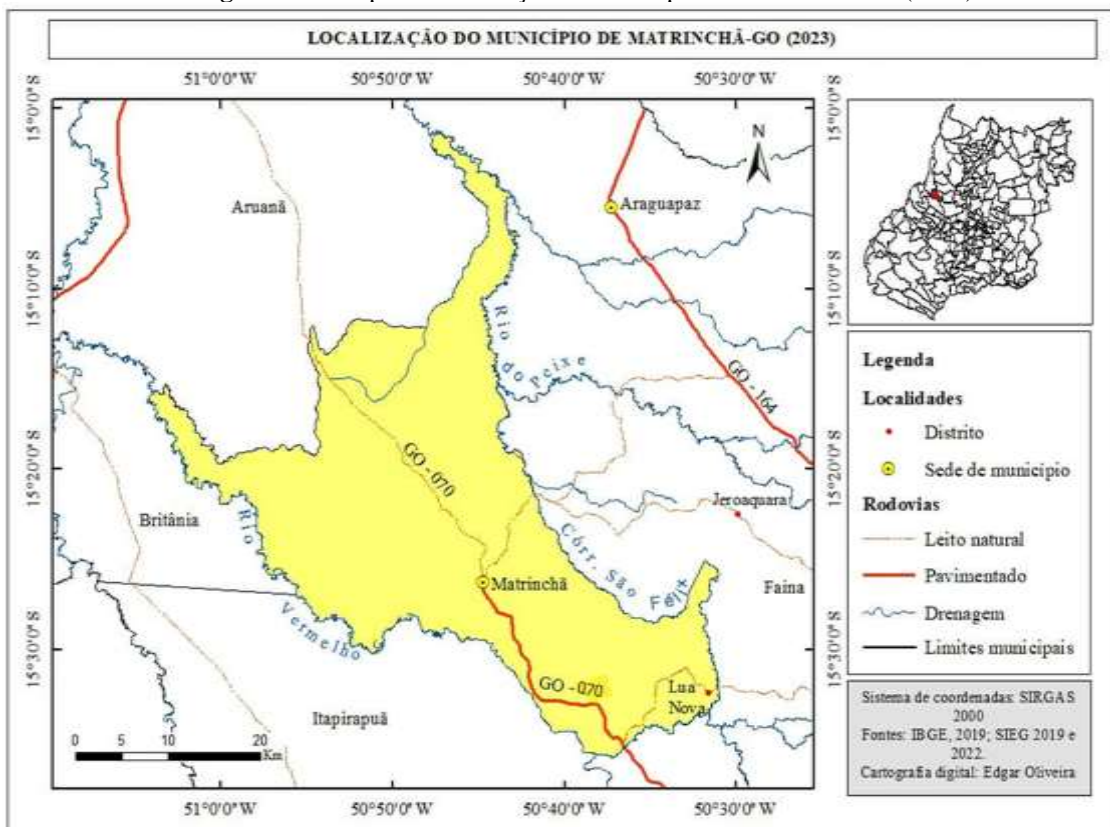
O arraial de Anta fora implantado no ano de 1729 e o povo do Arraial vivia de pescarias, da lavoura, da mineração e cuidava do gado. Muitos se envolviam em assaltos e até guerreavam com os indígenas por causa de suas esposas e até mantinham relações e negociavam com o povo negro que eram “libertos”. Nas duas primeiras décadas do século XXI, a maioria dos afrodescendentes desses quilombolas vivem na zona rural e uma pequena parte habita na zona urbana, trabalhando em diversas atividades após venderem ou por serem expulsos de suas terras pelos poderosos latifundiários. Portanto, é visto que o quilombo remanescente é rural e urbano. Por haver uma grade expressividade de pessoas negras existindo na região de Matrinchã, houve a vinda da equipe da Fundação Palmares de Brasília, juntamente com a equipe da superintendente inter-racial de Goiás, no qual concluíram a existência do quilombo.

Com isso, em 20 de dezembro de 2018, a comunidade remanescente de quilombola do município de Matrinchã-Goiás foi reconhecida pela Fundação Palmares, sendo registrada no livro de Cadastro Geral nº 019, Registro nº 2717, fl. 139, nos termos do Decreto. Nesta mesma data, os membros da associação quilombola foram à Brasília para receber da Fundação Cultural Palmares o certificado de reconhecimento de sua origem e de seus direitos que, até então, não eram do conhecimento da maioria dos quilombolas.

A comunidade quilombola remanescente até o presente momento é composta por 195 famílias e se encontra localizada na região do município de Matrinchã-Goiás. Assim, como todos os outros municípios do Estado de Goiás, a cidade de Matrinchã está situada no Planalto Central, da mesorregião noroeste goiano e na microrregião do rio vermelho. Essa microrregião é formada pelos municípios de Faina, Araguapaz, Aruanã, Britânia e Itapirapuã e pelos distritos chamado Lua Nova e Jeroaquara de acordo com a (figura 01).



**Figura 01** – Mapa de localização do município de Matrinchã-GO (2023)



Fonte: Cartógrafo Edgar Oliveira (2023)

Em função da comunidade quilombola ser reconhecida a pouco tempo, ainda não foi demarcado o seu território. O quilombo do São Félix ainda está em fase de identificação e delimitação pelo Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA). Em consonância com essa perspectiva, o autor Oliveira destaca que

Em pleno século XXI, os movimentos sociais continuam suas lutas pela conquista da reforma agrária no Brasil. As elites concentradoras de terra, respondem com a barbárie. Assim o país prossegue no registro das estatísticas crescentes sobre os conflitos e a violência no campo. A luta sem trégua e sem fronteiras que travam os camponeses e trabalhadores do campo pelo um pedaço de chão e contra as múltiplas formas de exploração do seu trabalho amplia-se por todo canto e lugar, multiplica-se como guerrilha civil sem reconhecimento. Essa realidade cruel é face da barbárie que a modernidade gera no Brasil (Oliveira, 2013, p. 103-104).

Nos últimos vinte anos, os descendentes de africanos vem reivindicando o direito de permanecer e o reconhecimento legal das terras que os negros ocupam a séculos, bem como a liberdade de exercer suas práticas culturais, crenças e valores. Leite (2000, p. 333), por seu turno, ressalta que “o traçado da fronteira étnico-cultural

no interior do Brasil/nação esteve, portanto, sempre marcado pela preservação do território invadido e ocupado no processo colonial e por inúmeros conflitos de terra que remontam aos dias atuais”. Trata-se de questões relevantes que constituem o quilombo desde as primeiras formas de resistências dos africanos ao escravismo colonial e que persiste, tendo na atualidade importante proporção na luta dos afrodescendentes.

Desde a ocupação e exploração do continente brasileiro, negros e indígenas, em diversos momentos, se aliaram e lutaram contra todos os métodos de desapropriar seus corpos, bens e direitos. Porém, os negros foram alvos de questionamentos sobre a legitimidade de possuírem um espaço no qual ali pudesse ser organizado em conformidade com suas condições, valores e práticas culturais.

Em diversas partes do Brasil, principalmente posteriormente a Abolição da Escravatura (1888), os negros(as) têm sido depreciados e seus lugares de habitação são ignorados pelo poder público, bem como são postos em dúvida por grupos recém-chegados no qual obtêm poder e legitimidade juntamente com o Estado. Esses motivos esclarecem que

o usufruto, a posse e a propriedade dos recursos naturais tornaram-se, ao longo do processo de formação social brasileira, cada vez mais, moeda de troca, configurando um sistema disfarçadamente hierarquizado pela cor da pele e onde a cor passou a instruir níveis de acesso (principalmente à escola e à compreensão do valor da terra), passou mesmo a ser valor “embutido” no “negócio”. Processo de expropriação reforçaram a desigualdade destes “negócios”, de modo a ser possível hoje identificar nitidamente quem foram os ganhadores e perdedores e quem, ao longo deste processo, exerceu e controlou as regras que definem quem tem o direito de se apropriar (Leite, 2000, p. 335).

No Brasil, a primeira Lei de terras que foi escrita e firmada no ano de 1850<sup>18</sup> excluiu os africanos e seus descendentes da condição de brasileiros, no qual foram separados em uma nova categoria: a de “libertos”. É percebido que os negros foram retirados do espaço que escolheram para moradia e sustento. A referida medida constitui mais um dos casos que explicitam como os negros vem sendo alvo de violência, abuso de poder, racismo e discriminação racial:

---

<sup>18</sup>Trata-se da formulação e implementação da Lei Eusébio de Queirós ou lei n.º 581/1850 que fora promulgada no Segundo Reinado, o qual proibiu a entrada de africanos como escravizados no Brasil e criminalizava quem infringisse a lei. Segundo Santos e Magalhães (2013, p. 08), “nessa lei, os navios brasileiros que estivessem aparelhados para o tráfico negreiro, eram passíveis de captura pelas autoridades brasileiras, sendo declarada pirataria e os principais envolvidos estariam sujeitos a punições, os navios seriam vendidos e os negros capturados seriam reenviados a expensas do Brasil”.

Saliente-se que preconceito étnico-racial é uma indisposição, um julgamento prévio e negativo que expressa opiniões intolerantes baseadas em estereótipos que se aliam a discriminações. Já a discriminação étnico-racial, muito equivalente ao racismo, diz respeito à efetivação do preconceito, ou seja, são ações, ou omissões, contra uma pessoa, ou um grupo de pessoas (Dias, 2012, p. 9).

Apesar do fim da escravidão, essas práticas hostis vêm sendo uma realidade presente na sociedade brasileira, levando as negras e negros a serem alvos de olhares retorcidos que os aprisionam dentro de uma teia de preconceito e racismo, mesmo o racismo sendo crime, eles são tratados com indiferença e tem sua imagem representada de forma inferior à do homem/mulher branco/a. Devido à consolidação do racismo na sociedade, a identidade do país foi e ainda vem sendo construída, desvalorizando, assim, a cultura negra e trazendo implicações na luta pela titulação das terras. Munanga (2015, p. 25) volta-se sobre essa problemática e afirma que

o problema fundamental não está na raça, que é uma classificação pseudocientífica rejeitada pelos próprios cientistas da área biológica. O nó do problema está no racismo que hierarquiza, desumaniza e justifica a discriminação existente. No entanto o racismo no século XXI não precisa mais do conceito de raça, pois se fundamenta sobre novas essencializações.

Por todo exposto, compreende-se que o quilombo, em seu estágio presente, exprime para os afrodescendentes não apenas a ideia de ter um passado rememorado, mas de lutar contra o racismo e de obter direito de reconhecimento da diversidade cultural brasileira. Leite (2000, p. 335) endossa essa perspectiva que nós nos valemos e ressalta que o quilombo “inaugura uma espécie de demanda, ou nova pauta na política nacional: afrodescendentes, partidos políticos, cientistas e militantes são chamados a definir o que vem a ser o quilombo e quem são quilombolas”, passando a ser debatido nos meios políticos, acadêmicos e nos movimentos sociais<sup>19</sup> as realidades vividas pelos descendentes de escravizados e comunidades quilombolas.

Concorda-se, então, que o quilombo se emerge novamente como reivindicação a uma “dívida” que “a nação brasileira teria para com os afro-brasileiros em consequência da escravidão, não exclusivamente para falar em propriedade fundiária” (Leite, 2000, p.

---

<sup>19</sup>“Não é por acaso que estamos assistindo a uma considerável translação de “especialistas” (ONG’s e antropólogos) de um tema ao outro, lançando mão do instrumento crítico e do acúmulo das técnicas de mediação e intervenção sobre a “terra indígena”, para uma atuação sobre as “terras de pretos”, ou como insistem nossos legisladores, terras de “comunidades remanescentes de quilombos” (Arruti, 1997, p. 2).

339). Entende-se que as leis 10639/03 e 11645/08 têm essa função reparatória no intuito da construção histórica brasileira mais plural. No entanto, a partir da Constituição Federal de 1988,<sup>20</sup> a luta ganha o cenário nacional por meio da ascensão de ações afirmativas,<sup>21</sup> de políticas de reconhecimento, de novos sujeitos e de novos territórios.

É primordial entendermos que os quilombos, sejam rurais ou urbanos, são um local central para a luta quilombola e, ao mesmo tempo, é um espaço ícone de costumes, crenças, festas religiosas e tradições milenares da cultura negra. E dentre os diversos aspectos de organização sociocultural que podemos identificar, em Matrinchã, é a Folia de Reis. Trata-se de uma festa tradicional que movimenta a comunidade em uma rede de acontecimentos coletivos que faz parte da memória do quilombo São Félix. Compreende-se que o ritual festivo da folia contém aspectos identitários culturais “[...] que permitem a articulação social e simbólica tanto intracomunitária quanto extracomunitária” (Neves, 2016, p. 13).

### *1.1.1 Os três Reis Magos e sua origem*

A celebração da Folia de Reis teve sua propagação pela Europa durante a Idade Média, período no qual se tornou uma herança cultural que se fez presente em diversas regiões da Europa e do Brasil. Ela é uma prática cultural do catolicismo que veio se transformando e adquirindo especificidades e singularidades próprias em cada lugarejo. No que se refere à sua adaptação às especificidade do quilombo São Félix, este festejo caracterizou-se como uma representatividade da vida social e, conseqüente, dos ensinamentos passados de geração em geração pelos indivíduos que lideram a manifestação cultural:

A folia de Reis é um grupo de andarilhos que perfaz um caminho circular por espaços determinados e determinantes [...], formados por foliões e suas bandeiras emoldura cenários previamente planejados e

---

<sup>20</sup>“O texto da Constituição Federal de 1988, fruto de uma ativa mobilização social, ao instituir o artigo 68 das Disposições Constitucionais Transitórias (ADCT), deu um passo importante para o reconhecimento dessa realidade ao estabelecer que aos remanescentes das comunidades dos quilombos que estejam ocupando suas terras é reconhecida a propriedade definitiva, devendo o estado emitir-lhes os títulos respectivos. Com esse artigo a Constituição Federal acena para o reconhecimento da diversidade étnica e cultural brasileira” (Neves, 2016, p. 74).

<sup>21</sup>“As ações afirmativas “consistem em políticas públicas (e também privadas) voltadas à concretização do princípio constitucional da igualdade material e à neutralização dos efeitos da discriminação racial, de gênero, de origem nacional e de compleição física” (Gomes, 2001, p. 6).

esperados para efetivação de rituais tradicionais que integraram as mentalidades medievais, influenciaram e foram influenciados pelo cristianismo. E desde então compõem o modo de ser no mundo das pessoas que vivenciam uma manifestação que há muito tempo existe na história da humanidade (Caroline Lôbo; Santana Lôbo, 2012, p. 392).

A folia de Reis é compreendida como uma manifestação popular<sup>22</sup> originária de Portugal. Quando se trata desta manifestação, percebe-se que em diferentes períodos da história do Brasil há a existência de diferentes termos para a religiosidade das camadas ditas populares. Relacionada a essa questão, Chauí (1993, p. 73) se vale do termo ‘Catolicismo Popular’, no qual ela define que é caracterizado “pela presença marcante dos leigos como estimuladores da vida religiosa, como as irmandades, as procissões, as festas”.

Já Peter Burke, por sua vez, utiliza-se da denominação ‘hibridismo cultural’ em que, segundo ele, “[...] devemos ver as formas híbridas como o resultado de encontros múltiplos e não como o resultado de um único encontro, quer encontros sucessivos adicionem novos elementos à mistura, quer reforcem os antigos elementos [...]” (2010, p. 31). Vemos que a religiosidade desse grupo sempre foi marcada pela busca de re-interpretações e re-significações, que acabou sendo incorporada aos já existentes.

Segundo Pinto (2009, p. 1), “as folias foram festas populares, de origem europeia, dedicadas aos três Reis magos em sua visita a Jesus, o Deus menino, e ainda vivas em vestígio visíveis”. É interessante notar que os três Reis Magos são personagens centrais na folia, no qual eles norteiam o universo religioso dos homens e mulheres que devotam suas vidas aos mesmos. Pode-se entender que essa manifestação cultural religiosa segue viva no imaginário<sup>23</sup> contemporâneo e é comemorada até hoje. Essa tradição chegou no Brasil por volta do século XVI e se expandiu pelos estados brasileiros. Por isso,

a Folia de Reis, ou Festa de Santos Reis é uma manifestação cultural religiosa e festiva de origem cristã que é praticada pelos adeptos do catolicismo. Foi trazida para o Brasil provavelmente no século XVI pelos colonizadores portugueses, tendo como a principal finalidade o

---

<sup>22</sup>“O termo pode significar ‘a maioria da população’, por oposição à minoria; algo ‘pertencente a extratos inferiores da população’, por oposição a práticas da elite; ou ainda ‘extra-oficial’, no sentido de estar fora do controle ou da regulamentação da autoridade instituída, por oposição a uma religião ‘oficial’” (Menezes, 2003, p. 2).

<sup>23</sup>“[...] é a faculdade originária de pôr ou dar-se, sob a forma de apresentação de uma coisa, ou fazer aparecer uma imagem e uma relação que não são dadas diretamente na percepção” (Trindade, 1997, p. 24).

intuito de rememorar a visita dos três Reis Magos quando do nascimento de Jesus Cristo na cidade de Belém da Judeia [...]” (Souza; Mota; Silva, 2019, p. 3).

Os Reis Magos Gaspar, Baltazar e Belchior não se conheciam, mas segundo a história católica, da passagem da bíblia do evangelho de Mateus, conta que receberam instrução divina e se encontraram pelo caminho e foram conduzidos até o local de nascimento do menino Jesus pela estrela do Oriente. A folia de Santos Reis tem como missão anunciar o evangelho e na festa seus integrantes com suas vestimentas próprias ou não, vão ao encontro dos amigos ou de pessoas conhecidas na véspera de Reis que é 6 de janeiro, cantando, dançando e até mesmo entoando versos referente a data de Santos Reis e pedir alimentos ou dinheiro.

Podemos analisar que essas manifestações tradicionais são formas de representações de uma dada comunidade que estão presentes nos versos cantados pelos foliões, nas roupas, nos símbolos e em diversos pontos que compõem tal festividade. De acordo com Pinto (2009, p. 1), “[...] na folia [...], pode se observar traços reveladores da dinâmica cultural, assim como dos agentes e produtores de cultura que desfrutam e dela participam”.

Compreende-se que a festa de Reis da contemporaneidade ocupa a memória e é caracterizada pelas práticas culturais<sup>24</sup> dos indivíduos e da sociedade no qual fazem parte. Nessa cerimônia, pode-se analisar vestígios da dinâmica cultural e dos foliões e de todos que participam e desfrutam dessa manifestação festiva. Os participantes são os contemporâneos da festa e, por meio dela, exprimem a realidade e revivem a sacralidade da folia de Reis e manifestam a importância dela para transmissão de sua herança cultural. Esta festa religiosa, como fenômeno cultural, revela as “[...] crenças e as vivências demarcadas por um tempo e por uma identidade coletiva” (Jurkevics, 2005, p. 74).

A história inicial dos três reis magos é narrada no evangelho canônico de Mateus, do livro do Novo testamento. Todavia, destacamos que na escritura não é mencionado o fato de serem reis e nem que eram três pessoas. Estes foram assim elevados pela tradição popular. Há várias interpretações e especulações históricas da sagrada escritura sobre os reis magos, sendo uma delas que eles poderiam ter sido astrônomos e astrólogos, ao qual interpretaram por meio da observação dos planetas

---

<sup>24</sup>“As práticas culturais [...] representam o modo como, em uma determinada sociedade, os homens se comunicam, comem e bebem, sentem-se e andam, tratam seus parentes [...], ou seja, os modos de vida; as atitudes ou normas de convivência” (Pinto, 2009, p. 2).

Júpiter e Saturno que formavam a estrela de Belém a tradição israelita<sup>25</sup> do anúncio do nascimento<sup>26</sup> de um rei (Jesus). O relato do evangelho de Mateus transcreve a caminhada destes magos guiados pela estrela de Belém e a perseguição de Herodes que se sentiu ameaçado pelo nascimento de Jesus.

Tendo, pois Jesus nascido em Belém de Judá, no tempo do rei Herodes, eis que magos vieram do Oriente a Jerusalém. Perguntaram eles: “Onde está o rei dos judeus que acaba de nascer? Vimos a sua estrela no Oriente e viemos adorá-lo”. A essa notícia, o rei Herodes ficou perturbado e toda Jerusalém com ele. Convocou os príncipes dos sacerdotes e os escribas do povo e indagou deles onde havia de nascer o Cristo. Disseram-lhe: Belém, na Judeia, porque assim foi escrito pelo profeta [...], Herodes, então, chamou secretamente os magos e perguntou-lhes sobre a época exata em que o astro lhes tinha aparecido. E, enviando-os a Belém, disse: “Ide e informai-vos bem a respeito do menino. Quando o tiverdes encontrado, comunicai-me, para que eu também vá adorá-lo”. Tendo eles ouvido as palavras do rei, partiram (Bíblia, 2018, p. 1.285).

Para tanto, após o encontro com o rei Herodes, os magos não passaram a localização do nascimento de Cristo, pois perceberam que ele havia ficado contrariado com tal notícia. E como conta a narrativa, os três reis magos continuaram a seguir a estrela guia até a cidade de Nazaré e, em uma noite fria, se depararam com uma manjedoura, onde se encontrava uma mulher de nome Maria<sup>27</sup> com um recém-nascido e, naquele momento, de imediato, o reconheceram como aquele rei desconhecido que procuravam e assim começaram a homenageá-lo com presentes (ouro, mirra e incenso<sup>28</sup>).

Percebemos nessa passagem da narrativa sobre os personagens dos Três Reis magos, ou Santos Reis como são conhecidos pela tradição do catolicismo popular, a importância do nascimento de Cristo que se tornou como fundamento para estruturar o ritual católico do Natal e difundir as histórias bíblicas por toda Idade Média até os dias

---

<sup>25</sup>Israel é o povo sacerdotal de Deus, aquele sobre o qual “é invocado o nome do Senhor” É o povo daqueles “aos quais Deus falou em primeiro lugar”, o povo dos “irmãos mais velhos” da fé de Abraão (Catecismo, 2022, p. 40).

<sup>26</sup>[...]é o cumprimento de promessas e das preparações. [...] O nascimento de Jesus como o messias prometido a Israel (Catecismo, 2022, p. 137 – 151).

<sup>27</sup>[...]Uma filha de Israel, uma jovem judia de Nazaré na Galileia, “uma virgem prometida em casamento a um homem de nome José, da casa de Davi. Mãe de Deus pela concepção humana do filho de Deus em seu seio (Catecismo, 2022, p. 145-152).

<sup>28</sup>O ouro representa a riqueza, por ter nascido o rei do mundo Jesus Cristo. O incenso representa a purificação e é usado até hoje na igreja. E a mirra representava a imortalidade” (Vieira; Santiago; Reis; 2020, p. 11).

atuais. Contudo, na história, há diferentes lendas no qual o imaginário popular construiu e difundiu ao longo dos séculos por meio da tradição oral, sendo um deles que a figura de Baltazar era negra.

Conforme Mendes (2007, p. 45), foi “por isso que os outros dois reis o abandonaram a fim de que apenas eles pudessem adorar ao menino Jesus. Segundo essa tradição oral, Deus mostrou a Baltazar o caminho mais próximo à manjedoura, para que esse fosse o primeiro a encontrar o menino”. Tal fundamentação mítica que relata a resistência étnica do rei negro resgatado por Cristo deu origem a celebração da folia, o que promoveu e reforçou a comunhão do divino com os devotos e a adoração a Jesus de Nazaré.

A realeza negra (Baltazar), devido às diversas construções étnicas, culturais, míticas e as mudanças sociais que se teve no ritual da folia, fora reconhecido obtendo uma legitimação bíblica e, no tempo da colonização do Brasil, as festas de origem africanas o celebravam por meio da variedade peculiar de suas devoções e gestos. Nesse ínterim, conforme destaca Silva, “os africanos marcaram fortemente a devoção popular” (2012, p.37).

Diz a tradição que os três reis Santos, após o encontro com o rei Deus, partiram para sua terra natal por direções diferentes, porque Herodes havia ficado perturbado por ter sido enganado em relação ao local de nascimento de Jesus. Logo mais tarde vieram a se encontrar novamente e tempos depois faleceram. Segundo a lenda, foram transformados em reis nos meados do século III, na Turquia, e sendo denominados como Santos somente a partir do século VIII, levando-os a serem venerados por diferentes lugares da Europa como demonstra Jadir Morais Pessoa:

Isso se deve à chegada dos restos mortais destes três entes míticos, lendários, imaginários, mas, enfim, tão reais na cultura popular brasileira; à catedral de Colônia (Alemanha), em 1164. Para lá foram trasladados de Milão (Itália) como despojos de guerra numa conquista de Frederico Barbarrocha. E para Milão teriam sido levados no século IV ou V como presente especial da Imperatriz Helena, de Constantinopla (Pessoa, 2005, p. 77).

Em seguimento da narrativa bíblica, Herodes, como não sabia exatamente onde se encontrava aquele que supostamente ameaçaria sua hegemonia como rei dos judeus, mandou que fossem eliminadas todas as crianças do sexo masculino com a idade de até



dois anos. Devido a ordem do rei da Judeia, os pais de Jesus (Maria e José<sup>29</sup>), em busca de proteção, o levaram para o Egito, no qual retornou somente quando tornou-se adolescente como podemos enfatizar no evangelho de Mateus:

[...] um anjo do Senhor apareceu em sonhos a José e disse: “Levanta-te, toma o menino e sua mãe e foge para o Egito; fica lá até que eu te avise, porque Herodes vai procurar o menino para o matar”. José levantou-se durante a noite, tomou o menino e sua mãe e partiu para o Egito. Ali permaneceu até a morte de Herodes para que se cumprisse o que o Senhor dissera pelo profeta: Do Egito chamei meu filho (Os 11,1) (Bíblia, 2018, p. 1.286).

Diante a todo este contexto de evangelização bíblica que permeou o ideário dos territórios daquela época e que alimenta a cultura popular contemporânea, a Folia de Santos Reis do quilombo São Félix procura recordar e disseminar a trajetória dos reis magos desde o momento que foram avisados do nascimento do Cristo Salvador até o encontrarem em Belém da Judeia, o qual o presentearam com ouro, incenso e mirra. De forma mais incisiva, percebemos que esta tradição de oferecer presentes ainda permanece viva e

a preocupação com a dádiva e a obrigação de retribuir presentes, torna-se uma característica que fundamenta e justifica a realização das folias, ou seja, a união de uma dualidade de contrários em que a aliança religiosa e a manipulação do símbolo garantem a prosperidade para quem doa e certifica a agregação dos visitantes. Motivo pelo qual se oferece durante as folias, em contradição, o descanso, as danças, as comidas (Caroline Lôbo; Santana Lôbo, 2012, p. 396).

Desse modo, em nossa época é comum presentear e receber presentes, mas houve uma resignificação de seus valores e de seus símbolos ao longo do tempo. Para tanto, é notório que esta tradição resguarda esta característica deste grupo no seu ritual marcado pela fé.

## **1.2 O culto da folia de Santos Reis no Brasil**

Tendo em vista a compreensão da devoção aos três reis magos e as festas religiosas do Brasil, partimos do contexto histórico das grandes navegações (séculos XV,

---

<sup>29</sup>José é descendente da casa de Davi, e foi chamado por Deus a receber Maria, sua esposa, grávida daquele que “nela foi gerado [...] pelo Espírito Santo (Mt 1, 16) (Catecismo, 2022, p. 137).

XVI). Nesse período, evidencia-se que os colonizadores portugueses, com o intuito de buscar novos territórios para explorar, lançaram-se ao mar e na sua chegada nas novas terras que se tornariam suas colônias, acabaram por inserir em seus espaços colonizados algumas de suas tradições e de seus costumes, tais como as comemorações da natividade, os festejos, devoções, os autos piedosos e principalmente as celebrações em homenagem aos Santos Reis Magos, do qual seu culto religioso era comum no continente europeu.

Enfatiza-se que nas viagens ultramarinas, os viajantes, devotos e peregrinos cristãos manifestavam uma grande devoção pelos santos e, por meio do culto, os reis magos tornaram-se protetores daqueles que viajavam guiados pela devoção cristã. Visto que este aspecto possibilitou a legitimação religiosa de tais crenças pelos portugueses em suas expedições ultramarinas na colônia brasileira, Pessoa e Felix (2007, p. 56) destacam que “os magos tornaram-se, portanto, reis magos, tomaram as vestes de seus contemporâneos, receberam nomes e, mais tarde bandeiras como senhores daquela época seguidos de um rico cortejo”.

Então, importa sabermos que muitos dos jesuítas da companhia de Jesus, que desembarcaram juntamente com as expedições nas novas terras (Basil), começaram a fazer com frequência o uso das folias e dramatizações nas celebrações, procissões e festividades e com linguagem que os participantes conseguissem entender. Em relação a este contexto, Brandão (1982) expõe que as folias foram trazidas pelos jesuítas para o Brasil e introduzidas pela Igreja Católica como parte da liturgia visando catequizar indígenas e negros e controlar, simbolicamente, a ordem social e assim tornar o Brasil uma terra católica.

A partir deste esquema, percebe-se que “a devoção aos Reis Magos na colônia incentivou o surgimento das Confrarias ou Companhias de Santos Reis, onde era natural o uso de elementos sagrados e profanos, convivendo harmoniosamente e se transformando de acordo com as influências culturais de cada região” (Souza, 2019, p. 53). Pela narrativa exposta, compreendemos que Portugal se estabeleceu de forma cautelosa como nação, peregrina e viajante afim de cumprir as metas de evangelização impondo seus costumes e tradições no território brasileiro, do qual era repleta de etnias, comandadas pelos portugueses. Nesse sentido, para fortalecerem a memória da folia, a corte criou a escola dos reis magos com a finalidade de preparar o clero na conservação da devoção aos Santos, ao qual fora um reforço que legitimou tal culto.

Quando se instalaram na região, que é o atual estado do Espírito Santo, os líderes das instituições católicas, no ano de 1556, ergueram um vilarejo que ficara conhecido por muito tempo de aldeia dos Reis Magos. Nesse local, entre os séculos XVI e XVIII, funcionava um centro de catequese indígena. Tal festejo influenciado pelos padres jesuítas fez também com que em 1598, em Natal, no Estado do Rio Grande do Norte, fosse fundada uma edificação militar denominada “Forte dos Reis Magos” (figura 02 e 03). Souza (2019) aponta que a edificação militar, além de possuir a função de proteger a região do litoral nordestino é, sobremaneira, um símbolo que possui o objetivo de manter o respeito e a memória pela imagem dos sacrossantos (três reis).

**Figura 02**



**Figura 03**



Imagem do Forte dos Reis Magos, Natal/RN<sup>30</sup>

Fonte: Disponível em <https://www.praiasdenatal.com.br/forte-dos-reis-magos>. Acesso em: 10 de outubro de 2023.

Sequenciando a narrativa histórica de acontecimentos, destacamos a construção da “Igreja e Residência Reis Magos” (figura 04 e 05), que fora erguida na aldeia dos

---

<sup>30</sup>A estrutura arquitetônica do Forte dos Reis Magos tem o formato de uma estrela, do qual simboliza a estrela guia que guiou os Santos reis até a lapinha (local de nascimento de Cristo).

Reis Magos da colônia brasileira (Atualmente Nova Almeida/ES). A edificação fora levantada pela Companhia de Jesus juntamente com o auxílio dos indígenas (Tupiniquins) entre 1580 e 1615. Já o seu altar só veio a ser construído em 1702, tendo no centro um quadro que reproduz os reis magos adorando o menino Jesus (figura 06). Essa igreja possuía, em sua estrutura arquitetônica, influências dos jesuítas e características coloniais. Vale ressaltar que na igreja atualmente é alojado um museu para visitantes, contudo ainda no local são realizadas celebrações eucarísticas.

**Figura 04**



**Figura 05**



Imagem: Igreja e Residência Reis Magos, Nova Almeida/ES<sup>31</sup>

O prédio fora tombado em 1943 Pelo IPHAN e restaurado recentemente

Fonte: Disponível em <https://www.ipatrimonio.org/serra-igreja-dos-reis-magos-e-residencia>. Acesso em: 18 de outubro de 2023.

---

<sup>31</sup>A igreja se estabelece como um dos principais modelos do patrimônio arquitetônico jesuíta no Brasil, e destaca-se pelas poucas interferências em sua estrutura durante os séculos de sua existência (Souza, 2019, p. 55).

Figura 06

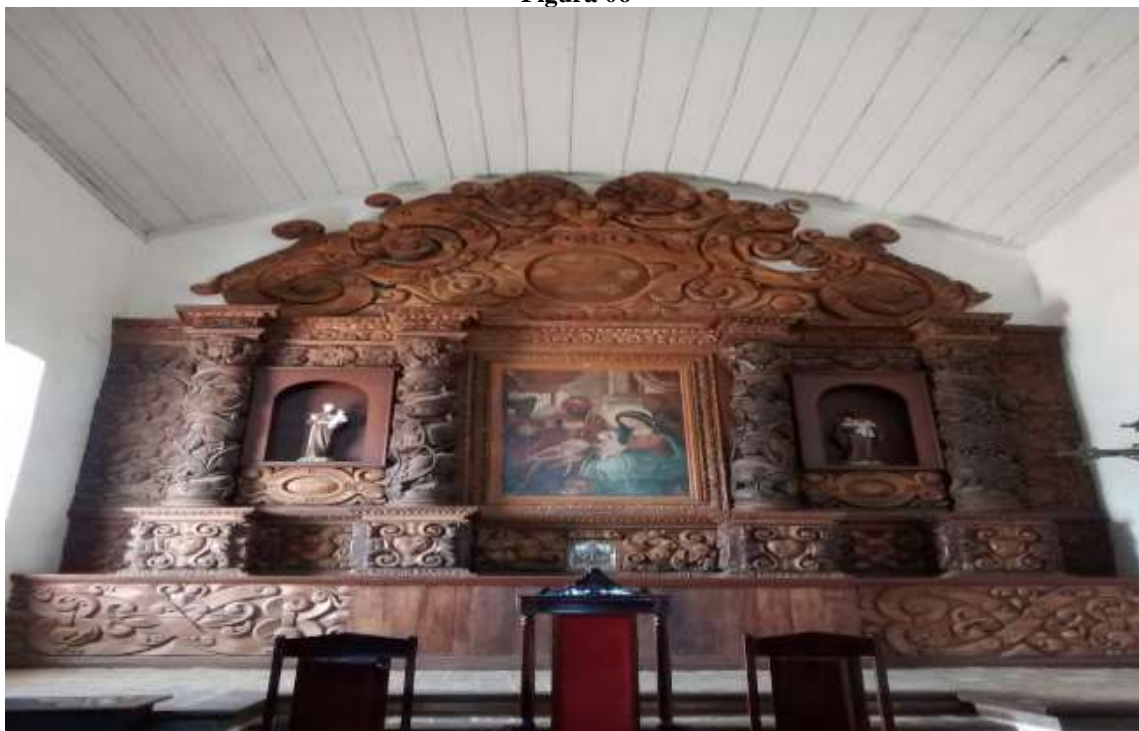


Imagem do altar e quadro pintado de Santos Reis da Igreja e Residência Reis Magos<sup>32</sup>

Fonte: Disponível em <https://www.ipatrimonio.org/serra-igreja-dos-reis-magos-e-residencia>. Acesso em: 18 de outubro de 2023.

Visto que o país era povoado por indígenas nativos, não podemos deixar de elencarmos que os indígenas contribuíram de forma substancial no povoamento do território no período colonial e, posteriormente, os africanos. Outrossim, esses povos foram submetidos ao regime de escravidão (sendo a grande força de trabalho e capital) pelos portugueses que também não os pouparam de diversas violências e genocídio. A partir da relação opressora do colonizador com os indígenas e africanos foi que se estabeleceu uma imposição à religião católica, colaborando para o surgimento de práticas religiosas sincréticas.

Ao que se refere ao sincretismo religioso afro-católico, há todo um debate e confronto de posições por muitos estudiosos que vem ocorrendo ao longo do processo histórico brasileiro, visto que é um conceito aceito por alguns pesquisadores(as) como por promover a tolerância e rejeitados por outros por promover o declínio da fé. No que concerne à discussão e às reflexões referente às religiões de origens africanas no Brasil, diferentes correntes teóricas pontuam que se deve evitar em falar em sincretismo, muito

---

<sup>32</sup>O altar é entalhado em madeira e a obra de arte (quadro de Santos Reis) é pintado pelo pintor Belchior Paulo sendo uma das primeiras pinturas a óleo da arte jesuíta na então colônia brasileira, já que esse tipo de arte se iniciou em 1587 com o referido padre (Souza, 2019, p. 55).

embora haja aqueles que preferem falar em anti-sincretismo, africanização, reafricanização e hibridismo. Apesar do fato de ser rejeitado por muitos, o sincretismo continua a ser utilizado por alguns intelectuais e se apresenta necessário ao estudo da religião como vários aspectos da realidade social como religiosa e cultural.

A partir destas observações permeadas sobre a explicitação de tal conceito em relação as religiões afro-brasileiras, Carneiro (1991) entende que o sincretismo promovia a degeneração das religiões africanas. Seguindo esta mesma linha de pensamento, Ferreti (2013) aponta que o sincretismo é usado para explicar a mistura que acontece entre tradições e enxergado como um processo pelo qual a religião dominante foi imposta, fornecendo o sistema de significação, ordenando e escolhendo os elementos da cultura subjugada. Verifica-se que o termo referido pelos autores surge como forma de explicar a integração cultural iniciada entre os povos (indígenas, brancos e negros) no período colonial e como tentativa de hierarquizar as relações culturais estabelecidas entre negros e brancos e de condenar a mestiçagem.

Ademais, nessa perspectiva que estamos apresentando, Nogueira (2021) faz crítica ao uso do sincretismo enquanto discurso de mascaramento da religião afro e da “invenção da pureza africana” que se surgiu. De acordo com essa estudiosa, o uso do sincretismo como “mascaramento colonial” levou a empregar o termo como uma forma dos negros esconderem a adoração de suas crenças e divindades africanas da perseguição colonial e já o mito da “pureza africana” efetivou a ideia de que o processo de aculturação de costumes religiosos africanos leva a adulteração das crenças africanas.

Ou seja, as religiões, quanto mais se abstraia de elementos do catolicismo, eram vistas como inferiores por não conseguirem manter a suposta “pureza” de suas religiões africanas. Tais teorias foram criticadas e a partir da década de 1980, se inicia um debate por uma revisão nas discussões sobre o sincretismo que fora “marcada por uma tentativa de repensar este conceito, e de propor novas alternativas conceituais que melhor expliquem os contatos entre culturas ocorridas especialmente na América Latina e no Brasil” (Nogueira, 2021, p. 11).

### *1.2.1 As expressões religiosas e culturais negra no interior do Brasil colonial*

Retornando a história do Brasil, outro fator que intentamos deixar enfatizado é que as regiões brasileiras foram delineadas por diversas lutas e revoltas travadas pelos

povos africanos e afrodescendentes contra as violências acometidas pela escravidão. Convém lembrarmos que, além de serem a mão de obra, os afrodescendentes tinham uma vida dura no qual não tinham o direito de ir e vir e todas as suas ações, manifestações religiosas e tradições culturais eram regulamentadas pelas normas oficiais e até mesmo estando sob o olhar do Tribunal de Inquisição do Santo Ofício<sup>33</sup> como forma de impedi-las pois eram vistas pela igreja católica como pagãs<sup>34</sup>. No entanto, a dominação do colonizador católico sobre a população negra não fez com que deixassem seus ritos e danças africanas de lado como destaca Costa:

[...] as vezes, conseguiam escapular a noite, nas praias, a hora em que os brancos dormiam, reuniam-se em grupos da mesma nação, congos, Moçambique, minas, a dançar suas danças. Punitivas, reminiscências de rituais religiosos, a posturas municipais procuraram inutilmente impedir essas reuniões [...] na confraria do rosário dos homens pretos, em 1827, ocultos através dos mortos, reminiscência africana, transparência claramente através da superestrutura católica (1998, p. 282).

Muitas foram as tentativas de silenciar a cultura negra. Sobre essas tentativas, Costa (1998) chama a atenção de que apesar de as tradições culturais africanas resistirem e persistirem em marcar a devoção popular e as adorações, elas não se deixaram ser desumanizadas diante o processo escravagista dos europeus. Apesar de estarem sendo submetidos ao regime escravista, os negros(as) buscaram manter viva suas raízes culturais. Para atenuar o conflito cultural com os colonizadores, as etnias existentes no Brasil se adaptaram a sociedade dominante do qual os festejos dos santos católicos europeus foram formados pela diversidade religiosa do povo, que passaram a ser expressas nas danças, romarias, rituais de magia e procissões.

Como já exposto, no período da colonização do Brasil, a maioria dos festejos era realizados em comemoração à santos católicos, sendo a folia de Santos reis uma dessas festas típicas. Acrescente-se que as características da prática católica oficial se misturou com a da população formada pelos europeus, africanos e indígenas, possibilitando-os expressar sua devoção diante as peculiaridades e realidade da colônia como mostra Azzi:

---

<sup>33</sup>Foi uma instituição criada no século XIII, sob autoridade do papa Gregório IX que temia o avanço das seitas religiosas consideradas heréticas nos territórios cristãos. Sendo assim, o Santo Ofício foi engendrado e estabeleceu uma organização baseada em uma união de tribunais católicos que tinha como objetivo identificar, julgar e punir todos aqueles que, de alguma forma, desviassem-se da postura católica esperada, de forma a ameaçar as doutrinas da instituição cristã (Pereira, 2023, p. 2010).

<sup>34</sup>Termo referido as pessoas que segue uma religião não cristã.

[...] os santos e anjos, tradicionalmente louros foram aqui obrigados a imitar os homens – nem todos brancos, alguns pretos – muitos mulatos – tornando-se eles também, brancos, pretos, mulatos. Até nossa senhora amulatou-se e engordou – criou peitos de mãe nas mãos de nossos santeiros. E do próprio Cristo imagem que mais se popularizou no Brasil foi a do judeu bem moreno, o cabelo e a barba pretos, ou então castanhos, e não do nosso senhor ruivo, que supõe a ser histórico ou o ortodoxo (1978, p. 66).

Diante o que fora apresentado, notamos que a colonização foi um campo fecundo para a miscigenação étnica, para a diversificação das expressões religiosas e culturais. Durante o processo de proibição do catolicismo no Brasil, frente as devoções africanas, ergueram-se diversas irmandades<sup>35</sup> religiosas, sendo uma possibilidade de resistência e de estratégias para continuarem vivenciando seus ritos devocionais a Santos que passaram a fazer parte das práticas de fervor. Além da devoção a Santos Reis, destacamos o culto a Santo Antônio, a São José, a São Sebastião, a São Benedito, entre outros. No entanto, esse catolicismo laico começou a sofrer pressões políticas, passando a ser romanizados<sup>36</sup> por novos ritos conforme argumenta o autor Oliveira:

[...] o efeito prático deste trabalho religioso é o desmantelamento das antigas irmandades e confrarias voltadas para os santos, tradicionais e sua substituição por novas organizações leigas voltadas para a devoção aos novos santos [...] são associações para leigos, e não associações de leigos, pois sua direção está sempre diretamente subordinada ao vigário que estatutariamente faz parte da diretoria e de fato, tem o seu controle das decisões concernentes à entidade (1978, p. 73).

Segundo o autor supracitado, esse foi um método político da igreja e de seus bispos de incorporar uma cultura sobre a outra, ou seja, de substituir as entidades religiosas e populares pela cultura Romana, o que fez restringir as festas e procissões, pois o clero reformador acusava as manifestações populares de serem voltadas a superstições, levando-as a serem sempre sujeitas às bênçãos da igreja. O controle estabelecido objetivava a retirada da autoridade leiga da liderança das manifestações tradicionais, de modo que o padre controlaria os santos a serem celebrados pelos devotos/as. Sendo assim, por

---

<sup>35</sup>Essas irmandades eram espaços de participação dos escravizados na religião católica (FARIAS, 2014, p. 162)

<sup>36</sup>Implica na ideia de transferência de cultura, de mudança cultural por imitação, partindo-se do suposto abandono da identidade nativa pela adoção da cultura Romana como um ato positivo, deliberado, que significa prazer e paz (MENDES, 2007, p. 03).



meio da persuasão, tentou-se convencer os líderes leigos a abandonarem o comando e permitir que a igreja implantasse uma autoridade que a seu ver tinha caráter sagrado.

Nesse seguimento, compreende-se que tendo a centralização das atividades religiosas, o povo passaria a ter obrigações com a liturgia paroquial no qual as mesmas aconteceriam somente nas instituições oficiais, fazendo com que deixassem de lado o oratório e o culto doméstico. Sobre esse ponto, Silva (2012) fundamenta que o bloqueio das antigas práticas tradicionais pelos bispos não foi fácil, já que tiveram muitos obstáculos, pois várias pessoas mantiveram suas práticas (festas, ritos) aos seus santos abrigados no catolicismo tradicional e de forma privatizada. Em suma, os indivíduos negros difundiam o catolicismo tradicional por meio dos oratórios de suas residências, estabelecendo-se um ambiente devocional mútuo com seus santos, e os ritos, as festas e romarias católicas era o meio de sustentar-se a fé e a relação familiar.

Para os africanos e seus descendentes, os santos da religião católica funcionava para suscitar proteção, uma vida boa e eliminar o desequilíbrio, o infortúnio e afastar o mal. E nesse interim de bem-estar e proteção, para eles, se existia a necessidade de realizar rituais de purificação para estabelecer as forças dos indivíduos tanto no coletivo quanto de forma individual. Nesse tocante, Farias (2014) elucida que para os negros(as), o alcance da felicidade e o combate dos espíritos malignos, bem como se opor aos feitiços dos que lhe desejavam mal, era necessário valer da ajuda de um feitiçeiro ou de alguém em vida com a capacidade de impulsionar a recuperação ou afastar o mal agouro que fora causado por um feitiço encomendado por alguém em sua intenção.

Em suas irmandades religiosas, os/as negros(as) realizavam festas com características herdadas do catolicismo de forma a homenagear seus santos padroeiros de devoção e tal ação era prioridade o qual reunia muitas pessoas quanto dentro e em volta das igrejas. E além dos atos religiosos que manifestavam em procissões, festas e novenas, estas irmandades “também exerciam atribuições de caráter social, tais como: ajuda aos necessitados, assistência aos doentes, visita aos prisioneiros, concessão de dotes, proteção contra os desmandos de seus senhores e ajuda para a compra da carta de alforria” (Farias, 2014, p.162). Dentre estas atribuições, tinha-se, também, o compromisso de garantir um enterro (ritual fúnebre) para seus irmãos que eram constantemente deixados ao abandono em portas de igrejas e praias por seus senhores.

Em meio às celebrações da confraria negra, havia muita dança, comida, bebida, fogos de artifício, batuques e elementos da religiosidade africana, sendo um espaço onde aprendiam sobre a doutrina cristã e reforçavam o laço de solidariedade, sociabilidade

e, além de tudo, era um momento que lhes dava a oportunidade de reconstrução de suas origens, compartilhamento das lembranças de sua terra natal, e a oportunidade de convívio e aproximação com outros escravizados de mesma língua, hábitos e crenças.

Logo, o cenário da celebração é entendido como um espaço vivo cheio da ação do grupo social que o constitui, sendo ali um dispositivo de reorganização cultural de distintas etnias onde expressão suas vontades, apreensões, esperanças e lutas cotidianas. É possível compreender que, no interior destes grupos religiosos (irmandades), os africanos escravizados e os afrodescendentes conseguiram vivenciar seus ritos e cultos aos seus ancestrais e divindades e a criar laços com a comunidade. Destaque-se que tais práticas culturais deram início com os africanos escravizados durante a diáspora negra e os afrodescendentes vem perpetuando até os dias atuais os elementos dessa tradição cultural negra. Sendo assim, a Folia de Santos Reis do quilombo de São Félix é considerada como uma prática cultural ancestral africana que se constitui como espaços que promovem a construção de relações simbólicas.

## **2. O BEM CULTURAL: PATRIMÔNIO IMATERIAL DO QUILOMBO SÃO FÉLIX**

Neste capítulo elucidaremos acerca da Folia de Santos Reis que é uma manifestação popular do quilombo São Félix. Neste interim pretendemos demonstrar e compreender a importância deste patrimônio para a transmissão da herança cultural quanto para a formação identitária da comunidade quilombola quanto da cidade de Matrinchã, além de analisarmos as práticas sociais e religiosas, afim de conhecer às crenças, às vivências, à identidade coletiva, o modo de preparo da comensalidade, os cantórios, os giros, a catira, os instrumentos, o sentimento de pertença dos foliões, as ornamentações, as representações simbólicas que perpassa esta manifestação cultural. E em seguida apresentaremos sobre o desenvolvimento de cada uma das etapas da pesquisa realizada e pautaremos os conceitos, as metodologias, os resultados obtidos e o material que fora selecionado para a elaboração do produto final (vídeo documentário).

*O patrimônio cultural imaterial é uma concepção de patrimônio cultural que*

*abrange as expressões culturais e as tradições que um grupo de indivíduos preserva em respeito à sua ancestralidade, para as gerações futuras.*

*(Cardoso, 2012)*

## **2.1 A pesquisa realizada – Tradição: Folia de Santos Reis do quilombo São Félix**

O quilombo São Félix é um espaço no qual se forma um cenário onde se desenvolve as práticas culturais traçadas pela folia, sendo possível perceber as experiências humanas, as crenças, as vivências e a identidade coletiva dos agentes e produtores do festejo de Santos Reis. No quilombo, a folia de Reis tem seu giro repleto de cantorias. As músicas, com seus versos improvisados, são a parte principal do ritual, no qual elas constroem um enredo de significados relacionados aos testemunhos da identidade musical do povo da comunidade São Félix. Nos versos musicais, os foliões/foliãs pedem e agradecem cada elemento que compõe esta celebração (os arcos, altares, esmolos, alimentos e a entrega de donativos). Rios (2006, p. 69) destaca que o cantório da Folia de Santos Reis se justifica:

em passagens bíblicas ligadas às profecias do Antigo Testamento a respeito da vinda do Messias (por exemplo, Isaías IX, 6 e 7; Isaías XI 1-10; Miquéias V, 1-5) e do Novo Testamento sobre a aparição do Anjo Gabriel para anunciar a Maria sua concepção pelo Espírito Santo, a visita de maria a sua prima Isabel, o nascimento de cristo e a viagem dos Magos do Oriente para adorar o menino jesus na lapinha, em Belém (respectivamente, Lucas I, 26-38; Lucas I, 39-45; Lucas II, 1-20 e Mateus II, 1-12). É possível que o nome de Reis se sobrepondo a referência aos Magos, como aparece em Mateus, seja decorrente da associação com um verso do Salmo 71 (10 “[...] os reis da Arábia e de Sabá lhe trarão presentes”. 11 “E adorá-lo-ão todos os reis da terra”).

Nesse sentido, evidenciamos que os mitos fundadores da festa vêm da tradição bíblica que tem como objetivo central na trajetória da folia divulgar e memorar esses eventos. Além dessas questões, Rios destaca também que “há que considerar, entretanto, que a fixação escrita não é a regra de transmissão dessas passagens” (2006, p. 70). Desse modo, na folia de Reis do Quilombo São Félix, os cantos tradicionais são transmitidos, aprendidos e preservados pela tradição oral, sendo passados de avós e pais

para os filhos e netos e de tios para sobrinhos. Além dos cantos, eles herdam também os saberes rituais e os objetos relacionados à celebração como a bandeira e os instrumentos musicais, a fim de dar continuidade nessa festa, tal como se evidencia na (fotografia 01 e 02):

**Fotografia 01**



Bandeira da Folia de Santos Reis  
Fonte: acervo da pesquisadora (2022)

**Fotografia 02**



Instrumentos dos foliões  
Fonte: acervo da pesquisadora (2022)

A música e a religião são um elo forte que marcam as culturas tradicionais e que são o centro na maior parte das manifestações de nossa cultura popular, a exemplo a Folia de Santos Reis da comunidade São Félix. Na estrutura ritualística, os instrumentos musicais são elementos necessários para compor a sonoridade na folia e importantes para a caracterização identitária musical do ritual local.

Partindo de nossas observações no ritual durante o trabalho de campo, percebemos que por meio dos instrumentos e pela voz, existe uma hierarquia entre os componentes da companhia, tendo cada participe uma função determinada. Nela, o embaixador é o que faz a primeira voz, e os foliões/foliãs instrumentistas são os que fazem a segunda. A respeito desse universo simbólico das práticas e de rituais religiosos

da festa, Moraes (2000, p. 89) ressalta que “cada coisa ou cada personagem tem o seu lugar e sua importância predeterminados”.

Diante as práticas culturais da folia, os instrumentos percussivos presentes no festejo da folia, tais como a viola,<sup>37</sup> o violão, o cavaquinho, a sanfona, a caixa e o pandeiro<sup>38</sup>, são objetos simbólicos e artísticos que com seus ritmos e batidas carregam expressividade e significação cultural que são incorporadas à vida social da comunidade de São Félix, da cidade de Matrinchã e Jeroaquara.<sup>39</sup> O canto se faz presente de forma sutil, uma vez que ele desempenha o papel fundamental durante o ritual, que renova valores da comunidade e provoca o aprendizado lúdico. Desse modo,

as músicas entoadas nas Folias de Santos Reis podem ser consideradas como símbolos acústicos. O tempo mítico somado ao tom da devoção, mais as imagens provocadas pelas músicas são carregadas de significados e servem para comunicar incontáveis experiências que exprimem o lugar simbólico da música na vida social, assim como os simbolismos utilizados servem para a evocação da paz, da proteção, da harmonia, em busca ora de agradecimento, ora de pedir auxílio para o transcendente (Santana Lôbo, 2021, p. 75).

A folia de Santos Reis ocorre após o período natalino, ao perfazer espaços rurais quanto urbanos pré-selecionados ou que foram solicitados seguindo um caminho circular saindo do Leste em direção ao Oeste visitando os devotos, distribuindo graças e colhendo esmolas. Na folia do quilombo São Félix, o que observamos durante toda a jornada é que a bandeira não faz o trajeto de volta, ou seja, não fazem o retorno a uma rua já visitada. Segundo Jadir Pessoa (2005), a interdição que a folia impõe de não cruzar o mesmo caminho por onde já se passou é uma forma que a folia tem de se manter fiel ao fato bíblico que lhe dá origem.

O evangelho de São Mateus, cap. 2, vs. 12 vem nos mostrar que um dos motivos pelos quais os foliões/foliãs não voltam pelo mesmo local é devido ao fato de que os três Magos foram “avisados em sonhos de não tornarem a Herodes, voltaram para sua terra por outro lado” (Bíblia 2018, p. 1286). À vista disto, os foliões/foliãs da comunidade quilombola assim seguem fielmente os passos dos Reis Magos fazendo o

---

<sup>37</sup>“Instrumento de cordas dedilhados, cinco ou seis, duplas, metálicas. [...] É verdadeiramente o grande instrumento da cantoria sertaneja. [...] É ainda o instrumento animador dos velhos bailes populares e devocionais no norte e no sul do país” (Casculo, 1956, p. 559).

<sup>38</sup>“Instrumento de percussão, ritmador, acompanhador do canto pela marcação do compasso. Foi trazido ao Brasil pelos portugueses, que o tiveram através de romanos e árabes” (Casculo, 1956, p. 559).

<sup>39</sup> Distrito da cidade de Faina-Goiás.

giro da folia de modo que a caminhada aconteça em círculo e que não se passe duas vezes na mesma rua, sendo assim uma tradição habitual.

### *2.1.1 A troca de se pedir e efetivar uma promessa*

Por meio da fé, da crença e da confiança no divino, os foliões/foliãs, devotos e visitantes se animam para se deslocarem nesta trajetória ritualística para pagar promessas e votos que fora estabelecida com seus santos católicos. Através da narrativa do folião Eliaquín Lopes, podemos perceber essa relação estabelecida com os santos.

Primeiramente, a gente sempre teve um compromisso. Nossa Santidade é assim: a gente pede para ele, você vai cumprir aquela missão que você pediu, você faz um voto. Ah, eu quero dar um almoço de folia de reis na minha casa, então sai a folia, daquele almoço ou janta que se torna o pouso para a gente cumprir aquilo que a gente pediu pra ele, porque a gente é devoto a ele né. Sempre que a gente pede, a gente é recebido aquela gratidão. E muitos antigamente em pouso de folia pedia: eu quero ir a pé. E chegando, se deitava na porta tampada com um lençol pra todo folião passar por cima, pra cumprir o que pediu, então foi valido. Essa é a origem que sempre a gente, eu peço e mais milhares pedem (Entrevista concedida em novembro de 2022, Matrinchã-Goiás).

Percebemos durante as entrevistas que muitos dos pedidos feitos pelos devotos/as aos santos são relacionados à obtenção de emprego e à cura de alguma enfermidade. Os relatos de graças proporcionados pelas personalidades sacras (Reis Magos) as suas vidas são muitos. De acordo com Mendes (2007, p. 120), “tanto a falta de recursos médicos, quanto à carência de emprego leva à procura por soluções sobrenaturais e divinas, muitas vezes percebidas pelos devotos/as como a única maneira de solucionar seus problemas”.

A festeira Eva Libaino, por exemplo, nos descreveu<sup>40</sup> que recebeu um milagre dos três Reis. Segundo a entrevistada, devido uma dor muito forte que sentia no estômago, ela prometeu aos três reis que se fosse curada giraria três dias na folia. E como recebeu a cura, fez o giro como prometido e quando a companhia chegou na sua casa, ela se deitou na porta e a cobriram com um lenço branco para os foliões/foliãs saltarem por cima dela com a bandeira para entrar dentro da casa, pagando-se assim a sua promessa e fortalecendo o compromisso dela com os Santos Reis. Compreende-se,

---

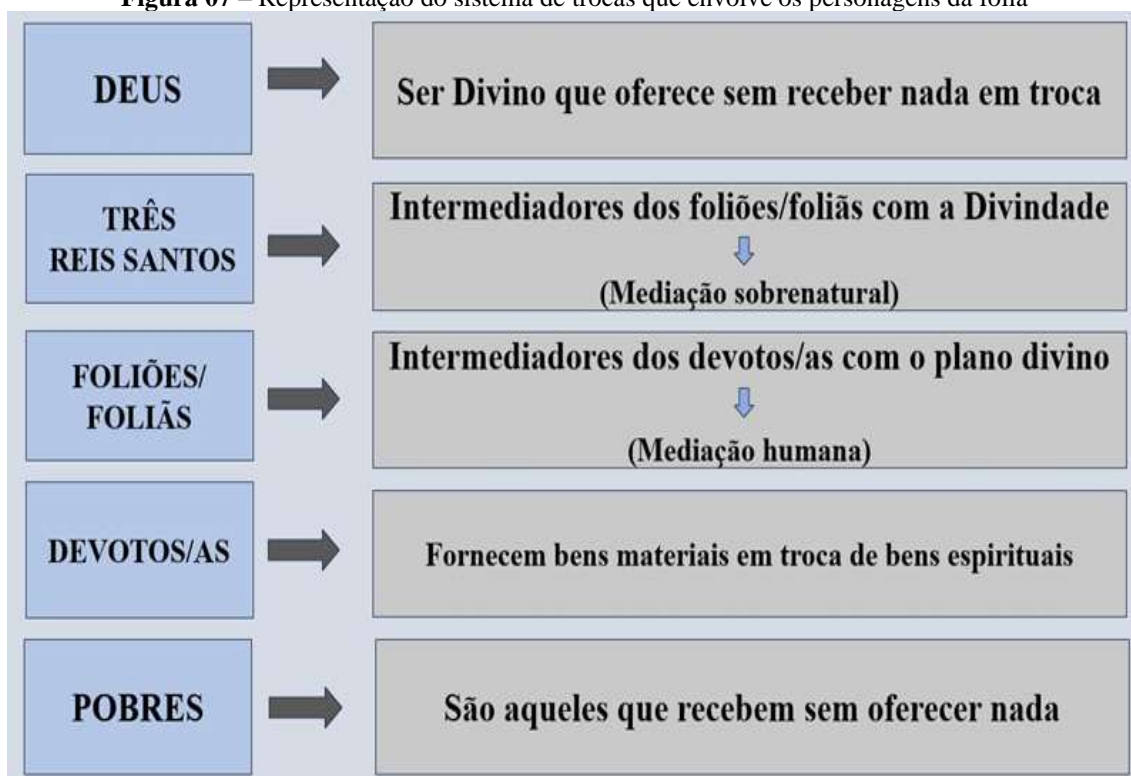
<sup>40</sup>Entrevista concedida em 25 de agosto de 2022, Matrinchã-Goiás.

desse modo, que esta relação é uma troca de se pedir e efetivar uma dívida. A esse respeito Neves (2016, p. 108) aponta que

a promessa não significa somente uma simples “obrigação” de compromisso para com os festejos e os santos católicos, ela exige que os foliões e devotos sejam portadores a continua atividade de folião para que, aquilo que foi recebido, possa ser preservado e mantido ao longo de toda uma vida.

É importante reiterar que a origem da folia na comunidade se dá por meio da promessa que é base fundamental para a formação e manutenção das peregrinações do festejo, no qual para os foliões, foliãs e devotos(as) o voto tem um sentido de manutenção das práticas rituais, e da espiritualidade da Folia, sendo também como essencial para conservação e incentivo da religiosidade no grupo de Reis do quilombo São Félix. No esquema a seguir (figura 07), pode-se observar a representação de como funciona as relações de trocas existentes entre os personagens na folia de Reis.

**Figura 07** – Representação do sistema de trocas que envolve os personagens da folia



Fonte: trabalho de campo – Organizado pela pesquisadora (2023)

O/A devoto(a), ao assumir o compromisso de pagar uma promessa, o realiza de diversas formas piedosas, como, por exemplo: acompanhar o Santo terço do giro de

joelhos; oferecer sua casa para acontecer o pouso; arrecadar donativos para a festa de Santos Reis ou até mesmo para fazer doações para pessoas carentes. Dessa forma, o promesseiro também encarrega-se do compromisso comunitário e a essa atitude de caridade Souza enfatiza como:

uma demonstração da materialização da fé destes foliões para com os desvalidos. É uma imitação dos atos de caridade dos Santos Reis, quando estes atendem o clamor e as súplicas de seus devotos por meio das promessas. É também o estabelecimento de um pacto, um compromisso de fidelidade, uma comprovação de lealdade para com os Santos (Souza, 2019, p. 137).

Portanto, no cenário da peregrinação da folia, os/as devotos(as) depositam sua fé e esperança nas divindades protetoras como meio de resistirem e passarem pelas provações do cotidiano, como a vida dura e fatores naturais (chuvas densas, fortes secas). Dessa forma, institui-se uma relação de confiança em que a fé e a crença nos três reis leva a constituir elementos de ligação do clamor e arremate da graça no qual aproxima os foliões, foliãs e visitantes dos Santos de devoção e principalmente de Deus.

Um bom exemplo de compromisso com os santos e a divindade (Deus) é o da senhora Valdirene, que acompanha o giro desde pequena e, durante a jornada, ela colabora em diversas atividades. Nesse sentido, entendemos que a folia é um ato cultural presente na sua família sendo uma herança que veio legada por diversas gerações e que permanece até o momento.

Desde da geração do meu vô né, que aí passou pro meu pai Alexandre Ribeiro e aí meu pai desde novo sempre acompanhou vendo a geração do pai dele né, que foi passando de geração em geração, e aí meus meninos agora já faz parte e nós continua seguindo a tradição da Folia de Reis (Entrevista concedida em 24 de agosto de 2022, em Matrinchã-Goiás).

A folia da comunidade quilombola possui características específicas próprias ao ritual como os adereços e as vestimentas. Quanto ao uso de adereços, os foliões e foliãs utilizam divisas (crachás) contendo seu nome, do festejo e do encarregado, que os diferenciam dos demais participantes. Em relação ao traje, eles fazem uso de roupas comuns de seu cotidiano, chapéus e boné (fotografia 03).



Fotografia 03



Vestimenta dos foliões e o uso do cracha  
Fonte: Acervo da pesquisadora (2022)

### 2.1.2 A atuação das Mulheres foliãs, a Bandeira e o giro

Outra singularidade da folia é referente ao tempo e espaço do ritual que não tem um horário fixo para acontecer as orações e a realização do canto. A folia, portanto, não obedece a um padrão de linearidade do tempo, o que é demonstrado pelo sr. José Rosalino ao explicitar que

O horário de chegar no pouso é 4h a 5h, mais nunca que chega. Ou chega antes ou chega depois. Quando chega numa casa, o morador diz eu quero mais isso, quero mais aquilo e sempre atrasa. Atrasa o almoço, uma janta né! Tem que ter paciência e esperar também (Entrevista concedida em 18 de agosto de 2022, Matrinchã-Goiás).

Cumpramos destacar que durante o processo ritualístico da folia, evidenciamos que as mulheres colaboram em diversas atividades e que também em todos os momentos elas têm atuação ritual semelhante ao dos homens (fotografia 04, 05 e 06). Antigamente nos primórdios do festejo da companhia de Reis, seu papel era direcionado e restringido somente à cozinha, decoração do ambiente, da realização da reza (terço), da ornamentação dos instrumentos, da confecção das vestimentas, da organização do

espaço do festejo e do cumprimento das promessas. Até sua presença na jornada era bem menor, principalmente no período noturno devido que muitos casais tinha filhos/as pequenos/as.

**Fotografia 04**



**Fotografia 05**



Mulheres foliã que compõem a folia de Santos Reis  
Fonte: acervo da pesquisadora (2022)

**Fotografia 06**



Mulheres foliã que compõem a folia de Santos Reis  
Fonte: acervo da pesquisadora (2023)

Contudo, vale ressaltarmos que, com o passar dos anos, houve a inserção das mulheres em funções que antes eram reservadas apenas aos homens. No relato do senhor José Rosalino<sup>41</sup>, ele deixa claro que na folia a mulher pode exercer o mesmo cargo de um homem, não é nenhum problema, pode ser um encarregado, pode cantar, tocar, sapatear, pode ser tudo. Nas folias contemporâneas, há a ativa participação das foliãs (mulheres) que ajudam a compor a estrutura da companhia realizando os cantórios e tocando instrumentos nas casas durante os giros juntamente com os foliões (homens). Na maioria das vezes, são elas que tocam o pandeiro e que portam a bandeira, seguindo sempre a frente dos foliões. Em síntese, elas são responsáveis pelo cuidado desse elemento sagrado, que é respeitado por todos/as os/as integrantes e a cada ano no referido grupo de Santos Reis do quilombo São Félix vem crescendo a participação delas.

De acordo com a tradição popular, a bandeira “simboliza o manto do menino Jesus, doado pela Virgem Maria aos Reis Magos. Maria teria pedido que os Reis Magos andassem com aquele manto espalhando a “Boa Nova” (Mendes, 2007, p. 92). Para os devotos/as, ela é considerada como o símbolo mais sagrado visto que nela está retratada a Sagrada Família e os Reis do Oriente. Participando da Folia de Reis, reparamos que a bandeira é enfeitada por diversas fitas coloridas, flores entre outros ícones, o que indica uma manifestação afetuosa dos devotados.

Notamos, também, a presença de fotos 3x4 e de notas de 2 reais e de vários valores que exprimem pedidos de proteção e agradecimento de bênçãos alcançadas (fotografia 07). Comente a essa particularidade, percebemos que, em algumas casas que recebem a Folia de Reis, os moradores/as têm também o costume de pedir para levar a bandeira nos demais cômodos da casa após o cantório em frente ao altar com o objetivo de abençoar o lar. “O dono/a da casa, ao levar a bandeira para o interior da moradia está mostrando sua fé, confiança nos Santos Reis e alimentando seu vínculo com eles. O dom recebido não é só individual, mas é estendido para toda a família” (Santos, 2007, p. 113).

---

<sup>41</sup> Entrevista concedida em 19 de dezembro de 2023, Matrinchã-Goiás.

Fotografia 07



Devota fixando na bandeira uma nota de 20 reais e uma foto de seu irmão em sinal de agradecimento pela graça que recebera de Santos Reis  
Fonte: acervo da pesquisadora (2023)

Os foliões/foliãs do quilombo, em sua maior parte, se constituem de produtores/as rurais e empregado/a rural. Durante o calendário religioso do giro de Santos Reis, eles/as são agentes do sagrado formados por leigos<sup>42</sup>. Esses integram uma equipe de especialistas na prática religiosa coletiva e que tem papel central na folia ao exercerem, com firmeza, variadas tarefas durante o festejo, tais como as de:

[...] recolher, entre os moradores, as ofertas necessárias ao custeio de parte das festividades da folia [...], eles também estão incumbidos de guardar, controlar e distribuir o uso de alguns artefatos e alimentos sagrados muito importantes para o andamento de uma folia, tais como a bandeira [...], os instrumentos musicais e a cachaça (Pereira, 2009, p. 141-142).

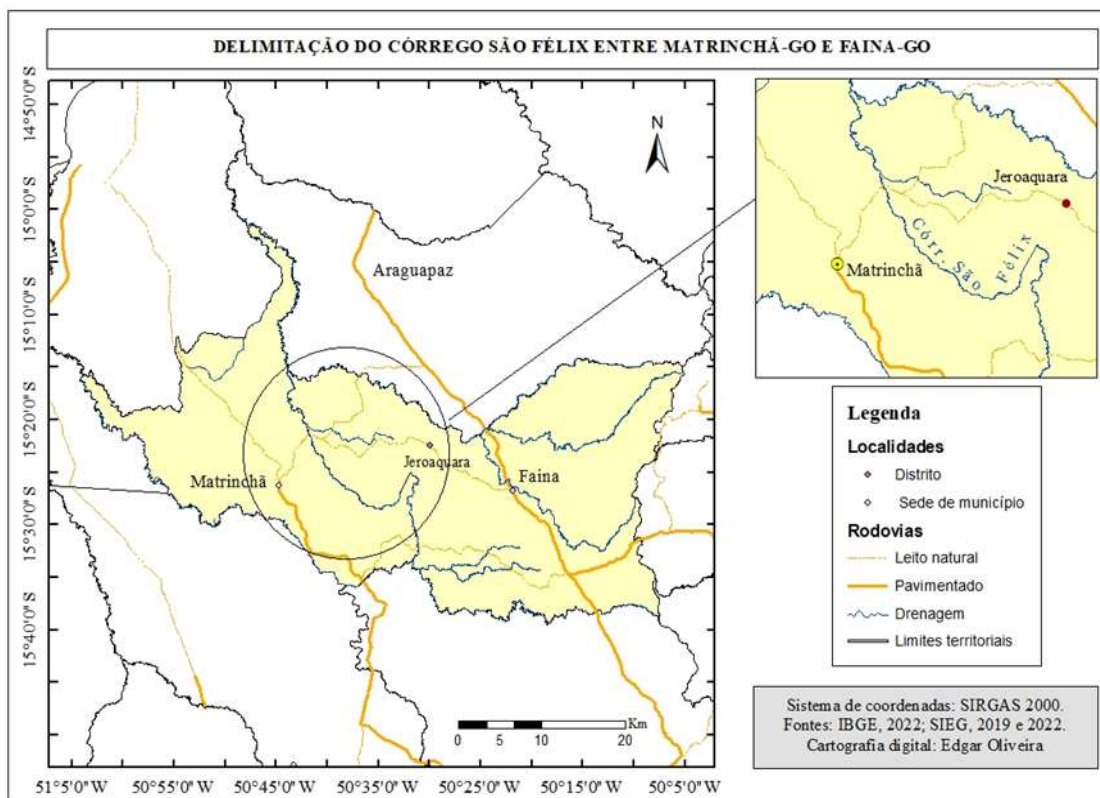
A companhia de Santos Reis inicia seu trajeto ao sair da cidade de Matrinchã na caminhonete (transporte alugado) para o local onde ocorre o primeiro pouso (saída), sendo este o início do primeiro giro que ocorre primeiramente na zona rural e termina

---

<sup>42</sup>Em relação aos séculos XVIII e XIX, a Igreja considerou leigo indivíduos sem a devida formação católica que incumbiam a si a liderança frente às irmandades, às festas e outras práticas religiosas, sobretudo nos espaços carentes da atuação dos agentes institucionais católicos (Sousa, 2021, p. 732).

na zona urbana de Jeroaquara (figura 08). Considerando o relato dos detentores do saber, somado às observações realizadas no decorrer da celebração, foi possível constatar que a folia acontece nesse lugarejo devido a muitos dos foliões e foliãs pertencente do quilombo São Félix terem sido originários daquele distrito, não havendo por isso o retorno da folia a cidade de Matrinchã que seria o proposto pela tradição, mas que não se é fielmente seguido. O grupo conta com um veículo, pois as visitas das fazendas são em casas não muito próximas, já nas moradias da cidade percorrem todo o trajeto a pé.

**Figura 08** – Mapa de localização dos espaços onde percorre o giro da folia (2023)



Fonte: Cartógrafo Edgar Oliveira (2023)

Como já mencionado, os foliões e foliãs no trajeto de peregrinação em direção às casas, tocam e cantam músicas alegres em louvor a Santos Reis e ao nascimento do menino Jesus, no qual serão percorrido durante dez dias, sendo que no cronograma do giro são realizados nove pousos e no decimo dia ocorre a entrega da festa de Santos Reis que acontece em seis de janeiro que é a data comemorativa referente aos três santos. Nas residências visitadas, os foliões e foliãs, além de cantarem e tocarem seus

instrumentos, comem, bebem, rezam e benzem<sup>43</sup> a bandeira de Reis. Na trajetória de uma casa a outra, a folia é marcada por uma grande manifestação visível de fé que estabelece e compartilha laços que ultrapassam a relação familiar e o de compadresco, no qual

cria-se um mundo utópico, em que os partícipes se revestem de outra vida, penetrando temporariamente num mundo que é universal caracterizado pela liberdade, pela ausência das diferenças sociais e pela abundância. Um mundo em que ao indivíduo é permitido [...] é o encontro com o outro, é o momento em que o passado é presentificado e o presente é intensamente vivido, assim a tradição se cumpre e as experiências humanas mais significativas são vivenciadas (Caroline Lôbo; Santana Lôbo, 2012, p. 397- 401).

Percebemos que, por meio dessa prática católica, os foliões, foliãs com seus semelhantes rompem com o ritmo monótono de seu cotidiano, celebram a vida, experimentam afetos, emoções, e o tempo do mítico e do sagrado. A folia de Reis, vista como uma manifestação cultural do quilombo São Félix, evidencia-se de uma carga de saber popular, de práticas culturais e de saber erudito, além de fortalecer, reconstituir os laços sociais e demonstrar a riqueza do saber local. Essa folia também traz as experiências coletivas e as práticas subjetivas que compõem a religiosidade e a identidade dos indivíduos quilombolas. O quilombo consiste em um ‘território’ onde um grupo social pode fixar suas lembranças coletivas e individuais, incluindo a memória e história vivenciada diariamente pela comunidade. Sob esse viés, recorreremos às reflexões de Nora, ao passo que afirma que

a memória é a vida, sempre carregada por grupos vivos, está em permanente evolução, aberta à dialética da lembrança e do esquecimento, inconsciente de suas deformações sucessivas, vulnerável a todos os usos e manipulações, suscetível de longas latências e de repentinas revitalizações (Nora, 1993, p. 9).

Sob essa perspectiva, entendemos que o quilombo e os espaços nos quais ocorrem a Folia de Reis são “lugares de memória”, em que os grupos sociais da instituição se ancoram simbolicamente ao fazerem uma ponte com o passado. Ricoeur (2007, p. 415) explica, a esse respeito, que a noção de “lugares de memória abrangem,

---

<sup>43</sup>Quanto ao ofício do benzedor e da benzedeira, trata-se, portanto, de uma prática ritual que é essencialmente religiosa e também essencialmente solidária. Por isso ele deve ser exercido em meio a uma atmosfera de muita ascese, que implica, ao mesmo tempo, um fervor religioso e uma conduta moral, ambos reconhecidos como irrepreensíveis pela comunidade envolvente (Pessoa, 2005, p. 71).

portanto, marcas, rastros, objetos simbólicos de memória (arquivos, bibliotecas, monumentos, construções, festas, dentre outros), isto é, “inscrições, no sentido amplo atribuído a esse termo”. Entende-se que a memória é um fato que é possível de ser estudada e que permite compreender o passado desses lugares nos quais a memória festiva se materializa.

Em suma, a memória histórica da companhia de reis é vivenciada durante o festejo em homenagem aos três reis magos durante o giro. Na chegada do primeiro pouso (saída), é organizada uma reunião na qual o encarregado com seu apito adverte e passa às obrigações religiosas dos rituais a cada participante: ele é quem controla os comportamentos dos foliões/foliãs, os horários de chegar e de sair, além de vigiar o uso da bebida alcoólica e coloca cada tocador na posição adequada para que na hora do canto haja harmonização.

Em seguida, os foliões e foliãs seguem em silêncio para o presépio com a bandeira e instrumentos, a fim de rezar a ladainha ou o Santo Terço pedindo a Deus força para que a peregrinação aconteça com tranquilidade e livre de males. Após o jantar do pouso (saída), o encarregado chama os foliões/foliãs para tomarem suas posições seguindo a seguinte ordem: alferes, encarregado, primeira a segunda voz, pandeirista e caixeiro para se fazer o cantório do Bendito de Mesa, repetindo-se o mesmo ritual durante os dez dias de giro após a janta e o almoço:<sup>44</sup>

Bendito e louvado seja<sup>45</sup>  
e a santíssima Trindade (bis)  
Que sendo três pessoas e  
uma só é na verdade (bis)  
Mas também seja louvado  
e a Conceição de Maria (bis)

A onde Deus verbo encarnou-se  
e sendo mãe e sendo filho (bis)  
Como filho a vós pedimos  
e como mãe a vós rogamos (bis)  
E para em todos a glória e em  
tua até Deus rogamos (bis)

Bendito seja Maria marculada<sup>46</sup>

A intenção das cinco chagas  
e para sempre, amém Jesus (bis)  
Os três reis do Oriente  
que abençoa a vossa mesa (bis)

Deus vos pague a bela janta,  
é dada com muita alegria (bis)  
Os três reis do Oriente  
que dei o pão de cada dia (bis)  
Bendito louvado seja e a

Jesus, José e Maria (bis)  
Toda esta santidade  
que amparai sua família (bis)

---

<sup>44</sup>Segundo a tradição da folia, na boca da noite a janta simboliza (o almoço) e na volta do dia o almoço simboliza (a Janta).

<sup>45</sup>Trecho do cântico bendito de mesa transcrito na íntegra do áudio gravado durante a pesquisa de campo dos foliões cantando na Folia de Santos Reis do quilombo.

<sup>46</sup>Concebida sem o pecado original.

da Senhora Nossa (bis)  
como mãe da misericórdia  
e amparo dos pecadores (bis)  
Oh! bendito, seja Deus  
e lá no céu anjos e santos (bis)

Por todos os séculos dos séculos  
e dos séculos sem fim Amém [...](bis)  
E Deus vos pague a bela janta  
e dando a nossa defesa (bis)  
Os três reis do oriente, é a  
quem vos deve agradecer [...](bis)  
E vem dizendo viva! Viva!  
e essa bela união (bis)

E vai os anjos voando e  
com a ponta das asas voa (bis)  
Se devemos algum agravo, ajude  
os três reis que nos perdoa (bis)  
Bendito e louvado seja  
e as três palavras de Deus (bis)

Pai, Filho e Espírito Santo  
e seja pelo amor de Deus (bis)  
Opere neste bendito, é  
pro senhor que está na cruz (bis)

E lá do céu desceu um anjo  
e no descer abriu as asas (bis)  
Veio trazendo vida, saúde  
pro senhor dono da casa (bis)  
Lá do céu desceu um anjo  
e com seu livrinho na mão (bis)

E vem dizendo viva! Viva!  
e essa bela união (bis)  
E vai os anjos voando e  
com a ponta das asas voa (bis)  
Se devemos algum agravo, ajude  
os três reis que nos perdoa (bis)

Bendito e louvado seja  
e as três palavras de Deus (bis)  
Pai, Filho e Espírito Santo  
Viva Santos Reis com  
muita alegria! (bis)

Porque ele é nosso pai,  
é de ser a nossa guia! (bis)  
Viva Jesus, a virgem  
maria também (bis)  
Pai, Filho e Espírito Santo  
nas horas de Deus, amém! (bis)

O início das estrofes agradece às três pessoas da santíssima Trindade e na finalização do Bendito, o encarregado, grita: “viva os três Reis do Oriente”, e todos respondem: “Viva!”. Dão-se vivas também à Nossa Senhora, à Sagrada Família, à Estrela Guia, aos Foliões/foliãs, aos serventes, às/aos Cozinheiras(os) e aos Convidados/as. Logo depois, a bandeira é posicionada no altar, onde eles rezam<sup>47</sup> orações solicitadas pelos festeiros/as: A ladainha ou Santo terço (Fotografia 08). Segundo Costa (2010, p. 92), isso “cria uma centralidade temporária que transforma a vida dos moradores”, no qual o espaço da sala onde se encontra o presépio muda-se, tornando a residência um local sagrado.

No momento da reza que é proposta pela tradição, o espaço é tomado pelo silêncio, no qual somente o rezador (embaixador da Folia senhor José Rosalino) tem a palavra. Enquanto isso, os devotos/as o acompanham nas preces fixando seus olhares com feição de respeito no altar ou com os olhos fechados ou somente com a cabeça para

---

<sup>47</sup>A reza é uma “oração coletiva realizada diante do santuário, cujo objetivo é pedir aos santos proteção para os foliões e acompanhantes durante o giro (Neves, 2016, p. 91).



baixo, e tem-se os foliões/foliãs e devotos/as mais fervorosos que se posicionam de joelhos para pronunciar as orações. Em seguida, inicia-se o deslocamento da saída da bandeira que simboliza a saída dos três Reis Magos em direção a Estrela Guia.

É o momento em que as pessoas, de acordo com Pereira (2009, p. 9), “são transferidas do mundo secular e profano para o domínio do extraordinário”. A locomoção da folia é percebida como um desejo de ter parte com o Divino, para recuperar o pertencimento a outra realidade (rural), ser útil em relação ao outro e obter animo para retornar a vida diária.

**Fotografia 08**



Oração do Santo terço com foliões/foliãs diante o altar do pouso  
Fonte: acervo da pesquisadora (2023)

Ressalta-se que, diante a esta peregrinação, os três Reis se tornaram santos por terem visto a luz Divina e por terem acreditado que, seguindo-a até Belém, encontrariam nascido na lapinha o salvador da humanidade. Brandão (2004, p. 383) enfatiza que “[...] a folia é uma prática religiosa e santificante porque reproduz simbolicamente a viagem dos santos cultuados. Ela é percebida como uma situação

ritual adequada e suficiente para o cumprimento de obrigações religiosas e devocionais”.<sup>48</sup>

Nesse contexto, realizar o giro da folia com o movimento de pessoas e coisas de um espaço para outro é um meio de santificar e que também ressalta a ligação das folias rurais que acontece na zona urbana. A folia de Reis, além de ser um encontro com o presépio, é também um regresso à forma do catolicismo popular rural dos “sertões” em que os oratórios eram vistos como espaços sagrados, como evidenciam Coelho e Maia (2011, p. 135):

Durante um longo período da nossa história, foram preteridos pela Igreja e visitados somente em ocasiões especiais (visitas prelatícias e episcopais e festas populares). Com isso, os cultos nas casas, diante de oratórios, presépios e bandeiras, por exemplo, substituíram na ‘roça’ a ida às igrejas’, dispostas nas vilas e cidades.

Podemos inferir, então, que a fé católica havia sido entregue à própria sorte, devido à falta de atuação do clero em espaços e atividades religiosas. Ademais, Teixeira (2005, p. 17) ressalta que “o catolicismo brasileiro foi durante muito tempo um catolicismo de ‘muita reza e pouca missa, muito santo e pouco padre’”. E com o pequeno número de eclesiásticos que residiam na colônia, Hoornaert (1974, p. 118) salienta que na realidade da colônia portuguesa os “portugueses povoadores e desbravadores do sertão, assim como os indígenas mansos e os africanos escravizados, e mesmo os quilombolas eram os principais propagadores do catolicismo no interior”.

Todavia, os leigos estiveram à frente de irmandades, de festas, dentre outras práticas religiosas fora do sistema doutrinário da igreja passando a ser os principais responsáveis por promover o catolicismo popular levando a possibilidade devocional pessoal de cada fiel. As atividades rituais da festa do catolicismo são entendidas como devoção, sentimento religioso, dedicação e afeto a um Santo de devoção da qual a veneração acontece de forma coletiva e popular. Nesse sentido, Mott afirma que:

‘Santo é aquele que se adula [...]’ diz um ditado antigo repetido na Bahia de Todos os Santos. De fato, na religiosidade popular do Brasil de antanho, a intimidade dos devotos vis-à-vis certos santos e oragos percorriam um continuum de amor e ódio, que incluía louvores, adulação, rituais propiciatórios [...] (Mott, 1997, p. 184).

---

<sup>48</sup>“É caracterizado pela intensa presença de leigos, por ampla participação popular e por se constituir de festas de santo, bênçãos, promessas, rezas, romarias cujos rituais e símbolos expressam o sentimento religioso numa forma mais adequada à cultura e à tradição do lugar, figurando como uma forma de resistência à imposição do catolicismo romano oficial” (Santana Lôbo; Caroline Lôbo, 2012).

Dita e vista como manifestação religiosa do povo, a folia em devoção aos três Reis do Oriente da comunidade São Félix é uma destas práticas religiosas. Para se pertencer à folia, de acordo com Brito, precisa-se “seguir os passos da bandeira pelas estradas, ajoelhar diante do altar e reverenciá-la, acompanhar com um olhar piedoso” (2015, p. 178).

O trajeto de uma casa a outra é feito durante toda a noite e a parada da folia em cada moradia até a chegada do pouso é envolvida por cânticos de saudações e de profecias. Esses cânticos bíblicos, que narram a viagem dos Reis Magos para a visita ao menino Jesus e o nascimento de Cristo, também estão na base religiosa da folia. Um exemplo de canto de profecia entoado pela companhia é este que se segue:

Ó de casa! Ó de fora! <sup>49</sup> e boa noite morador (bis) Santos Reis que está no giro e na sua porta chegou (bis)	vossa casa visitar (bis)
Oh! que noite tão bonita e que hora tão sagrada (bis) Santos Reis está viajando chegou na sua morada [...] (bis)	Também veio pedir uma esmola para seu dia festejar (bis) Santos Reis pede esmola e não é ouro e nem dinheiro (bis)
Pela uma nova estrela e assim foram avisados (bis) Santos Reis foi avisado e não avisou a ninguém (bis)	Ele pede é um alimento do nosso pão verdadeiro (bis) A esmola que vos deste nós viemos receber (bis)
Foi visitar o Deus Menino quando nasceu em Belém (bis) Viajaram esses três Reis a partir do Oriente (bis)	Glorioso Santos Reis é quem vos deve agradecer [...] (bis) Convida a todos e geralmente para assistir esse festejo e dos três reis do Oriente (bis)
Chegou nos pés de Deus menino para trazer os seus presentes (bis) Que foi ouro, incenso e mirra, foram os presentes dos Reis [...] (bis)	Santos Reis a representa no coração de Jesus (bis) Pedindo ao dono da casa que abra a porta e acenda a luz (bis)
É ele mesmo é quem vos pede a boa entrada do ano (bis) Santos Reis e aqui veio	Senhor, ó dono da casa se alegre o seu pensamento (bis) abra a porta e acenda a luz para Santos Reis entrar lá dentro (bis)

---

<sup>49</sup>Trecho do cântico de pedido de pouso transcrito do áudio gravado durante a pesquisa de campo dos foliões cantando na Folia de Santos Reis.

No dia da festa de Reis, percebemos que as músicas são cantadas na chegada das casas para os donos(as) das moradias, que recebe a bandeira como pedido de proteção para aquele lar em agradecimento pela oferta e a hospedagem. Quando se nota o processo do ritual do canto, há uma certa regra de conduta na hora da recitação final do último refrão do verso acima, no qual o folião Benigno Rodrigues conta<sup>50</sup> que os moradores(as) precisam abrir a porta e acender a luz para Santos Reis entrarem no recinto e visitarem o local. Logo, o grupo de foliões/foliãs com a bandeira, seguida dos músicos e demais participantes, adentram a residência onde o espaço fora elaborado para o momento, e este cenário da natalidade é envolto de devoção.

Na bandeira, os três reis magos estampados representam o encontro deles com Cristo e o propósito não é de levar mais presentes (ouro, incenso e mirra), mas o de receber esmola e de alimentos da casa do devoto(a) para finalidades humanitárias e para ajudar os festeiros/as nos pousos. Dentro de cada casa, os foliões e as foliãs com suas dinamicidades se fazem presentes entoando canções a pedido do dono(a), podendo ser um pedido de cura, de agradecimento por uma graça recebida ou uma moda sertaneja seguida com a dança de catira (fotografia 09), que é intercalada por palmas e batidas de pés misturada com as alegres moda de viola e músicas modernas.

**Fotografia 09**



Momento da dança da catira no pouso  
Fonte: acervo da pesquisadora (2022)

---

<sup>50</sup>Entrevista concedida em 18 de agosto de 2022, Matrinchã-Goiás.

Nesse diapasão, “se os foliões/foliãs encontram um presépio, ou altares com os santos de devoção das pessoas da casa, ou se tem algum doente, a música terá uma estrita relação com os elementos presenciados” (Santana Lôbo, 2021, p. 73). Assim, cada lugar visitado se necessita introduzir versos adequados para cada momento a exemplo do verso abaixo cantado para um anjinho.<sup>51</sup>

Quem pegou nessa bandeira  
pro anjinho que faleceu (bis)  
Ele já subiu pro céu, foi  
morar junto com Deus (bis)  
E vos paga a boa esmola  
do anjinho a falecido (bis)  
Ele já subiu pro céu, foi  
morar no paraíso (bis)

E vos pague a boa esmola  
do anjinho a falecido (bis)  
Despediu do pai e a mãe  
até no dia de juízo (bis)  
Passa mês e passa ano  
de contrição e de temor (bis)  
de um dia para o outro  
já não é mais pecador (bis)

Para o processo de canto do anjinho, a família do falecido segura a bandeira de Santos Reis e fica com ela abaixada no chão e os foliões/foliãs começam a cantar para ela ser levantada. Neste momento ritualístico não pode bater caixa nem pandeiro no cantório de um falecido. O único instrumento a ser tocado é a viola porque deve-se fazer silêncio devido a ser um sinal de respeito para com a pessoa que partiu para o plano divino.

Sobre o rito o embaixador José Rosalino relata<sup>52</sup> que a pessoa da família põe a oferta no chão, e a bandeira em cima dela e segura ela com o cabo. Então se canta, quando fala no cantório para levantar a bandeira, ela é levantada e em seguida o encarregado pega a oferta do chão, pois o familiar não pode pegar para entregar. A respeito do anjinho, elencamos também a fala da senhora Valdirene Ribeiro, que nos discorreu<sup>53</sup> que em um determinado ano estava girando a folia e aconteceu o falecimento

---

<sup>51</sup>Trecho do cantório que se é realizado para um falecido.

<sup>52</sup>Entrevista concedida em 18 de agosto de 2022, em Matrinchã-Goiás.

<sup>53</sup>Entrevista concedida em 24 de agosto de 2022, em Matrinchã-Goiás.

de seu irmão, e que os foliões fizeram um canto muito bonito em cima do caixão dele e isso a marcou muito.

Neste cenário, cada som da música é atribuído de sentido, significado e tem papel social que possibilita o enraizamento das crenças deste grupo. Segundo Gorina (1971, p. 22), “trata-se de usar a música para fins significativos, mas em ligação com o seu incompreensível mundo anímico e circunstancial”. Nesse viés, entende-se que os versos se associam ao plano terreno e celestial sendo um meio de comunicação e comunhão dos indivíduos durante o rito<sup>54</sup> com o plano Divino. Os sons produzidos são cantados por dois grupos de foliões/foliãs. Um grupo faz a primeira voz, ao cantar o primeiro verso e o outro responde fazendo a segunda voz enquanto o morador segura a bandeira experienciando e exprimindo sua fé.

A festa possui sonoridade própria que a identifica e que é completada pela paisagem sonora rural, urbana e do interior das casas que servem de inspiração para as músicas cantadas durante o caminho realizado pela Folia de Reis. A sonoridade do espaço pode chegar no ouvinte de diversas formas, o que lhes podem causar as mais diversas sensações. Nessas práticas ficam evidente que:

[...] cada paisagem é produto e produtora da cultura, e é possuidora de formas e cores, odores, sons e movimentos, que podem ser experienciados por cada pessoa que nela se insira ou abstraídos por aqueles que a lê através de relatos e/ou imagens. Nesse sentido, é por meio da paisagem que os elementos que integram os espaços “saltam aos olhos” do ser humano, gritam aos seus ouvidos, e envolvem-no nas suas dimensões sensíveis (Torres, 2011, p. 72).

Na folia, os tons, o timbre, os toques, a toada<sup>55</sup>, os movimentos melódicos, a harmonia e os ritmos estruturam a unidade musical. A combinação desses elementos rítmicos produzem estímulos, o equilíbrio e alegria na alma humana. Com isso, compreende-se que a musicalidade molda, de modo particular, o espaço e tempo do ritual da festa do quilombo e contribui para o enraizamento das crenças do grupo.

### *2.1.3 O rito da comensalidade e a festa da entrega da folia*

---

<sup>54</sup> “[...] regras e cerimônias próprias da prática de uma religião [...]” (Ferreira, 2004, p. 649).

<sup>55</sup> A toada é o ritmo que os instrumentos dão aos cânticos de reis. Costumam ter inúmeras variações, provavelmente ocasionadas pela diversidade de instrumentos que podem ser utilizados (Mendes, 2007, p. 100).

Dos momentos celebrados na folia de Santos Reis, a mesa para o consumo das refeições é o mais festejado. É um acontecimento coletivo onde crianças, foliões/foliãs e os participantes têm acesso ao alimento. Para Neves (2016, p. 141), “o rito da Comensalidade na folia, em analogia ao sacramento, celebra a aliança dos foliões, foliãs com o mundo sagrado e dos homens entre si, momentos em que os vínculos existentes entre os homens são renovados em torno da mesa”. A comensalidade é uma atividade social e cultural que ocorre a socialização, interação e representa o ato de comunhão dos indivíduos com seu Santo protetor.

A comida também simboliza a dádiva em que por meio do dar, receber e da repartição do alimento da mesa é firmado um elo recíproco entre festeiros, foliões, foliãs e os demais integrantes, no qual acontece mutirões para o preparo da comida, e é onde todos comem de forma igual não havendo restrição de alimentos para determinados componentes. Todos podem comer, porém deve-se respeitar o momento de alimentação dos foliões/foliãs: eles/as se servem primeiro e os demais participantes se servem em seguida.

De acordo com Neves (2016), nessa ocasião, as diferenças de classes sociais desaparecem, mesmo que momentaneamente, no plano simbólico que a folia proporciona. Na maior parte das vezes, os festeiros/as se oferecem para dar o pouso ou para fazer parte da corte do Santo homenageado. Em geral, são eles/as que detêm uma melhor situação financeira, levando-os/as a arcarem com quase todas as obrigações do pouso, pois há pouca ajuda referente a doação de alimentos.

É percebido que os organizadores/as encontram muitas dificuldades, mas se sentem satisfeitos em preparar o pouso e ver que tudo deu certo e que todos/as ali presentes se alimentaram da comilança conforme os relatos das devotas:

Quando a gente pega o pouso de folia, ou uma festa é nós que faz a despesa. Quando eu fui festeira eu ganhei ajuda da minha mãe, ela me deu um quarto de boi, minha comadre me deu ¼ de novilha e o resto fui eu. Botei muita galinha pra choca, fiz uma panelada de frango com macarrão e matei um porco e fizemos uma carne de porco. Foi uma festa muito bonita e todo mundo gaba da minha festa até hoje.<sup>56</sup>

Na hora da organização, eu gosto muito de organizar pra que as pessoas que me ajuda faça com amor e carinho, dedicação a Santos Reis. Pra nós é uma satisfação e uma alegria muito grande em receber a bandeira dos três Reis Santo.<sup>57</sup>

---

<sup>56</sup>Entrevista concedida pela sra. Josefina Barbosa em 24 de agosto de 2022, Matrinchã-Goiás.

<sup>57</sup>Entrevista concedida pela sra. Eva Libaino em 25 de agosto de 2022, Matrinchã-Goiás.

De acordo com as condições financeiras do anfitrião ou pelas doações arrecadadas, o cardápio da festa pode ter variações. Nas casas que os foliões/foliãs do Quilombo São Félix fazem o pouso, os alimentos mais comuns que encontram são o arroz branco ou com carne de frango, porco ou gado; feijão tropeiro ou de caldo com pele de porco; caldo de carne com mandioca; macarrão frito ou em caldo com carne, e verduras e legumes como o tomate, alface e repolho para a salada, sendo frequente o pequi, o jiló e a guariroba (fotografia 10 e 11).

É comum, também, servirem refrigerantes e doces de frutas e doces de leite produzidos no dia anterior, seja para o almoço ou para o jantar. Entre as guloseimas, destacamos os bolos de arroz, o biscoito de queijo, a rosca, o mané pelado, entre outros, que são feitos para o café da manhã e lanche da tarde (fotografia 12 e 13). Contudo, quase sempre se segue o mesmo padrão de alimentos em cada casa do pouso.

**Fotografia 10**



Comida do pouso da folia de Santos Reis  
Fonte: acervo da pesquisadora (2022)



**Fotografia 11**



Comida da entrega da folia de Santos Reis  
Fonte: acervo da pesquisadora (2022).

**Fotografia 12**



Mesa de café da manhã preparada  
para os foliões/foliãs e visitantes  
Fonte: acervo da pesquisadora (2023)

**Fotografia 13**



Mesa de doce preparada para a  
festa de Santos Reis  
Fonte: acervo da pesquisadora (2023)

O trabalho de preparação do cardápio é voluntário, no qual amigos e familiares se dispõem a ajudar. Nas casas onde é o pouso, há um espaço que é reservado para o preparo dos alimentos com alguns fogões de barro; já em outras que não o possuem, é improvisada uma área com barraca e uma trempa<sup>58</sup> de tijolos e de latão (fotografia 14 e 15).

A comida é composta por alimentos tidos como fortes, tendo o propósito de fortalecer as energias que os foliões/foliãs gastam em todo o período da folia. Tudo é feito em grande quantidade para se alimentar os participantes, simbolizando a fartura da folia goiana. No almoço, a quantidade de comida é menor do que a preparada no jantar, pois o fluxo de pessoas é menor tendo mais a participação de foliões/foliãs e familiares. Já no jantar, o público é bem elevado, haja vista que se reúne uma multidão de pessoas e, com esse crescente número, visa-se a praticidade de limpeza por meio da utilização de pratos e talheres descartáveis:

**Fotografia 14**



Area da casa rural reservada para o preparo da comida da folia  
Fonte: Acervo da pesquisadora (2023)

---

<sup>58</sup>Suporte improvisado sobre o qual se coloca as panelas para preparar a comida.

Fotografia 15



Espaço improvisado na casa da cidade dos festeiros  
Josefina e Adão de Matos para o preparo do alimento da folia  
Fonte: Acervo da pesquisadora (2023)

No espaço da cozinha, há exacerbada concentração de calor e a fumaça das lenhas encharcam o ar. E para o preparo da comida, as cozinheiras(os) e auxiliares medem a quantidade de alimentos que devem ser feitos e da quantidade de temperos a ser usados “pelo olhar”, não havendo uma quantidade exata. Observamos também que diversos produtos que antes eram produzidos nas propriedades para a preparação da comida tradicional agora são adquiridos nos supermercados, tais como a maionese e os temperos.

O quadro abaixo apresenta a estrutura de organização da chegada dos foliões/foliãs no pouso<sup>59</sup> e quanto as ações realizadas durante todo o dia na residência até efetuarem novamente o giro para o próximo pouso.

<b>Chegada no pouso (Previsão: das 04h às 05h da madrugada)</b>
---

Cantório na porta da casa (pedido de pouso).
--

Cantório de saudação do altar dentro da casa.
---

<sup>59</sup>Cada pouso é uma visita em maior escala; além de efetuarem os mesmos gestos tradicionais que realizam a cada casa visitada por seu grupo, num pouso, os foliões dormem, almoçam e jantam, além de permanecerem durante todo o dia na residência (Neves, 2016, p. 92).

Os foliões/foliãs recebem um lanche com café.
Os foliões/foliãs se deslocam para o espaço que vão dormir até amanhecer o dia.
<b>Retorno para a casa do pouso entre 9h e 10h</b>
Café da manhã.
Catira.
Oferecimento da refeição (almoço).
Agradecimento do (Bendito de mesa).
Catira.
Pausa do ritual para descanso, para o lanche e para o banho dos foliões/foliãs.
Oferecimento da refeição (janta).
Agradecimentos do (Bendito de mesa).
Oferecimento do café
Oração da ladainha ou Santo terço.
<b>Partida para o próximo pouso (Previsão de início dos giros é às 19:20h)</b>
Os foliões/foliãs e a bandeira visitam as casas durante toda a noite pelo trajeto percorrido oferecendo orações e recebendo donativos.

Fonte: trabalho de campo – Organizado pela pesquisadora (2022)

Ao cabo da preparação da refeição, são colocadas sobre a mesa as comidas em grandes panelas e bacias de plástico. Os foliões/foliãs e participantes se servem da comida ofertada em homenagem a Santos Reis e, em seguida, se inicia a oração ritualística do Bendito de mesa, no qual o alferes transfere a bandeira para as mãos dos donos dos pousos, seguido pelos versos tocados e cantados pelos foliões e foliãs com seus instrumentos. É um momento de emoção, pois é a despedida do pouso. A janta é servida no máximo as 18:00h e a manifestação se estende por volta de no máximo até as 19:20h, que é o horário que a folia deve voltar ao giro.

Quando se chega ao fim da jornada ritualística, se é o momento para se realizar a chegada (entrega da folia) que é tradicionalmente 6 de janeiro (dia de reis). Ela representa o local onde foi encontrado o menino Jesus. Na chegada da casa onde é feita a entrega da folia, há o encontro com outra folia de reis – a do Joaquim do alagado (fotografia 16 e17). Segundo o senhor José Rosalino,<sup>60</sup> toda a vida se teve as duas folias: uma faz uma parte do rio e a outra faz outra parte do rio são Félix.

<sup>60</sup>Entrevista concedida em 18 de agosto de 2022, Matrinchã-Goiás.

**Fotografia 16**



Encontro das Folias de Santos Reis do Quilombo São Félix e a do Joaquim do Alagado na entrega da folia (2022)

Fonte: Acervo da pesquisadora

**Fotografia 17**



As Bandeira das duas Folias: a verde é a da Companhia do Joaquim do Alagado e a vermelha é a da Companhia do quilombo São Félix

Fonte: Acervo da pesquisadora (2023)

Dentro da casa, as duas companhias de reis se aproximam do altar montado, onde pode se encontrar uma série de santos. Ao segurarem suas bandeiras e duas

estrelas amarelas que representam a Estrela Guia,<sup>61</sup> os foliões e foliãs cantam músicas de louvações e adoração, e os demais presentes, convidados e devotos(as) acompanham com grande fixação o momento. Em um ponto determinado do rito, as bandeiras e as estrelas são colocadas sobre o altar (fotografia 18).

**Fotografia 18**



Altar com as duas bandeiras de Reis e as estrelas  
Fonte: Acervo da pesquisadora (2022)

É importante compreendermos que a estrela é um símbolo celeste que transmite comunicação com o mundo elevado. Em vista disto, notamos que para os foliões/foliãs e devotos(as) do quilombo, a estrela representa a comunicação divina com os Santos santificados (três Reis Magos). Para eles/as, a estrela é vista como um sinal de

---

<sup>61</sup>A estrela Guia que também é chamada de Estrela de Belém, faz parte do Corpus de símbolos de maior importância para os devotos dos Santos Reis. Sabe-se que, tanto pelas Escrituras Sagradas quanto pela tradição oral, os Reis Magos foram guiados por uma estrela até o local onde se encontrava o Menino Jesus (Mendes, 2007, p. 91).

cumprimento de uma antiga profecia (nascimento de Cristo) e serve, hoje, como guia para os foliões e foliãs no cumprimento de sua jornada, tendo em vista que “não que estes saiam em suas jornadas mirados em uma estrela, mas cantam para ela em proteção, pedindo ajuda para nortear os caminhos, ao fim de que sua jornada seja cumprida com êxito” (Mendes, 2007, p. 92). A seguir, apresentamos dois versos do canto que referência a estrela celeste:

Apareceu uma estrela  
no jardim do paraíso  
que desceu do Oriente  
por ser Reis eu aviso (bis).

Que por essa nova estrela  
que os três Reis viajaram  
pra visitar o messias  
sem saber onde estava (bis).<sup>62</sup>

A festa da entrega é o momento principal de toda a caminhada, pois é nesse dia que se encerra a missão daquele ano e é, também, o momento em que os festeiros/as oferecem aos familiares, a comunidade, convidados e aos foliões/foliãs uma grande ceia. Conforme Bakthin (1993, p. 191), “o tempo das festas é o tempo alegre”. Neste sentido, a festa de Reis da comunidade quilombola com sua pluralidade de sentidos é a alegria que atrai os olhares daqueles que vivenciam. E na festa da entrega da bandeira, segundo Brandão (2004), o festeiro/a é um dos personagens mais importantes, já que ele/a é aquela pessoa responsável por organizar e preparar o festejo final para receber os foliões/foliãs e seus acompanhantes. No final da entrega, o casal de festeiro repassa a outros devotos/as a organização da celebração do próximo ano.

Pudemos notar no cotidiano da entrega da festa o espírito festivo do qual toda a casa se encontrava revestida, uma vez que nos deparamos com uma grande quantidade de pessoas por toda casa como: crianças correndo, foliões, foliãs e convidados sentados em grupos nos cantos da residência e do quintal conversando, pessoas da cozinha (cozinheiros (as) e ajudantes) matando galinhas e porcos para o preparo da refeição, entre outras atividades envolvendo o festejo de reis.

Diante à tradicionalidade da festa da entrega da folia, há algumas características na sua composição bastante interessantes e que a diferencia da folia realizada fora de

---

<sup>62</sup>Trecho do canto referente a estrela guia transcrito da entrevista concedida pelo folião José Rosalino em 18 de agosto de 2022 em Matrinchã-Goiás.

época e que não poderia passar despercebido. Nesta folia de reis que acontece somente à noite, não se tem a presença da figura do palhaço,<sup>63</sup> da rainha, do rei e nem missa (celebração da Eucaristia) presidida pelo ministério de um sacerdote (Padre).

Em vista disso, o embaixador da folia, sr. José Rosalino, quando indagado<sup>64</sup> sobre o fato de não se ter na festa os personagens do rei e da rainha, enfatizou que os três reis não tiveram rainha, são eles (Gaspar, Baltazar, Belchior) os reis da festa. E sobre a questão de não se celebrar a missa, alegou que na entrega não tem missa, porque no entendimento de cantório da folia, a única que se fizeram presente foi na do sofrimento de Cristo, no qual antes de ser entregue ao martírio da crucificação, ele fez a missa (Santa Ceia)<sup>65</sup> com os apóstolos. Apresentamos a seguir a estrofe do canto que o folião respalda sua fala:

Quando Cristo se viu preso  
sabia que era morto  
Oração que ele fazia quando  
Jesus estava lá no horto  
Oração que ele fazia  
o ato de contrição

Vieram os três reis  
mago no lado oriental  
Fazia presente o Messias  
do bem, da vida e do mal  
Tiveram na missa incenso  
que do ar cheiroso  
vieram do Oriente  
visitou o poderoso

Percebemos que, na tradição oral, tal fato se está embutido no meio cultural dos devotos/as. Como fora dito ao longo do trabalho, a folia tem como base a sagrada escritura e o evangelho de Mateus (cap. 2, vs. 1 a 12) e ela é a única passagem da bíblia que faz referência aos reis magos e sua jornada. Dentro desta narrativa, não se faz alusão à participação dos reis do oriente na Santa Ceia. Percebemos, ainda, que na tradição oral da companhia de reis tal fato descrito pelo depoente está embutido na história-memória coletiva dos devotos/as do quilombo.

De forma análoga a essa questão, podemos citar as palavras de Nora (1993, p. 13), uma vez que ele entende que “os lugares de memória vivem do sentimento que não

---

<sup>63</sup>Segundo os relatos dos foliões na folia goiana não se tem o palhaço.

<sup>64</sup>Entrevista concedida em 28 de janeiro de 2023, Matrinchã-Goiás.

<sup>65</sup>Remonta à última refeição de Jesus com seus discípulos na véspera de sua crucificação.



há memória espontânea, que é preciso criar arquivos, que é preciso manter aniversários, organizar celebrações, pronunciar elogios fúnebres, notariar atas, porque essas operações não são naturais”. Nesta perspectiva, entende-se que essas crenças são memórias construídas e que foram passadas pelos seus antepassados no qual é uma versão que os foliões e foliãs veem, narram e acreditam ser verdade mesmo indo ao desencontro de documentos históricos e científicos.

Os preparativos da festa começam com a chegada da bandeira e no quadro a seguir pode-se observar cada etapa que ocorre na entrega da folia de Santos Reis.

<b>Chegada na casa da entrega da folia</b>
Momento de encontro das Folias de Reis de São Félix e Joaquim do alagado que antecede na frente da residência para a abertura da porta que se encontra fechada e com as luzes externas apagada.
<b>Entrada</b>
Momento que as duas Folias após o canto de abertura da porta entram silenciosamente e se dirigem para frente do altar.
<b>Louvor</b>
Momento de cantos de louvores diante o altar.
<b>Integração</b>
Ao término do ritual do louvor, foliões, foliãs, donos da casa e convidados dialogam entre si, tomam café e comem bolo ou vão para um espaço reservado para dormir até o dia terminar de amanhecer.
<b>Retorno para a festa de entrega</b>
Café da manhã.
Preparativo do almoço.
Em meio ao preparativo da refeição os grupos de foliões/foliãs interagem com diálogos com os demais integrantes e convidados.
Oferecimento da refeição (almoço).
Oferecimento de doces
Agradecimento do (Bendito de mesa).
Oferecimento do café
<b>Despedida</b>
Momento que os foliões/foliãs se despedem dos festeiros/as donos da casa e partem

de volta para suas casas findando mais um ano de festa.

Fonte: trabalho de campo – Organizado pela pesquisadora (2022)

Lembramos que nas casas do pouso o trabalho é intenso para a retirada dos enfeites como as bandeiras, os arcos rituais, e os altares que ornamenta o local, tem-se a limpeza da casa, do acampamento e a coleta dos lixos. Outra iniciativa é a tarefa de desarmar a estrutura improvisada na cozinha, devolver as panelas que foram pegas emprestada com os vizinhos(as) e a divisão do alimento que sobrou entre as pessoas presentes na folia.

Referente à comida partilhada coletivamente na festa de reis, Jadir Pessoa (2005, p. 32) explica que:

Nessas festas está ficando cada vez mais difícil inibir ou coibir essa prática – a de se improvisar qualquer vasilha ou recipiente para se levar para casa alguma porção da comida da festa. Essa hipótese explicativa impõe-se pelo fato de que os sujeitos dessa prática nem sempre são pessoas carentes.

Compreendemos que na festa de reis há um sentimento de continuidade e não uma necessidade material da comida. Nessa festividade, há nas pessoas uma vontade de estenderem aquele momento, aquele dia, através da comida da festa. Obstante, é interessante observar que os doces e o preparar da carne são os componentes da comensalidade mais visados, devido à facilidade de serem conservados e que proporcionam o prolongamento do festejo. Diante o ato de partilha do alimento, a autora Pereira acentua que:

A vivência da solidariedade que se dá através da doação de alimentos, dos grandes mutirões que preparam a comida e a torna acessível a todas as pessoas e o sentimento de pertença a um grupo que caminha de forma autônoma com suas crenças e verdades é a grande tônica da folia de reis (2007, p. 56).

A partilha é uma prática que é característica do catolicismo popular que permite que todos se misturem, sendo “uma experiência religiosa do povo e para o povo” (Mendes, 2007, p. 78). Na festa, as pessoas demonstram sua alegria de louvarem os santos, seu elo com o divino e a satisfação de poder realizar o ato de partilhar a comida tanto para com os pobres, quanto para com os ricos.

#### *2.1.4 O avanço da modernidade e as mudanças ocorridas na tradição popular*

A folia de Santos Reis acontece há décadas e vem sendo realizado anualmente na comunidade quilombola, e com a crescente modernização e com o deslocamento de pessoas da zona rural para a cidade, houve algumas mudanças na realização e composição da folia. De acordo com Hall (2011), esse processo de mudança é definido como “globalização”, produzindo impacto direto sobre a identidade cultural.

Vale ressaltar, que o mundo mudou, no qual homens e mulheres operaram nele incontáveis transformações em busca de suas necessidades, desejos e da agilidade de seus atos. Com base na elucidação de Manuel Castells (1999), vivemos numa sociedade no qual o sistema capitalista, a globalização e principalmente a cultura contemporânea está organizada em torno de redes, que segundo Mattelart (2005) são redes de comunicação e de informação. Compreende-se que a modernidade capitalista é caracterizada pela circulação destas redes no qual traz transformações nas atividades, relações interpessoais, experiências humanas da sociedade e provoca alteração dos costumes.

E diante a estas novas variações da sociedade, com a concentração da tecnologia, tornou a mais dinâmica e flexiva levando assim ao surgimento de um novo tipo de espaço, pensamentos e de cultura onde “não existe uma fronteira<sup>66</sup> cultural nítida ou firme entre grupos, e sim, pelo contrário um continuum cultural” (Burke, 2003, p. 14). Constata-se que na fronteira não há distância física, social, econômica, política quanto cultural entre os diferentes espaços da sociedade contemporânea, sendo ela móvel do qual qualquer manifestações de um grupo ou de uma sociedade pode se conectar com outras práticas de outros grupos ou nações aproximando povos e havendo “troca simultânea”. Portanto para Clanlini tal decurso é possível pois,

em um mundo tão fluidamente interconectado, as sedimentações identitárias organizadas em conjuntos históricos mais ou menos estáveis (etnias, nações, classes) se reestruturam em meio a conjuntos interétnicos, transclassistas e transnacionais. As diversas formas em que os membros de cada grupos se apropriam dos repertórios heterogêneos de bens e mensagens disponíveis nos circuitos transnacionais geram novos modos de segmentação (2011, p. 23).

---

<sup>66</sup>A diversas pontuações desenvolvidas por intelectuais para o termo. E nos detendo ao seu aspecto cultural trazemos aqui o que fora constatado por Frizzo: “A fronteira é um lugar onde povos se cruzam, culturas misturam-se e, com o passar do tempo, esta frequência vai tomando forma e transformando-se em uma cultura singular e única: a cultura fronteiraça” (2013, p. 06).

Destaque-se que a fronteira, mesmo composta por distintas características (língua, hábitos, culinária, vestimenta, música e outros), é um local em que identidades, culturas e costumes se misturam e se expressam de forma particular, de modo que é difícil ter uma cultura única. Em relação à celebração da festa de reis frente ao surgimento das novas realidades e novos espaços, Silva (2013, p. 03) aponta que “em um primeiro momento elas ajudam a manter a tradição atraindo a participação dos sujeitos, pois se ficassem atreladas as regras fixas estariam se distanciando dos seus participantes”. Levando, então, em consideração o objeto de estudo, a folia é uma cultura que ao longo do tempo atravessou, apresentou e resistiu as mudanças passando assim por várias “reinterpretações “e a ser reinventada pelos foliões/foliãs e moradores da comunidade.

Ao que tudo indica, “a cultura é vista em sua obra como um processo contínuo, difuso e contraditório, de produção de visões de mundo e formas de sensibilidades e sociabilidade” (Pinto, 2010, p.), em que a mente humana em busca por realidade fornece ao mundo suas necessidades, interesses, paixões. A partir deste ponto, temos uma mobilidade cultural no qual a festa de reis do quilombo não é um estado fixo e imutável, mas sim de um processo contínuo, onde a cultura está relacionada a todas as experiências e formas de interação dos agentes do saber com o seu ato ritualístico. Adiante, ainda sobre Cultura, Peter Gay acrescenta que:

Toda realização humana que de alguma forma contribui para a experiência pode ser englobada nesta vasta rubrica: as instituições, o desenvolvimento econômico, a vida em família, as doutrinas religiosas e morais, os receios dos médicos, as mudanças de gosto, a estrutura das emoções, até mesmo a política. [...] cultura é algo mais complexo, mais descontínuo e mais surpreendente do que julgam os estudiosos da moderna civilização ocidental (Gay, 1988, p. 13-14).

Com base nos dizeres de Gay, a cultura está relacionada a todas as formas de interação e relações sociais realizadas pelo ser humano, sendo que a vida em sociedade pelo sujeito, contribui para as experiências de mudanças que se constituem. Também para Gay, essa experiência pode ser uma junção do passado com o presente, uma vez que o indivíduo pode vir a aprender a partir de suas peculiaridades. E, se pensarmos no movimento cultural popular do quilombo São Félix, na explicitação da educação das sensibilidades de Gay leva ao processo de compreender que a cultura é algo complexo, descontínuo, surpreendente e uma recordação viva, que possibilita manter a história, guardar costumes antigos, lidar com perdas, mortes e mudanças.

Nesse âmbito, tem-se o processo de mobilidade na identidade dos indivíduos que compõem esta manifestação popular, no qual Hall (2011) chama a atenção ao enfatizar que as identidades não devem ser vistas como permanentes e invariáveis. Para tanto, um sujeito, ao longo de sua vida, a partir de suas heranças, vivências, aprendizados e gestos constroem, desconstroem e reconstroem sua identidade, gerando assim uma variedade de identidades que estão em constante construção devido aos fatores socioeconômicos e religiosos que são absolvidos por todos os indivíduos.

Destaca-se, então, que não existe somente uma identidade pronta e acabada. Cada povo e cada indivíduo constituem uma identidade sociocultural particular nos seus traços, festas, ritos, comportamentos e vestuário, além de ser transpassada por jogos de poder e por sistemas de representação como se nota nos apontamentos dos autores abaixo:

As identidades estão sujeitas a uma historicização radical, estando constantemente em processo de mudança e transformação. [...] E precisamente porque as identidades são construídas dentro e não fora do discurso que nós precisamos compreendê-las como produzidas em locais históricos ou institucionais específicos, no interior de formações e práticas discursivas específicas, por estratégias e iniciativas específicas. Além disso, elas emergem no interior do jogo de modalidades específicas de poder e são, assim, mais o produto da marcação da diferença e da exclusão do que o signo de uma unidade idêntica, naturalmente constituída, de uma “identidade” em seu significado tradicional – isto é, uma mesmidade que tudo inclui, uma identidade sem costuras, inteiriça, sem diferenciação intensa (Silva; Hall; Woodward, 2000, p. 90-91).

Em decorrência das reflexões em torno da modernidade capitalista, reconhece-se que as mudanças significativas ocorreram nas relações e nas práticas socioculturais da cultura popular do quilombo São Félix resultando em novos costumes, ritmos de vida e em novas percepções de tempo e espaço. Em suma, antes da chegada da urbanização, os giros eram feitos a pé e as comidas da festa, nas fazendas, eram quase todas retiradas do campo (carnes, legumes e as frutas que são utilizadas na preparação dos doces). A tecnologia trouxe consigo meios de transporte e de comunicação, o que contribuiu sobremaneira para os foliões/foliãs carregarem os instrumentos e se locomoverem com mais comodidade e para muitos deles/as, até mesmo não precisarem realizar o pouso<sup>67</sup>

---

<sup>67</sup>“Cada pouso é uma visita em maior escala; além de efetuarem os mesmos gestos tradicionais que realizam a cada casa visitada por seu grupo, num pouso, os foliões dormem, almoçam e jantam, além de permanecerem durante todo o dia na residência” (Neves, 2016, p. 97).

(dormir na casa de alguém), o que facilitava, também, a comunicação entre os componentes dos grupos dos foliões e foliãs.

Em outras palavras, considerando esta mudança, pautamo-nos nas palavras de Canclini (1997, p. 2) ao afirmar que saímos de uma sociedade dispersa, rural, com culturas tradicionais, locais e homogêneas e com pouca comunicação social e sociabilidade e adentramos em uma sociedade tecnologicamente avançada, na qual se dispõe de uma oferta simbólica heterogênea por uma constante interação do local com redes nacionais e transnacionais de comunicação. Portanto, os novos recursos tecnológicos em massa vem tornando público os valores culturais da sociedade moderna. Para tanto, observa-se que mediante as peculiaridades da cultura do quilombo em andamento com a modernidade produziu-se uma sociedade híbrida com diversas composições sociais e muitas maneiras de representar o culto aos Santos reis.

Referente ao hibridismo, Canclini (2011) o ressalta como algo mais moderno que procura estudar os processos culturais de forma mais ampla. Nesse interim, compreende-se que com a chegada da modernidade, o termo hibridização cultural tem sido desenvolvido e empregado por alguns teóricos da pós-modernidade em diversos cenários, como no campo religioso, no diálogo de se entender a mistura das diferentes crenças existentes, na culinária de diversas localidades, no idioma, na música, na dança, na criação artística, quanto no espaço urbano, rural, como também na tradicionalidade, no moderno, e no global. E como ainda bem menciona Canclini (1997), a hibridização possibilita a sobrevivência das culturas tradicionais, sendo que a coexistência de culturas étnicas, com a nova tecnologia, pode levar a iluminar processos políticos e a democracia moderna com as relações arcaicas de poder.

No processo de mudanças concernente a celebração de reis, o folião José Rosalino relata<sup>68</sup> que, antigamente, cada folião tinha seu cavalo de montar e que esse era o meio de condução naquele tempo. A seu ver, hoje em dia, o mais difícil é reunir as pessoas e ter a condução para carregar. Quando se consegue o meio de transporte, se tem às vezes bastante folião/foliã; quando não arruma um veículo para a viagem, não se há nenhum folião, pois ninguém dá conta de ir a pé.

Outra mudança é que, atualmente, grande parte dos alimentos da festa são industrializados e congelados; além disso, é comum na zona urbana a utilização dos fogões a gás, sendo deixado de lado os fogões a lenha. Segundo Braga Tenaglia (2017,

---

<sup>68</sup> Entrevista concedida em 18 de agosto de 2022, Matrinchã-Goiás.

p. 35), tais mudanças “não interfere[m] em nada na festa, a não ser a praticidade de já comprar quase tudo pronto”. É visto que as novas tecnologias, a falta de interesse, o estudo e trabalho têm feito com que muitos adultos e principalmente jovens deixem de lado a sua herança histórica. Nesse viés, Braga Tenaglia destaca:

Pode ser, que a dificuldade em passar a tradição para os jovens esteja no pouco interesse por parte dos mesmos em aprender e fundar novos ternos, mas, também devemos lembrar que não é só a falta de interesse que afasta a todos, mas, também a correria do dia-a-dia, tanto para os adultos como para os próprios jovens, que precisam estudar e trabalhar. Por isso, não podemos simplesmente culpar as novas tecnologias [...], mas, entender que a internet e as outras tecnologias são grandes geradoras de laços, que se modificam de acordo com as mudanças do indivíduo (Braga Tenaglia, 2017, p. 35).

A partir da perspectiva do autor, podemos confirmar nas palavras de alguns foliões e foliãs que há um grande desinteresse da maioria dos mais jovens em dar continuidade ou de aprenderem como se conduz a folia, o cantorio, o manuseio dos instrumentos e o Santo terço, e que muito da falta desse interesse em relação a tradição é devido também aos afazeres da vida, como o mercado de trabalho e a escola:

Tem vários jovens que não tá tendo interesse. Esse é um sério problema. Por quê? Os jovens de hoje não estão importando bem. Uns vai, outros já não vai. No início tem um mocado de rapazinho que vai em um ou dois dias. Eles num envolvem tanto, são poucos que envolvem. Mas a gente tenta ajudar a aprender porque a gente tá acabando, tamo ficando velho, mais como vai ficar essa história? Daqui um tempo não vai ter mais essa tradição porque os jovens de hoje não tão importando bem com a tradição. Tem muito que há, tem muito que ainda enfrenta a dificuldade<sup>69</sup>.

Mas<sup>70</sup> hoje em dia tá difícil pelo modo de agir, o modo de trabalho, porque os jovens na hora deles pegar pra fazer, é o tempo que eles precisa de cuidar da vida que hoje em dia, a vida não dá pra tudo.

Observa-se que a Folia de Reis do quilombo São Félix se adaptou ao que a tecnologia trouxe, segundo suas necessidades e intenções. Vemos que “as sociabilidades antigas seguem lugar às novas [...], adaptando-se a novas funções e usos” (Pesavento, 2004, p. 27). Tendo em vista a integração das velhas tradições ao novo, Jadir Pessoa em seu discurso, explicita que a festa popular precisa se abrir para as mudanças advinda do novo:

---

<sup>69</sup>Entrevista concedida pelo sr. Eliaquín Lopes em 19 de agosto de 2022, Matrinchã-Goiás.

<sup>70</sup>Entrevista concedida pelo sr. José Rosalino em 18 de agosto de 2022, Matrinchã-Goiás.

Na festa também se pode aprender que o novo, por mais irremediável que seja, precisa ser integrado a herança que recebemos, que foi e, em muitos casos, ainda permanece sendo reconstituída, reproduzida e ensinada por abnegados artistas e sábios conservadores da cultura popular. A festa popular é o grande e fecundo momento a nos ensinar que a arte de viver e de compreender a vida que nos envolve está na perfeita integração entre o velho e o novo. Sem o novo, paramos no tempo. Mas sem o velho nos apresentamos ao presente e ao futuro de mãos vazias (Pessoa, 2005, p. 39).

De acordo com o pensamento de Pessoa, a festa consiste numa dimensão “educativa informal” que possibilita orientar comportamentos que levam jovens e adultos a aprenderem a conviver com as contradições, conflitos, inovações, transformações, novas descobertas e ensina lições de tolerância, nos quais se inserem valores, crenças, universo simbólico dentre outros elementos. O que se observa é que a Folia do quilombo abriga o vestígio de um processo coletivo dos elementos que estão ausente no festejo da contemporaneidade, e é por meio da articulação da história<sup>71</sup> e da memória que conseguimos ver os marcos passados desta festa ritualística.

Não só ver como despertar, receber, expor e dizer como foi um dia o processo histórico da Folia de Reis. Significa entender e ter informações sobre o processo histórico da folia como artefato da memória. A história representa e narra o passado, e essa temporalidade transcorrida precisa ser partilhada para que outras pessoas do quilombo e da cidade de Matrinhã também possam ver e entender nesse ritual seus elementos e significados, para que possam promover o cuidado e a manutenção do patrimônio imaterial deste local.

Logo, “este é um olhar que é capaz de presentificar uma ausência [...], enxergando nas marcas de historicidade deixadas pelos homens de outro tempo, a vida que habitou nelas um dia” (Pesavento, 2004, p. 25). Compreendemos, então, que é preciso voltar ao passado para se enxergar e resgatar por meio da história e memória os vestígios de uma escrita que se oculta sobre a outra.

Segundo D’Alessio (2012, p. 79), “a ideia moderna de patrimônio está ligada ao impulso de preservação de bens [...] imateriais que emerge do social. É uma forma de relação com o passado, um sentimento que revela o desejo de eternizar traços e marcas

---

<sup>71</sup>“A história constitui um dentre uma série de discursos a respeito do mundo. Embora esses discursos não criem o mundo (aquela coisa física na qual aparentemente vivemos), eles se apropriam do mundo e lhe dão todos os significados que têm. O pedacinho de mundo que é o objeto (pretendido) de investigação da história é o passado” (Jenkins, 2005, p. 23).



dos grupos humanos”. A essa concepção preservar e lutar pelo reconhecimento do patrimônio cultural de Santos Reis significa lutar pela existência e permanência cultural quanto social do quilombo São Félix.

## 2.2 Resultados e discussão

Tratar da manifestação popular da folia de Santos Reis do Quilombo São Felix de Matrinchã, enquanto patrimônio cultural imaterial, traz como perspectiva uma compreensão do que significa patrimônio cultural imaterial. Para tanto, citamos, nos termos da lei, que o coloca da seguinte maneira:

Artigo 2º - Definições: Entende-se por “patrimônio cultural imaterial” as práticas, representações, expressões, conhecimentos e técnicas – junto com os instrumentos, objetos, artefatos e lugares culturais que lhes são associados – que as comunidades, os grupos e, em alguns casos, os indivíduos reconhecem como parte integrante de seu patrimônio cultural. Este patrimônio cultural imaterial, que se transmite de geração em geração, é constantemente recriado pelas comunidades e grupos em função de seu ambiente, de sua interação com a natureza e de sua história, gerando um sentimento de identidade e continuidade e contribuindo assim para promover o respeito à diversidade cultural e à criatividade humana. Para os fins da presente Convenção, será levado em conta apenas o patrimônio cultural imaterial que seja compatível com os instrumentos internacionais de direitos humanos existentes e com os imperativos de respeito mútuo entre comunidades, grupos e indivíduos, e do desenvolvimento sustentável. Ainda nesse artigo, estabelece-se que esse patrimônio se manifesta nos seguintes campos: 1) tradições e expressões orais, incluindo o idioma como veículo do patrimônio cultural imaterial; 2) expressões artísticas; 3) práticas sociais, rituais e atos festivos; 4) conhecimentos e práticas relacionados à natureza e ao universo; 5) técnicas artesanais tradicionais (Brasil, 2004).

Por meio da definição legal foi possível conhecer e analisar as problemáticas e particularidades que estão inseridas no festejo da folia de reis do quilombo São Félix. Também compreendemos que o patrimônio cultural imaterial é como um conjunto de símbolos, sentidos e práticas que são expressas por um coletivo, isto é, representa as nuances da identidade e da cultura de um povo por meio de elementos intangíveis<sup>72</sup> que devem ser resguardados.

---

<sup>72</sup>Bens intangíveis são: “ideias, costumes, crenças, tradição oral, danças, rituais, saberes et.” (Pelegriani, 2009, p. 28).

No decorrer do estudo acerca da folia, foi possível analisarmos a sua reconfiguração e percebê-la enquanto importante bem cultural que precisa ser preservado e assegurado sua continuidade. Porém, até o presente momento de nossa pesquisa, não é oferecido ao grupo dos foliões/foliãs da comunidade São Félix nenhuma assistência do poder público e da secretaria da cultura, seja de doações ou proteção patrimonial, pois falta políticas públicas no município de Matrinchã.

Vale menção que o patrimônio cultural imaterial “nos remete ao campo da cultura, de valor extraordinário, que acumula e dissemina por meio do tempo e que se institui como um legado para a posteridade” (Souza, 2019, p. 23). Entendemos que os elementos culturais que compõem o bem cultural e que se traduz em saberes, celebrações, ofícios, modo de fazer, formas de expressões representam e evocam conhecimentos enraizados nos costumes e tradições, sendo transmitidos para as gerações colaborando no fazer histórico e na construção de identidades.

Ademais, vale ressaltar que o patrimônio cultural se efetiva pela vivência social do povo, da comunidade, da nação. Nos diferentes contextos de convivência social, o patrimônio possui diversos significados. No que diz respeito a esse contexto, o autor Gonçalves ressalta:

Afinal, os seres humanos usam seus símbolos sobretudo para agir, e não somente para se comunicar. O patrimônio é usado não apenas para simbolizar, representar ou comunicar: é bom para agir. Essa categoria faz a mediação sensível entre seres humanos e divindades, entre mortos e vivos, entre passado e presente, entre o céu e a terra e entre outras oposições. Não existe apenas para representar ideias e valores abstratos e ser contemplado. O patrimônio, de certo modo, constrói, forma as pessoas (2009, p. 31).

Diante desta assertiva referente ao patrimônio cultural imaterial, uma vez que nosso objeto de estudo se configura em tal, a investigação deste bem cultural obteve seus resultados a partir dos levantamentos de dados bibliográficos, da pesquisa de campo e dos depoimentos dos foliões e foliãs ocorrido durante as entrevistas, no qual nos revelaram que a Folia de Santos Reis apesar de ter sofrido algumas alterações, ela mantém, na atualidade a sua origem missionária. Ela é uma devoção e tradição popular milenar da comunidade quilombola São Félix que vem ano após ano reunindo diversas pessoas, de diferentes lugares e classes sociais, onde todos se reúnem unidos pela fé e com os mesmos propósitos.

Pudemos observar, por meio do estudo, que a fé está embutida dentro do seio cultural deste patrimônio e tamanha é seu poder, e o que ela pode fazer sobre a vida dos devotos/as. Entende-se que a fé se dialoga com a vida social das mulheres e homens e tem como principal função “fornecer significados ao cotidiano das pessoas, independente da forma como este se apresenta” (Lemos, 2007, p. 14).

Na religiosidade popular, a festa de Reis se torna um ritual colorido, em que as pessoas são de suma importância por estarem entregues em um mundo do extraordinário (sagrado), onde não se importa com a dificuldade diária daquele momento, mais que tem uma missão que deve ser cumprida. Nesse sentido, Pereira aponta que:

[...] a Folia de Reis consegue reunir o povo como sujeito histórico que é capaz de interpretar, criar e recriar a sua própria cultura. Num tempo de erudição, de linguagem sofisticada que divide, separa e exclui, a Folia de Reis apresenta-se como uma possibilidade de participação efetiva no campo religioso. Mas não é uma participação qualquer. O ritual da Folia de Reis é capaz de transformar pessoas comuns em personagens centrais de uma das mais importantes histórias ocorridas no âmbito do cristianismo (Pereira, 2007, p. 49).

É válido ressaltar que a pesquisa permitiu a oportunidade de conhecer os espaços dos rituais, acompanhar as gratificantes histórias de vida, de demonstrar a origem da folia, de vivenciar vários testemunhos de milagres e ensinamentos e de poder compreender que a fé é o principal pilar destas práticas culturais e sociais e que o catolicismo é sua religião e sua identidade religiosa.

Pode-se enfatizar que, enquanto festa de caráter religiosa, a folia é comandada por leigos, e mesmo suas crenças não serem prescritas pela liturgia, são celebradas por meio de ritos que objetivam levar os homens e mulheres a terem um encontro com o espiritual e sagrado. Contudo, constatamos que não há a participação da instituição eclesial como local de saída e que os ritos e os códigos morais presente no festejo do quilombo são elementos que fazem com que os costumes e a prática ritual não se percam mesmo com o mundo em constante transformações.

Portanto, mesmo com algumas alterações em certos hábitos, a folia não deixa de lado a fé, o espontâneo e o popular. Segundo Mendes, “os ritos, mesmo que em constantes re-apropriações, parecem ter uma atmosfera de eternos (2007, p. 110). Neste sentido, constatamos que mesmo que os devotos/as não entendam ao certo o significado atribuído, eles consentem, pois são normas que devem ser seguidas. Nessa mesma trilha argumentativa, Jadir pessoa esclarece que

todos os membros da folia devem também aprender e respeitar assiduamente as evitações codificadas para o giro [...] a norma é um dos universais da cultura. Nenhum grupo humano sobrevive sem alguma forma de coerção social. A folia de reis não conseguiria ser diferente (Pessoa, 2005, p. 88).

Foi possível analisarmos a folia como um espaço que busca propagar o amor, a esperança, a fraternidade, o acolhimento e a importância do trabalho em equipe para a realização da celebração e para a relação de vivência dos que dela participam. Percebemos, pois, também que o festejo é marcado por peregrinações, simbolizando a jornada percorrida pelos religiosos/as rumo ao plano divino.

Sendo assim, com o propósito de alcançar o objetivo proposto de nossa pesquisa, justifica-se a produção de um vídeo documentário para que a Folia de Santos Reis do quilombo São Félix possa ser conhecida e reconhecida, estudada, preservada tanto pelas pessoas do quilombo quanto pelos próprios cidadãos de Matrinchã e da região circunvizinha. Pretendemos, ainda, com essa produção, registrar o festejo de reis como bem cultural imaterial de valor para a população e evidenciar o documentário como um elemento que pode contribuir para a educação patrimonial. Assim, faz-se importante considerar a seguinte estrutura dos procedimentos realizados para a elaboração do documentário:

- Personagens previstos:

1. Foliões e foliãs
2. Festeiros(as)

- Metodologia:

- ✓ Realizamos entrevistas com foliões, foliãs e festeiros/as (de ambos os gêneros) residentes na comunidade quilombola rural e urbana de São Félix;
- ✓ Utilizamos equipamentos: aparelho celular (captação de áudio), tripé;
- ✓ Fizemos uso de músicas livres de direitos autorais;
- ✓ Pesquisamos fotógrafos e solicitamos orçamentos;
- ✓ Contratamos profissional para captar imagens fotográficas e filmagens com recursos próprios (acompanhamos e auxiliamos durante a pesquisa de campo);
- ✓ Criamos um roteiro para a produção do documentário;

No intuito de visarmos um melhor estudo prévio e andamento do processo de produção, ele foi dividido em etapas, sendo o primeiro o tratamento do documentário que permitiu orientar em quais partes do vídeo determinadas cenas irão aparecer. Assim, apresentamos, a seguir, o tratamento utilizado no processo de edição do documentário que fora dividido em categorias como: Concepção e abordagem; título e duração do documentário; proposta e abordagem do documentário e, por fim, o conteúdo previsto no produto final e a montagem de um breve pré-roteiro.

- Concepção e abordagem:

O objetivo estético do documentário é de demonstrar, por meio das narrativas dos entrevistados/as, sua proximidade, vivência e saberes relacionados à Folia de Reis, de modo que os foliões e foliãs forneceram dados a respeito da historicidade, das práticas culturais e dos pontos que compõem tal festividade. Foram intercalados aos depoimentos cenas que demonstram as práticas ritualísticas conduzidas em cada momento do festejo, bem como os espaços nos quais a manifestação cultural religiosa se procedeu.

- Título: “Os três Reis Santos: Cultura e devoção popular da comunidade quilombola São Félix de Matrinchã-Goiás”

- Duração prevista: 6 minutos e 43 segundos

- Proposta do documentário:

1. Evidenciar como se procede a tradição da Folia de Reis;
2. Valer-se da memória e identidade coletiva dos personagens a respeito da tradição da Folia de Reis;
3. Explorar os elementos simbólicos da festa;
4. Expor como o festejo foi e ainda continua sendo importante para as pessoas do quilombo São Félix e da cidade de Matrinchã;
5. Compreender o processo da comensalidade;
6. Fomentar a preocupação dos foliões, foliãs em manter a tradição do festejo viva;
7. Evidenciar os testemunhos de bênçãos recebida;
8. Demonstrar os testemunhos e experiências dos entrevistados/as.

- Abordagem do documentário:

A abordagem das filmagens da festa de Santos Reis procedeu em estilo aberto e fechado, no qual foi exposto os espaços e cômodos das residências onde ocorrem os rituais de forma mais aberta e em alguns pontos das filmagens foi no estilo fechado. Em relação à abordagem das entrevistas, deu-se no estilo fechado, no qual focou-se principalmente no rosto dos entrevistados. As entrevistas foram realizadas de forma individual, de modo que o procedimento se deu da interação entre a entrevistadora e o entrevistado(a), sendo utilizado entrevista semiestruturada com questões sobre o tema estudado, do qual permitiu que os participantes falassem livremente sobre assuntos que foram surgindo como audiovisuais da conversa.

- Conteúdo do documentário (as situações filmadas):

1. Nas entrevistas: as histórias dos personagens a respeito de momentos vivenciados ou conhecidos no festejo de Santos Reis;
2. Os rituais religiosos da festa; cantos, orações e a dança de catira;
3. Os espaços de manifestação da folia;
4. Preparativo da comensalidade.

- Trilha sonora:

1. Utilização de músicas que possam gerar comoção e interesse no espectador;
2. Utilização de efeitos sonoros, ao fundo de algumas cenas ou até mesmo em substituição do som original, que possam vir a ter algum problema de captação.

- Estilo de edição:

A edição de caráter simples na forma da estrutura de montagem

- Os ambientes utilizados:

1. Residências dos entrevistados/as,
2. Casas e ruas onde se percorreu a folia.

O documentário a ser realizado se baseia nas narrativas adquiridas nas entrevistas e das filmagens feitas da folia, do qual não contou com um roteiro “fechado” no seu processo de pré-produção. Porém, estabelecemos os procedimentos da produção exposto acima para as gravações das entrevistas e para a edição das filmagens realizadas da manifestação popular de reis.

Segundo Costa (2019, p. 105), o argumento de produção de um documentário “deve tratar, portanto, a ideia geral do filme em questão, com os personagens e o início, meio e fim da produção já pré-estabelecidos”. O autor ainda acrescenta que o argumento do roteiro, em sua forma textual, deve responder às seguintes perguntas como forma de estabelecer a realização do documentário:

- O que? - Se refere à Folia de Santos Reis e o desenvolvimento do referido documentário;
- Quem? - Se refere aos personagens (Foliões, foliãs, festeiros/as, cozinheiras/os);
- Quando? - Se refere sobre a duração do documentário
- Onde? - Se refere aos espaços (casas e ruas) que aconteceram as filmagens do festejo;
- Como? - Se refere às formas de abordagem utilizadas, para tratarem sobre a manifestação popular;
- Por quê? - Trata-se do motivo para a realização do documentário.

Por meio da pesquisa previamente realizada, é fundamental que todas estas etapas de perguntas estejam respondidas para que o roteirista (pesquisador(a)) tenha uma noção de como procederá a sondagem inicial da filmagem dos participantes e do patrimônio cultural. Para o documentário sobre a Folia de Reis do Quilombo São Félix, as falas dos foliões, foliãs e festeiros(as) foram coletados nos momentos das entrevistas, no qual não sabíamos o que cada entrevistado/a iria falar.

No período do mês de agosto de 2022 e janeiro de 2023, de 10 entrevistas foram realizadas 9 somente, sendo que uma não foi possível devido a indisponibilidade do entrevistado. As visitas e a captação das filmagens ocorreram em dias opostos, sendo registradas cada fala dos depoentes e foi perceptível e interessante notar a alegria e comoção em compartilhar sobre suas histórias e testemunhos sobre a tradição que faz parte de sua geração.

Após as gravações das entrevistas, seguimos para o processo de assistir todo o material, no qual foi realizado a decupagem<sup>73</sup> para se saber quais entrevistas e trechos seriam inseridos na edição final. Na decupagem (quadro 3), desconsideramos alguns trechos que, a nosso ver, não eram pertinentes à realização da edição por não serem úteis ou por ter ocorrido interrupções por problemas técnicos e externos nas mesmas.

Quadro 3: Síntese de exemplo de decupagem das gravações das entrevistas

<b>Entrevistas</b>	<b>Cortes</b>	
<b>Entrevistados(as)</b>	<b>Vídeo 1</b>	<b>Vídeo 2</b>
<b>Foliões/foliãs, Festeiros(as)</b>		
<b>SR. JOSÉ ROSALINO</b>	<p>0:41 - 2:01= Fala sobre o desinteresse dos jovens em relação a folia.</p> <p>2:14 - 3:14= fala sobre a fé.</p> <p>3:26 – 3:55= fala sobre visitantes e ajudantes.</p>	<p>2:21 - 2:35 = fala sobre a celebração dos Santos Reis.</p> <p>4:06 - 4:50 = fala sobre os desafios da organização.</p> <p>5:55 -7:20 = fala sobre os recursos financeiros.</p>
<b>SRA. EVA LIBAINO</b>	<p>11:25 - 12:11 = fala sobre organização do pouso e as despesas.</p> <p>11:25 - 12:11 = fala sobre crenças da folia.</p> <p>3:52 - 5:59 = fala sobre recebimento de graça dos três reis.</p>	<p>-----</p>

<sup>73</sup>Listagem de material filmado, para selecionar os trechos a serem aproveitados na edição.



<p><b>SRA. JOSEFINA BARBOSA</b></p>	<p>0:16 - 2:01 = fala sobre sua vivência com a folia desde criança</p> <p>5:55 – 7:20 = fala sobre sua devoção aos Reis Santos.</p>	<p>-----</p>
<p><b>SR. BENIGNO</b></p>	<p>1:29 - 3:21 = fala sobre a trajetória de Santos Reis na lapinha.</p> <p>2:01 – 3:51= fala da necessidade de novos instrumentos.</p>	<p>0:01 - 1:22 = fala sobre as pessoas que não recebe o canto no pouso.</p> <p>1:40 - 2:32 = fala sobre sua trajetória na folia.</p>
<p><b>SR. ELIAQUÍN</b></p>	<p>0:16 – 2:01= preocupação com a continuidade da folia.</p> <p>8:42 - 10:18= fala sobre a relação dos devotos com os Santos Reis.</p>	<p>1:29 – 3:21= fala sobre algumas particularidades que havia no festejo, mas que atualmente não contém.</p> <p>0:01 – 1:22= fala sobre seu desejo em relação a Folia de Santos Reis.</p>

<b>SRA. VALDIRENE RIBEIRO</b>	1:40 – 2:32= fala sobre o seguimento da geração da sua família na tradição.	
	0:1 – 1:21= fala sobre lembranças da folia.	-----

Fonte: trabalho de campo – Organizado pela pesquisadora (2022)

Após todo o processo de listagem do material, entrevistas e filmagens do festejo, seguimos para a seleção de cada trecho, intercalando a uma linha do tempo com as falas dos entrevistados/as e definindo as ordens que ficariam as gravações dos personagens e cenas da festa de reis (quadro 4).

Quadro 4: Síntese de exemplo do pré-roteiro das gravações da Folia de Reis

<b>MINUTAGEM</b>	<b>VÍDEO</b>	<b>ÁUDIO</b>
<b>Cena 1</b>  00:00 – 1:10	Cena de abertura  Foliões, foliãs segurando instrumentos e a bandeira	Cantoria da folia de Santos Reis
<b>Cena 2 - 3</b>  01:20 – 01:60	Sequência de entrevistas: fala sobre a trajetória de Santos Reis até a lapinha.  fala sobre a celebração de Santos Reis	Som ambiente
<b>Cena 4</b>  01:61 – 01:69	Foliões, foliãs fazendo o giro de casa em casa	Música de fundo

<b>Cena 5</b> 01:70 – 02:13	Cantoria na casa de um morador(a)	Som ambiente da Folia de Santos Reis
<b>Cena 6</b> 2:14 – 2:25	Cena de transição Imagem dos foliões, foliãs e o altar	Música de fundo
<b>Cena 7 - 8</b> 2:30 – 2:40	Sequencias de entrevistas: fala sobre a relação dos devotos/as com seus Santos	Som ambiente
<b>Cena 9</b> 2:50 – 3:02	Cantorio de pedido de pouso	Som ambiente da Folia de Santos Reis
<b>Cena 10</b> 3:16 – 3:25	Momento do café da manhã e organização e preparo da comensalidade	Música de fundo
<b>Cena 11</b> 3:28 – 3:40	Cantorio do bendito de mesa	Som ambiente da Folia de Santos Reis

Fonte: trabalho de campo – Organizado pela pesquisadora (2022)

Ressaltamos que o documentário se divide em depoimentos, planos das residências e espaços onde percorrem os rituais. Para melhor compreensão, a seguir, destacamos a estrutura de cada período do documentário que dividimos da seguinte forma:

- Externas: Consta de filmagens realizadas durante os momentos da Folia de Reis nos espaços das casas e ruas
- Imagens: Consta de fotos tiradas na folia mostrando os rituais realizados
- Entrevistas: Consta das cenas dos personagens entrevistados

Entendemos que o presente documentário contribui para o entendimento e uma melhor percepção da folia do quilombo São Félix de Matrinhã, e é uma tentativa de preservar a memória do povo do quilombo e de também dar voz aos protagonistas desta manifestação religiosa e cultural, pessoas que vivenciaram e vivenciam esta tradição. Sendo que o produto também pode ser elencado como elemento no que se refere à educação patrimonial.

### **3. PROPOSTA DE PRODUTO**

Neste terceiro capítulo, trata-se da apresentação da proposta de produto final, no qual se optou pela criação de um vídeo documentário como fonte de registro patrimonial sobre o bem cultural (Folia de Santos Reis) do quilombo São Félix. Desta forma, mostraremos como se deu a estruturação do material, sua elaboração em formato digital, o custeio e o qual será o formato de divulgação. Em seguida, apresentaremos o público-alvo a que se destinara o documentário, bem como os impactos previstos.

*O vídeo documentário nos fascina, nos sentimentos atraídos por escrever com a câmera, por apurar e educar o nosso olhar, a observação participante, experimentar um mundo repleto de cores vibrantes – o mundo da arte, da cultura [...]. Diríamos, então – Eis um universo que nos fascina.*

### **3.1 Documentário como registro do patrimônio: surgimento, conceitos e abordagens**

Desde o surgimento do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) em 1937, a cultura referente à preservação e à conservação do patrimônio histórico e cultural tem sido trabalhada no Brasil, contudo de forma institucionalizada. Então, é visto que desde esta década houve a preocupação e importância de se ter ações educativas, estratégias de proteção e preservação. No entanto, tais iniciativas se concentravam mais nas exposições e criações de museus. “Mais recentemente, a preocupação com a educação patrimonial se mostra mais no sentido de apoiar a participação da comunidade” (Costa, 2019, p. 17).

Para que esta interação seja possível, é necessário a utilização de diferentes processos, sendo um destes, a educação patrimonial, pois é uma ação educacional formal e não formal que tem o patrimônio cultural como o principal foco: “Compreende-se que todas as ações que proporcionam o entendimento, ou o debate a respeito do patrimônio cultural, seja este material ou imaterial, podem ser consideradas como educação patrimonial”<sup>74</sup> (Costa, 2019, p. 26).

Reforçando o pensamento do autor, Pelegrini (2009) afirma que a educação patrimonial é admitida como uma ação necessária para a transmissão dos valores atribuídos aos bens culturais. Logo, entendemos que o ato da preservação envolve manter as raízes que ligam os moradores do quilombo São Félix ao seu passado e as suas origens. Desse modo, na perspectiva protetiva do patrimônio cultural, a mesma autora nos declara que:

A educação patrimonial necessita equacionar as questões da diversidade cultural dos povos e assinalar as mudanças culturais referente as distintas identidades, aos conflitos e a solidariedade entre os segmentos sociais – apreendidos como produtores culturais permanentes e agentes histórico-sociais. Por conseguinte, o empenho sistemático e duradouro da educação patrimonial torna-se eficiente se

---

<sup>74</sup>É entendida como um elemento fundamental integrado as práticas cotidianas dos sujeitos, concebendo-os como protagonistas na construção e apropriação do seu patrimônio cultural, incentivando, assim, a participação social em toda as etapas de preservação dos bens e manifestações culturais (Tolentino, 2012, p. 44).

for capaz de promover a formação e a informação acerca do processo de construção de identidades plurais e de propiciar o desenvolvimento de reflexões em torno do significado coletivo da história e das políticas de preservação (Pelegri, 2009, p. 37).

Vê-se que há possíveis tipos de abordagens a serem trabalhadas para que torne o patrimônio mais próximo da população, a exemplo do vídeo documentário que foi o meio utilizado para que os cidadãos do quilombo São Félix e da cidade de Matrinchã tenham uma relação mais próxima com sua manifestação cultural e religiosa que é o estudo desta pesquisa (Folia de Santos Reis). Este estudo, por sua vez, tem o cuidado de registrar os movimentos e trajetórias do festejo, pois é um recurso que pode auxiliar a manter as lembranças e experiências religiosas que são acompanhadas pelos foliões, foliãs e familiares.

No que tange este aspecto, durante a pesquisa de campo, percebemos que o vídeo audiovisual se tornou fonte de registro entre os foliões, foliãs e participantes, no qual em vários momentos capturavam por meio de filmagens de celular os procedimentos referente ao rito dos reis magos, sendo um modo de manterem suas lembranças, rememorarem suas experiências e feitos do passado como de incentivar a continuidade desta tradição popular. Notamos que os devotos/as, ao revê-las em seus registros de imagem audiovisual, se emocionam e se inspiram a ressignificar a devoção ao relembrar a memória do culto com seus diversos símbolos religiosos e até mesmo das graças recebida nas práticas festivas e rituais da folia.

Se nos atentarmos ao uso de vídeos audiovisuais, com o crescimento das novas tecnologias, os documentários estão cada vez mais presentes na sociedade, tornando-se um hábito, pois vêm promovendo um importante papel na formação cultural das pessoas adultas e principalmente dos jovens. De acordo com Éder Cristiano de Souza:

Obras cinematográficas transmitem histórias que fascinam espectadores, sendo que os jovens são públicos preferencial dessas produções. Comumente sonhadores e idealistas, encontram nas telas valores, padrões de comportamento e heróis, os quais servem de referência as suas vidas (Souza, 2014, p. 24).

Tais práticas acabam por incentivar os sujeitos a se interessarem por essa manifestação cultural, bem como a manter vivo o interesse pela folia de Santos Reis da Comunidade quilombola e resgatar os seus valores culturais. Diante do exposto, compreende que o documentário possui grande influência sobre o imaginário coletivo. Deste modo, acredita-se que através de ações culturais e educativas (vídeo

documentário) deste bem cultural em questão pode influenciar na relação do educar o olhar da humanidade diante a imagem negra e de sua cultura como também eliminar o racismo e desmistificar certos estereótipos propagados.

Cabe salientar que, para que as crianças e adultos venham a adquirir um processo ativo desde conhecimento, apropriação e de valorização de sua herança cultural, é necessário que eles tenham uma experiência e contato com o patrimônio. De acordo com Costa (2019, p. 17), para que isso aconteça, “faz-se necessário, portanto, que a educação patrimonial seja utilizada de forma diferente e intuitiva para uma compreensão mais acessível das pessoas em geral”.

Em suma, é necessário que seja entregue a informação a respeito do patrimônio imaterial tanto material de forma dinâmica e interativa. O documentário<sup>75</sup> é um exemplo de interação e de movimentação social, tendo em vista que ele pode contribuir para se registrar, auxiliar e valorizar o patrimônio cultural. Sob esse prisma, os autores abaixo destacam que

A importância do vídeo documentário enquanto mobilizador da sociedade, desenvolvido a partir da contextualização dos fatos, está evidenciado na valorização do aspecto pessoal, em que os indivíduos se fortalecem e depositam seus ideais e sonhos na expectativa de realizações próprias [...]. Dessa forma, entende-se que o vídeo documentário deve, além de estabelecer ligações entre os assuntos retratados e o mundo em que os espectadores estão inseridos, valorizar os indivíduos em suas potencialidades e capacidades de construção pessoal. Com isso acredita-se que possa ser possível o surgimento de comunidades valorizadas, que acreditem na força da participação de todos em busca de um bem comum (Zandonade; Fagundes, 2003, p. 43-44).

No que concerne ao documentário como uma importante ferramenta patrimonial, aferimos que a utilização desse recurso audiovisual faz-se necessário e pode possibilitar a partilha de lembranças entre os que assistem, uma vez que os fornece uma discussão sobre o patrimônio ali exposto como, no caso em questão, a Folia de Santos Reis, no qual propicia o diálogo da imagem ali produzida “onde diferentes identidades coletivas contam para si e para os outros a própria história” (Freitas, 1997, p. 18) e visibiliza as recordações compartilhadas sobre o festejo.

---

<sup>75</sup>Existem muitos conceitos teóricos que definem o documentário. Porém trazemos a definição enfatizada por Nichols: “É uma representação do mundo em que vivemos. Representa uma determinada visão do mundo, uma visão com a qual talvez nunca tenhamos deparado antes, mesmo que os aspectos do mundo nela representados nos sejam familiares” (2005, p. 47).

O documentário, como instrumento patrimonial, contribui também para a discussão sobre o bem cultural seja imaterial e material. Atrelado ao tema trabalhado e exposto por nós, ele se solidifica como uma ferramenta que estimula o apreço visual, mas faz com que os espectadores/as tenham interação com o registro documental, o bem patrimonial e o sentimento de pertença. Para Nichols (2005, p. 70), “o vídeo e o filme documentário estimulam a epistefilia (o desejo de saber) no público”. Entende-se que o documentário impulsiona a formação de questionamento no público e traz a possibilidade de que esse desejo por conhecimento, visando a análise dos bens culturais seja sempre recorrente.

Sequenciando o pensamento em pauta acerca do vídeo documentário, Heidtmann e Rosa (2014, p. 18) apontam que “o vídeo é um instrumento vivo, rico e interessante para relacionarmos a memória, o patrimônio e a cultura”. Enfatiza-se que a relação entre memória e cinema, mais precisamente o documentário demonstra uma memória social compartilhada de afetos, sensibilidade, histórias e tradições.

Dessa forma, o vídeo audiovisual é um produto mediático de gênero cinematográfico que vem se tornando um apoio em diversas áreas, além de servir como fonte de registro, de pesquisa, de visibilidade, de valorização e de divulgação do conhecimento produzido e traz “uma inter-relação espaço-tempo mais palpável, compreensível e utilizável entre os saberes” (Tavares; Ferreira, 2013, p. 8).

Importa-nos destacar que através da comunicação passada por esta mídia, leva-se os espectadores/as a terem um olhar diferente a respeito do tema trabalhado, e assim permite que novas interpretações sobre o patrimônio possam ser feitas. Daí pode se evidenciar que o documentário serve para a discussão de várias problemáticas e temáticas presente no cotidiano da sociedade e do quilombo de Matrinchã. Como apontam os autores abaixo:

Por fim, acredita-se que o documentário representa um meio de comunicação, por meio do qual os indivíduos podem retratar a sua realidade, mobiliza as pessoas do meio em que vivem e, a partir daí, construir novos conceitos e interpretações do mundo, proporcionando assim uma leitura das imagens e sons que permeiam a sociedade de uma forma transformadora. É necessário ainda, destacar que essa transformação, ocasionada pelo vídeo documentário, é algo que deve ser construído gradativamente, de forma a impulsionar os moradores a acreditarem em seus próprios ideais. [...] Nenhuma mudança será feita sem que eles se sintam motivados a agir. Dessa forma, não seria somente a exibição de um documentário que levaria o crescimento individual dos moradores, mais sim, um trabalho contínuo, ou ao



menos consistente e duradouro, para que um, ou mais líderes, se disponham a promover a união das pessoas do bairro e a lutar por melhores condições de vida (Zandonade; Fagundes, 2003, p. 62).

Nesse sentido, como já foi salientado, esse recurso vem sendo usado para repensar a história, o patrimônio e questionar o conhecimento e conceitos que foram construídos historicamente. Além disso, ele pode ser utilizado para as pessoas interpretarem e saberem articular críticas dos eventos históricos do passado e da contemporaneidade. A partir desta perspectiva, no que tange ao documentário produzido “Os três Reis Santos: Cultura e devoção popular da comunidade quilombola São Félix de Matrinchã-Goiás”, a população em geral poderá analisar as práticas culturais locais, entender as crenças, vivências e a identidade coletiva dos agentes e produtores de Santos Reis, e a compreender a importância da manifestação da folia na memória cultural dos indivíduos do quilombo e da cidade de Matrinchã.

Para tanto, a compreensão deste festejo popular pelo espectador/a irá proporcionar o entendimento acerca de como funciona a devoção e a tradição da folia, além de levá-los/as a fazer uma abordagem reflexiva diante a cultura contemporânea de forma que haja a desconstrução de estereótipos, a diminuição do preconceito e discriminação racial em relação a cultura negra e das imagens e do discurso que estão vinculados no documentário e de motivá-los/as e impulsioná-los/as a valorizar esse bem patrimonial.

Importa saber que a metodologia tecnológica (documentário patrimonial) é um campo que possui um valioso repertório de atos, ações e testemunhos de uma sociedade, de um período histórico, e de manifestações populares o qual nem sempre a fonte tradicional consegue alcançar. Logo o espectador/a, por meio do bem cultural (Folia de Santos Reis), passa a fazer e construir seu próprio conhecimento, pois o saber não é dom que adquirimos, mas aprendemos. A partir disto, conhecimentos, valores, crenças e as representações adquiridas vão sendo desenvolvidas, pois a linguagem audiovisual como veículo de experiência cultural, permite a abordagem de aspectos por percepções em relação à realidade cinematográfica e mostra a representação do festejo popular e seus personagens e auxilia no combate ao silenciamento em relação aos povos quilombolas e sua cultura.

A presença do documentário no cenário brasileiro é recente, sendo que nos primeiros tempos do cinema mudo<sup>76</sup> no Brasil (1898-1929), conhecido como “documentário silencioso brasileiro”, a grande parte das produções realizadas foram dirigidas por europeus. Em suas produções, até a chegada do cinema sonoro, as filmagens consistiam em registros do cotidiano urbano, festas e viagens, tendo como cenário de fundo a retratação das belezas, costumes e tradições e principalmente as comunidades indígenas das regiões do país.

Nessa época, era possível encontrar representações de mulheres e homens negros com uma carga pejorativa, uma vez que suas imagens eram associadas a estereótipos raciais<sup>77</sup>. De acordo com Souza (2013, p. 64), “negros estão em desvantagem em ‘todo e qualquer aspecto’ na indústria de entretenimento” tendo que enfrentar o preconceito do mercado audiovisual. A manifestação da vida do povo negro e de sua herança cultural no cinema foi invisibilizada e representada de forma depreciada “aos contextos das religiões de matriz africana, da escravidão, da favela, da bandidagem e do samba” (Oliveira, 2016, p. 01). Ao longo da história do cinema, a invisibilidade permeia o caminho do povo negro na cinematografia.

Importa-nos destacar que a primeira filmagem elaborada no Brasil se iniciou no Rio de Janeiro, na qual fora filmada a entrada da baía de Guanabara e, posteriormente, o gênero se espalhou para demais cidades do país como destacado no (quadro 5).

Quadro 5: principais realizadores de documentários e as cidades brasileiras onde se espalhou o gênero

DOCUMENTARISTAS	CIDADES
-----------------	---------

<sup>76</sup>Filmes e documentários do início da produção cinematográfica brasileira em que negras(os) foram representados: “Dança de uma baiana” (Afonso Segreto, 1899), “Dança de capoeira” (Afonso Segreto, 1905), “Carnaval na avenida central” (1906), “Pela vitória dos clubes carnavalescos” (1909) e “O carnaval cantado” (1918) (Souza, 2013, p. 64).

<sup>77</sup>Segundo Candido e Júnior (2019), os estereótipos trata-se de práticas raciais preconceituosas que naturaliza e exclui tudo aquilo que é diferente e que não se enquadra nos padrões proposto pela sociedade. Diante a este contexto expomos aqui alguns exemplos de estereótipos apresentados pelos autores e que são associados a imagem do homem e da mulher negra: “mãe-preta” (sofredora, conformada e abnegada), “negro revoltado” ou “militante politizado” (belicoso, rebelde, revolucionário), “negão” (sexualizado, pervertido, insaciável), “malandro” (ambivalente, instável, violento, sincero), “favelado” (honesto, trabalhador, sambista, humilde, amedrontado, marginal), “crioulo doido” ou “nega maluca” (ingenuidade, infantilidade, simpática, comicidade), “mulata boazuda” (beleza, vaidade, irritabilidade, vulgaridade, deboche, prostituição), “favelado” (trabalhador ou marginal) (p.04).

Alberto Cavalcante Paulino Botelho	Rio de Janeiro
Adalberto Kemeny Rudolph Lex Lusting	São Paulo
João Batista Groff Aníbal Requião	Paraná
Eduardo Hirtz Giuseppi Fellipi Carlos Cornelli	Rio Grande do Sul
Igino Bonfioli Aristides Junqueira	Minas Gerais
Walfredo Rodrigues	Paraíba
Adhemar Bizerra	Ceará

Organizado pela pesquisadora a partir da fonte: GONÇALVES, Douglas Baltazar; MEDEIROS, Pâmela Silva de. Um levantamento sobre o documentário como gênero audiovisual. Vitória/ES, 2019.

Cabe reiterar que, com o desenvolvimento da cinematografia nos anos 1930 e 1940, os homens e mulheres negras ocuparam o centro da cena, sendo aumentado a marginalização de sua imagem por meio de estereótipos raciais baseados em estigmas<sup>78</sup> sociais. Entende-se que sua imagem não é considerada um padrão cultural social, mas caracterizado como um ser vilipendiado para a sociedade, visto que a maioria dos filmes e documentários brasileiros foram escritos, produzidos e dirigidos por cineastas brancos e tais produções construíram a imagem dos negros, negras e suas manifestações culturais a partir de seus próprios valores e visões de mundo.

---

<sup>78</sup>No que se refere ao estigma é importante informar que este é um tipo especial de relação entre atributo e estereótipo com potencialidade de extrapolar os limites do individual remetendo a característica estigmatizada a todo o grupo do indivíduo (Dias, 2012, p. 12).

Mesmo o cinema difundindo o eurocentrismo e os estereótipos, a imagem do homem negro e da mulher negra brasileira foram sofrendo mudanças expressivas durante o período da ditadura militar brasileira, quando muitos(as) passaram a ter centralidade nos enredos de filmes e documentários e o controle das câmeras, realizando suas próprias produções fílmicas<sup>79</sup>. Os negros(as) possibilitaram com seu trabalho uma cosmovisão negra, combate ao racismo, preconceito, fortalecimento das produções negras e para a construção de um ensino plural e democrático. Conforme Souza (2013, p. 870), “os trabalhos desses cineastas forjam o conceito de cinema negro como um cinema produzido por negros/as, com temáticas sobre a população negra”. Nesse ponto, pode-se entender que as produções do cinema negro buscaram eliminar os estereótipos, elucidar a voz negra e suas tradições e combater as opressões que vivenciaram e vivenciam ao longo do tempo.

Estes cineastas empreendem, a partir do cinema negro, a busca de uma autorrepresentação da história, a defesa da cultura negra e da participação das mulheres e homens negros como sujeitos ativos que sempre resistiram as opressões sofridas. O cinema se tornou uma forma de resistência negra dando possibilidade de revogarem as suas imagens que foram construídas de forma preconceituosa desde o período da escravidão.

Desde o período escravocrata, negras e negros não foram passivos, uma vez que sempre vieram resistindo a formas de violência e preconceito imposto por uma sociedade racista, sexista e classista tanto na história oficial quanto na produção cinematográfica (filmes e documentários). Para tanto, enfatiza-se que a comunidade negra ao longo da história apresenta manobras de resistência contra a opressão de raça e gênero, superando racismos e preconceitos para afirmarem a sua auto apresentação negra e de sua história e de seu patrimônio cultura na cinematografia.

No meado de 1936, com a chegada de som ao cinema e a criação do Instituto Nacional do Cinema Educativo (INCE), o foco das produções passaram a ser de caráter estatal pela iniciativa do governo de Getúlio Vargas<sup>80</sup>, “em que os documentários nacionais se restringiam a produções educativas, oficiais, cinejornal ou então, turísticas”

---

<sup>79</sup>Algumas cineastas brasileiras declaradamente negras e suas produções fílmicas: Viviane Ferreira- “Mumbi”; Sabrina Fidalgo- “Black in berlin”; Cely Leal- “Noitada de Samba”; Janaina Oliveira- “Rap de saia” (Santos; Berardo, 2014, p. 308). E alguns cineastas negros e suas produções audiovisual: Jeferson Rodrigues e Noel Carvalho- “Gênesis”, “Catedrático do samba”; Billy Castilho- “Ordinária” (Carvalho; Domingues, 2018).

<sup>80</sup>Foi presidente do Brasil por meio da Revolução de 1930, governando-o de maneira centralizadora. E após quinze anos de mandato fora forçado a renunciar seu governo no qual acabou cometendo suicídio.

(Pimentel; Fonseca, 2020, p. 63), indo ao encontro dos interesses tanto do governo quanto das necessidades de educadores.

Esse período fez uso do decreto-lei de 1932, que decretou que antes de se passar quaisquer sessões de filmes estrangeiros era de obrigação exibir curtas educacionais. O segundo ponto diz respeito à criação do (INCE) dentro do Ministério de Educação e Saúde, que visava contribuir para que as produções fossem dedicadas a propagação da cultura nacional brasileira. Nessa fase, tivemos o mineiro Humberto Mauro como cineasta do INCE com mais de 350 filmes produzidos, sendo que de 1936 a 1947 seus filmes foram marcados por enaltecer as descobertas dos cientistas brasileiros, as soluções técnicas engenhosas e as exóticas espécies de nossa fauna e flora. Já da fase de 1947 a 1964, ele produziu filmes que buscavam resgatar o Brasil rural.

Mas a partir da década de 1950, emergiu-se uma nova geração<sup>81</sup> de críticos e cineastas influenciados por movimentos cinematográficos internacionais, no qual em congressos, eles passaram a debater as produções brasileiras, no que conduziu a novos avanços nos modelos de produção nacional. Gonçalves e Medeiros (2019) explicam que grande parte dos filmes produzidos por esta nova leva de documentaristas surgiu dentro das universidades, por meio do Centro Popular de Cultura (CPC) – entidade ligada ao movimento estudantil da União Nacional dos Estudantes (UNE).

Os documentários, desde então, tinham como eixo temático as realidades sociais do Brasil, sendo elas: as organizações estudantis, movimentos comunitários e sindicais de operários; saúde e habitação. Contudo, apesar do contínuo avanço no campo da cinematografia “o cerco da ditadura militar formado em meados da década de 1960 impossibilitou que o mesmo continuasse a progredir durante a próxima década” (Gonçalves; Medeiros, 2019, p. 12).

No entanto, no ano de 1969, ocorre a criação da (EMBRASILME), Empresa Brasileira de Filmes, que se tornou a principal empresa pública cinematográfica da América Latina, e mesmo com o fim da censura no período da ditadura ao regime militar a empresa se extinguiu no governo de Fernando Collor<sup>82</sup>. Apesar da censura sofrida, em 1973, com a criação do programa “Globo repórter” pela rede Globo de televisão, houve uma abertura para o documentário brasileiro, sendo um espaço para a

---

<sup>81</sup>Dentre os principais cineastas da nova geração nesta época estão: Arnaldo Jabor, Glauber Rocha, Eduardo Coutinho, Nelson Pereira dos Santos, Cacá Diegues, Ruy Guerra, Zelito Viana, Walter Lima Jr., Luiz Carlos Barreto e Paulo César Saraceni (Gonçalves; Medeiros, p. 12).

<sup>82</sup>Político brasileiro que ficou conhecido por ter sido eleito presidente em 1989 e ter sofrido impeachment após um escândalo de corrupção em 1992.

nova prole de documentários e responsável por tornar Eduardo Coutinho<sup>83</sup> como um dos grandes nomes neste gênero.

Porém, Gonçalves e Medeiros (2019) salientam que a aparente liberdade que o programa possuía fora constantemente negociada até o início da década de 1980. De acordo com os autores, a rede globo era repressora diante a tudo que iria ser rodado. No entanto, Coutinho conseguiu fugir do modelo tradicional do cinema em rede nacional. Assim, com a evolução do ramo da eletrônica e informática na década de 1990, o vídeo digital ganhou destaque na produção nacional com a adoção de novas tecnologias e da substituição do sistema analógico pelo digital.

Ademais, com a criação do Centro Nacional de Referência Cultural (CNRC), a visão de educação patrimonial muda, no qual passou a se entender que as pessoas são de fato os verdadeiros detentores tanto da sua cultura quanto do seu “saber-fazer”, já que houve aí uma aproximação da CNRC com a população. Mas passado quatro anos de sua criação, o centro fora incorporado à Fundação Nacional Pró-Memória (FNPM) sob a tutela de Aloísio Magalhães.<sup>84</sup>

Este órgão passou a contemplar e prestigiar os bens culturais de natureza imaterial que antes não se era vigente na legislação. “O referido órgão através dos profissionais esforçava em perceber os diferentes ambientes sociais que concebiam identidade social, sem separar o grupo detentor das manifestações culturais de seu patrimônio” (Souza, 2019, p. 35). De toda forma, o avanço nas políticas públicas do Brasil referente aos mecanismos para o reconhecimento e identificação de diversas festas populares no Brasil, como a Folia de Santos Reis aconteceu somente com a introdução dos bens culturais de natureza imaterial na Constituição Federal de 1988.

Segundo Monteiro e Sacramento (2010, p. 6), “a Constituição traz o reconhecimento da “cultura do povo” como patrimônio do país e prevê, de forma inédita, a criação de dispositivos legais para políticas culturais públicas voltadas para as manifestações da cultura popular”. Enfatiza-se que com a Constituição houve a criação de órgãos condizente para a salvaguarda<sup>85</sup> e reconhecimento de patrimônios culturais

---

<sup>83</sup>Cinegrafista que além de realizar alguns longa-metragem por meio do seu trabalho “foi responsável por quebrar o padrão utilizado na produção de documentários do programa [...] reinventando assim o globo repórter” (Gonçalves; Medeiros, 2019, p. 13).

<sup>84</sup>Aloísio Sergio Barbosa Magalhães, o nome que inovou as políticas de patrimônio.

<sup>85</sup>O conceito de salvaguarda introduzido pela convenção da UNESCO 2003 “se entende as medidas destinadas a garantir a vitalidade do patrimônio cultural imaterial, incluindo-se nisso a identificação, a documentação, a pesquisa, a preservação, a proteção, a promoção, a valorização, transmissão em particular através da educação formal e informal, como também a revitalização dos vários aspectos de tal patrimônio cultural (Bortolotto, 2010, p. 10).

imateriais, a exemplo damos destaque ao Decreto nº 3.551, de 04 de agosto de 2000 que criou o Programa Nacional do Patrimônio Imaterial (PNPI) e instituiu o Registro de Bens Culturais de Natureza Imaterial, passando-se assim a acolher o patrimônio que representa a memória coletiva da população negra.

Em 2004, houve a criação do Programa Cultura Viva, pelo Ministério da Cultura, do qual vem desenvolvendo diversas políticas culturais públicas voltadas para a cultura popular do Brasil. Algumas dessas ações desenvolvidas procura propor que os grupos de detentores do saber e as comunidades possam ter acesso a recursos para a manutenção de suas atividades culturais, sendo que estas iniciativas “pautam no reconhecimento da cultura popular, com o respeito [...] a tradição oral desses grupos e suas formas organizativas, baseadas, em geral, na tradição familiar e nas relações comunitárias” (Monteiro; Sacramento, 2010, p. 6).

Pois é válido destacar que durante muito tempo os bens culturais imateriais que representam a origem africana e afro-brasileira foram ignorados, excluídos, negligenciados pelos órgãos de proteção, dando valor somente a herança branca europeia. Todavia, passaram a ser vistos e aceitos como riquezas nacionais, no entanto Cunha (2020), menciona que não se deve somente aceitar o patrimônio negro, é necessário e importante reinterpretar os existentes e propagar os novos. Na percepção do autor também:

É necessário dialogar com as produções e o uso das palavras epistemológica, abordagem e perspectiva quando trata-se de decolonialidade. Interpreto a unidade entre elas conectadas a ideia da experiência que, necessariamente, envolve um novo/outro jeito de fazer no Ensino de História, neste sentido, tendo em vista que propor-se a isso é corroborar com uma abordagem militante: guia-se pela visibilidade de memórias e sujeitos invisibilizados e silenciados por uma narrativa única de História. Pensar a partir de uma Educação patrimonial nesta perspectiva suscita, para mim, dois caminhos: criar novos espaços fazendo emergir histórias, memórias, sujeitos e materiais selecionados sob novos parâmetros, repensando os atuais, a luz deste conceito, criando brechas, que possam ser possibilidades de novas conduções dentro da Educação Patrimonial. [...] Constituir possibilidades de interrogar as experiências de sujeitos e as referências culturais que formam a sociedade, dando a centralidade afro seu devido espaço de análise metodológica, de forma que os valores civilizatórios afro-brasileiros presentes possam ser visibilizados e que haja uma metodologia que seja capaz de compreender os fenômenos pensando em referências genuínas destes valores e experiências afro-brasileiras e africanas (Cunha, 2020, p. 6-9).

Cabe salientar que o PNPI provocou transformações na atuação das políticas culturais, contribuindo beneficentemente nas atividades sociocultural dos patrimônios culturais registrados<sup>86</sup>, estimulando a visibilidade, o acautelamento, e o reconhecimento do patrimônio cultural imaterial e criando espaços para os que detém os bens culturais. Na perspectiva de Corá (2013, p. 13):

O PNPI provocou mudanças importantes na forma de atuação das políticas culturais, trazendo a cultura popular para o campo do patrimônio. Essa mudança de foco impactou na concepção das políticas culturais por algumas razões, sendo a primeira delas o destaque que a cultura popular ganha na agenda política, deixando de lado a visão romântica dos folcloristas de isolá-la como algo imutável. O que se observou foi que a cultura popular, denominada de patrimônios imateriais, a partir do PNPI passou a ser entendida como uma cultura “viva e vivida”, sendo produzida e reproduzida no cotidiano das pessoas e, com isso, a transformação da sua prática é legítima, ou seja, a incorporação de novos elementos simbólicos e o esquecimento de outros fazem parte do processo cultural que garante a construção da identidade de seus detentores.

Portanto, convém ressaltar que a Convenção da Unesco de 2003, em sua conferência realizada em Paris, estabeleceu novas diretrizes e definições que impactaram na criação de várias leis, influenciando a legislação brasileira. No entanto, fora longa a trajetória da humanidade com seus órgãos governamentais de legitimar e reconhecer a importância de se preservar seu patrimônio nas leis vigentes da atualidade firmada na obrigatoriedade da salvaguarda e proteção das manifestações culturais populares das sociedades atuais por todo o mundo, sendo que antes só era atribuído valor somente aos monumentos históricos (edificações, objetos de artes).

Faz-se pertinente comentar que a salvaguarda dos bens imateriais é caracterizada pelos planos de ações protetivas para o registro do bem cultural e estes planos provêm de pesquisa de inventário<sup>87</sup> que é elaborado no decorrer do processo de registro do referido patrimônio. Segundo Pelegrini (2009, p. 35), “o inventário necessita levar em consideração a(s) história(s), memória(s), valores socioculturais locais e as permanências dos elementos formais, das tradições e identidades dos grupos que vivem na área inventariada”. Com base em tais discussões, compreendemos que a maneira de

---

<sup>86</sup>O registro é a ferramenta legal no que tange ao prestígio e a valorização do Patrimônio Cultural Imaterial de um país, mas sua consolidação no Brasil, só foi possível após o estabelecimento do Decreto nº 3551. O regulamento objetiva propiciar projetos de identificação que possam reconhecer, além de salvaguardar e promover a grandeza Imaterial do Patrimônio Cultural (Souza, 2019, p. 37).

<sup>87</sup>Ações de levantamento e registro de bens pautados pela catalogação das informações sobre um determinado bem, uma cidade ou partes dela (Pelegrini, 2009, p. 33).



salvaguardar o patrimônio imaterial é a partir da efetivação de seus registros. Neste tocante, Pelegrini acrescenta que:

O acesso aos dados referentes aos bens da comunidade e a memória coletiva torna-se vital para a construção dos meios apropriados para a eficaz proteção dos patrimônios nas sociedades modernas, uma vez que essas sociedades (especialmente as ocidentais) correm o risco de perder os vínculos culturais com sua história, num processo que se manifesta continuamente e tende a conduzir a fragmentação social e a inibir os laços de solidariedade entre seus membros (2009, p. 36).

E para que a comunidade não perca o vínculo com sua origem e os laços de integração, Souza (2019) enfatiza que se deve incentivar os detentores do saber a repassarem suas práticas culturais para as próximas gerações. Portanto, entende-se que o plano de salvaguarda denota como um modelo de orientação que a comunidade do bem cultural necessita seguir para assegurar a continuidade e proteção de sua atividade cultural.

De acordo com Brasil (2000), nas diretrizes 3551 de 04 de agosto de 2000 consta que diversas entidades como o Ministério de Estado da Cultura; instituições vinculadas ao Ministério da Cultura; Secretarias de Estado, de Município e do Distrito Federal; e sociedades ou associações civis podem requerer o registro de um bem. Cabe-nos lembrar que de fato, as políticas de patrimônio imaterial têm um caminho longo a trilhar e percebe-se que seu sucesso é possível com ações e diálogo realizadas pelo IPHAN e poder público em conjunto com as comunidades. Nessa direção, torna-se pertinente com o documentário que é marcado por métodos, estilos e técnicas de produção garantir condições para que os saberes e as manifestações culturais do quilombo São Félix continuem existindo e sejam transmitidas.

Sendo assim, este recurso proporciona diversas possibilidades para se trabalhar o patrimônio cultural, a exemplo as manifestações populares. Segundo Costa (2019), o documentário possui seis modelos, sendo que cada um, apresenta, a maneira em que o fato será relatado no vídeo audiovisual. Logo, “cada modo compreende exemplos que podemos identificar como protótipos ou modelos: eles parecem expressar de maneira exemplar as características mais peculiares de cada modo” (Nichols, 2005, p. 135). Considera-se que vai de cada profissional utilizar o formato que for mais adequado para realizar o seu produto (Vídeo documentário).

Estes modos de fazer cinema documentário são definidos de: poético, expositivo, participativo, observativo, reflexivo e performático:

- Modo observativo

Propõe demonstrar o cotidiano e expor o fato da forma como ocorreu. “Evita-se qualquer tipo de interferência e narração, com isso é preciso que as cenas falem por si. Nesse tipo de documentário, raramente é utilizada trilha sonora, e há pouca movimentação da câmera” (Vieira; Santiago; Reis, 2020).

- Modo expositivo

Tem a característica de persuasão do espectador/a e como proposta o uso da narração dos fatos, de modo que o discurso é apresentado (problema) e em sequência a solução. Possui-se a exibição de títulos, legendas e a utilização de entrevistas. “Este [é] um modo que passa a impressão de ser objetivo, sendo assim um modo ideal para transmitir informações, mas que não desafia ou subverte essas informações passadas” (Costa, 2019, p. 45).

- Modo participativo

De acordo com Vieira, Santiago e Reis (2020), o modo participativo inclui o documentarista como participante de forma interativa com os atores/as sociais e propõe demonstrar a proximidade e influência do mesmo com a temática do vídeo. “Todavia, os entrevistados não são tidos como autoridades no assunto que irão falar, dessa forma, as entrevistas exibidas no documentário podem servir para afirmar ou contrapor o que está sendo dito, com a exibição de diferentes interlocutores” (Costa, 2019, 47-48).

- Modo reflexivo

O modo reflexivo tem como objetivo mostrar ao espectador/a todo procedimento utilizado na produção cinematográfica, no qual se é acompanhado a relação do produtor/a e quem está assistindo, tendo destaque a expectativa e questionamento trazidas pelo cineasta ao espectador/a. Segundo Nichols (2005), a reflexão aponta nossas atenções para nossas suposições e expectativas sobre a forma do documentário.

- Modo poético

Se preocupa com a estética, onde evidencia e valoriza a temática abordada e transmite por meio das imagens apresentadas uma impressão subjetiva e poética, dando des-

taque a cor, movimento e o volume do que é representado. “Esse modo enfatiza mais o estado de ânimo, o tom e o afeto do que as demonstrações de conhecimento ou ações persuasivas” (Nichols, 2005, p. 138).

- Modo performático

De acordo com Vieira, Santiago e Reis (2020), o modo performático enfatiza as dimensões afetivas, subjetivas ou expressiva e estética da representação, dando destaque para a memória, e as experiências de vida dos personagens. Este método usa várias técnicas cinematográficas e ao mesmo tempo utiliza-se de provas lógicas ou científicas para tratar de questões sociais. “Os documentários de representação social são o que normalmente chamamos de não-ficção. Esses filmes representam de forma tangível aspectos de um mundo que já ocupamos e compartilhamos” (Nichols, 2005, p. 26).

Entende-se que nem todos os tipos de documentário se parecem. Há várias distinções entre um e outro, do qual não abordam só um conjunto de estilos, técnicas, questões e características comuns. Para acontecer a construção de um documentário, ele precisa passar pelas etapas da produção e roteirização, depois vem a filmagem das imagens e a edição. Abaixo se segue como procede cada etapa.

- Produção

Para dar início ao documentário, se inicia idealizando o tema, situação ou personagem que se tem vontade de documentar, mas além da ideia do produto é preciso saber se há a possibilidade de ele ser concretizado. A esse ponto, Sergio Puccini (2009) chama a atenção para a estrutura básica de questões pertinentes que se deve recorrer, do qual é um guia para o desenvolvimento do produto:

- ✓ O que eu quero mostrar no documentário? – Trata-se do argumento principal do documentário;
- ✓ Como eu quero mostrar o tema? – Trata-se de como as informações do documentário serão transmitidas;
- ✓ Por que quero mostrar isso? – Trata-se de sequências que mostram ação ou atividades dos personagens envolvidos;

- ✓ Quem é meus personagens? – Trata-se dos personagens principais e seu respectivo papel no documentário;
- ✓ O que ele vai fazer? – Trata-se do conflito entre os depoimentos. Se caso houver, quais os conflitos a serem explorados no documentário;
- ✓ Como eu irei lidar? – Trata-se do público-alvo e expectativa de resposta dessa audiência.

Previendo que eventuais mudanças podem vir a acontecer no decorrer da produção cinematográfica, sugere-se que o documentarista apenas esboce as possíveis respostas destas questões. Logo após a definição do tema e do desenvolvimento da ideia, começa-se o roteiro e a pesquisa. E para a etapa de pesquisa, as fontes precisam dominar o tema e ser confiáveis. E Puccini (2009), lista quatro fontes de pesquisa. Sendo elas:

1. Material impresso
2. Material de arquivo (fotos, filmes, arquivos de som)
3. Entrevistas
4. Pesquisa de campo nas locações de filmagem

Cabe ao documentarista, por meio desse material, aprofundar seu conhecimento referente a temática proposta, certificando se da qualidade e viabilidade do material bibliográfico e visual. Portanto:

Seguindo estas quatro etapas, o documentarista deverá ler tudo aquilo que for possível, dentro dos limites de tempo disponíveis para a produção, referente ao assunto escolhido; fazer um exaustivo levantamento de material de arquivo, entre fotos, filmes e arquivos sonoros, buscando garantir permissão para uso; fazer pré-entrevistas com todas as pessoas que possam estar envolvidas com o tema; além de visitar os locais de filmagem para se familiarizar com o espaço físico e com as pessoas que o habitam. Muitas dessas fontes já podem ter sido levantadas e identificadas na primeira etapa de pesquisa (Puccini, 2009, p. 181).

Antes do procedimento das gravações do patrimônio cultural, as imagens podem ser previamente pensadas ou apenas podem ser deixadas ao acaso, que resulta também em interessantes captações de imagens. Até mesmo antes das filmagens sugere-se que o entrevistador/a faça uma pré-entrevista, como uma forma de criar vínculo com os

possíveis participantes e uma estratégia para obter ou até mesmo aprofundar informações já coletadas e evitar possíveis situações de resistência, recusa e constrangimento.

Acrescenta-se, ainda, como estratégia para a primeira abordagem, que se faça somente o registro por meio de anotações a mão ou por meio de gravador de áudio, se o entrevistado/a assim concordar. “A entrevista é a técnica mais usada em documentários, ela aproxima o documentarista e o público dos entrevistados” (Vieira; Santiago; Reis, 2020, p. 23), e é uma técnica que resgata a memória e da vida a produção.

Nas filmagens, em relação ao close dos entrevistados/as, dentre outros detalhes de gravações, o plano mais utilizado é o médio (fechado). O ponto essencial do documentário é a qualidade das imagens, pois a estética delas faz toda a diferença no produto e no momento da edição. Mas mesmo que a qualidade estiver ruim e a mensagem transmitida for boa, para não se perder aquele momento registrado, não se deixa de usá-la, pois pode ser necessário para se completar a história.

Se a boa imagem cinematográfica é fundamental, salienta que a montagem delas é um dos pontos mais importante. Pois, a edição é a que define como será apresentada a história, no caso o bem cultura que aqui relatamos em todo decorrer do trabalho. Vieira, Santiago e Reis (2020), menciona que este momento é onde se é exposto, aprimorado e até colocado em prática tudo o que foi roteirizado.

Contudo, se é revisado e selecionado todas as imagens dos arquivos para se fazer a decupagem antes de começar a editá-las, sendo que o roteiro e a decupagem guiam o editor/a na finalização do documentário. Seguindo a essas etapas mencionadas, o editor/a obterá condições de expor o modo de viver, as relações, acontecimentos do passado e do presente evidenciado na temática (Bem patrimonial).

### **3.2 Apresentação e formato do Produto - Vídeo documentário**

O produto final consiste na produção de um vídeo documentário, juntamente com um manual de uso para ser entregue a comunidade quilombola São Félix e as escolas da cidade de Matrinchã. O acesso ao documentário poderá ser feito por meio de qualquer dispositivo digital que possa suportar o arquivo, como computador, celular, tablet, pendrive, notebooks. O material também estará disponível na página de Instagram do quilombo (@quilombo\_são\_Felix\_matrincha) e no site do Programa de

Pós-Graduação em Stricto Sensu estudos Culturais, Memória e Patrimônio (PROMEP/UEG). Por meio desse acesso, o espectador/a poderá pelas diversas ferramentas de exibição assistir o documentário e obter uma boa visualização do conteúdo.

O vídeo documentário e o manual de uso servirão como materiais norteadores para que não somente a comunidade quilombola e as escolas de Matrinhã trabalhem com o conceito de patrimônio imaterial, memória, identidade, quilombo e cultura negra durante seus momentos de aulas, efetivações de ações e projetos, mas também qualquer outra instituição da região e cidades poderá fazer o uso como o distrito de Lua Nova e Jeroaquara.

Inicialmente, foi pesquisado e contratado com recursos próprio um profissional fotográfico que teve o investimento de 500,00 (quinhentos reais). Já as gravações foram feitas pela própria pesquisadora, devido de última hora ter ocorrido contratempo com a pessoa que ia gravar, do qual ela não pode ir a campo, e o serviço de edição do produto foi ganhada, não havendo nenhum gasto advindo da pesquisadora.

Para o próximo procedimento, se seguiu para a coleta de dados adotado, que fora as entrevistas e a observação participativa no espaço do quilombo e nos locais onde os foliões/foliãs realizaram o ritual festivo da Folia de Santos Reis. Este procedimento se procedeu da interação direta entre a pesquisadora e os participantes da pesquisa, sendo utilizado entrevista semiestruturada com questões sobre a folia, do qual permitiu que os entrevistados/as ficassem à vontade para relatar e dar seu testemunho referente ao tema.

Destacamos que o roteiro de perguntas fora elaborado junto ao orientador e apresentadas ao Comitê de Ética em Pesquisa (CEP), que deu o parecer favorável. Para as entrevistas, pensou-se em entrevistar 10 pessoas com mais de 18 anos: (foliões, foliãs e festeiros/as de ambos os gêneros) residentes na comunidade quilombola São Félix que tivesse uma proximidade, vivência e saberes relacionado a Folia de Reis, de modo que esses pudessem fornecer dados a respeito da historicidade, práticas culturais e os pontos que vem a compor tal festividade, não sendo possível participar das entrevistas participantes que não atendessem a tais critérios.

Contudo, devido a indisponibilidade de um participante, houve somente nove entrevistas. Para a realização delas, houve todo um cuidado no qual foram previamente marcadas e cuidadosamente preparadas em locais e datas diferentes. O ambiente de cada entrevista fora nas residências dos participantes. Fizemos o possível para deixá-los

confortáveis e, posteriormente, fizemos a leitura brevemente do termo de consentimento livre e esclarecido-TCLE, do qual por meio dele nos permitiram gravá-los e registrar seus depoimentos de modo a serem usados no vídeo documentário e no trabalho escrito.

Aos participantes da pesquisa foi assegurado a liberdade de participação, a integridade, sigilo, privacidade e a preservação e guarda do material coletado. Convém mencionarmos o interesse e empolgação que demonstraram diante a divulgação de seus relatos, pois acreditam que é uma forma de engajar os jovens e adultos para que a tradição não morra. Após a finalização das entrevistas, partimos para a segunda etapa do vídeo documentário do qual fomos para a pesquisa de campo ter um contado com o festejo (Fotografia 19 e 20).

**Fotografia 19**



Foto da pesquisadora juntamente com os foliões indo para a saída da folia  
Fonte: Acervo da pesquisadora (2023).

**Fotografia 20**



Foto da pesquisadora juntamente com os foliões em seu rito de canto na porta de um morador  
Fonte: Acervo da pesquisadora (2022).

Durante este período, pegamos a estrada com os foliões e começamos a fazer as filmagens, registramos cada detalhe, mostramos os lugares dos rituais, a sonoridade da festa, histórias de vida, a fartura das comidas, a devoção a Santos Reis, demonstração de fé e as orações. No período vespertino do pouso, tivemos a oportunidade de participar de cada atividade e ritual realizado e criar laços com os foliões, foliãs, participantes, cozinheiras (os), festeiras (os) e de ajudar na decoração da festa dentre outros afazeres (fotografia 21).



**Fotografia 21**



Foto da pesquisadora ajudando na decoração da casa do pouso do casal de festeiros Sra. Ernestina Francisca e Sr. Sebastião Rodrigues  
Fonte: acervo da pesquisadora (2023)

Já durante a noite, pudemos registrar outros momentos nos quais observou-se informações sobre o festejo, bem como vivenciamos os prosseguimentos dos rituais de culto a Santos Reis e cada giro que se deu pela noite a fora até o próximo pouso. Tratou-se de uma experiência que teve alguns percalços, mas que nos trouxe emoções e muita ansiedade e mesmo sendo uma tradição que faz parte da minha crença, enquanto pesquisadora me levou a ter um novo olhar para esta manifestação. Com as gravações concluídas e munido de todo material focamos na parte da decupagem, roteiro e edição das filmagens.

### **3.3 Público-alvo do documentário**

O uso de um vídeo documentário instiga análises e reflexões sobre o patrimônio local da região de Matrinchã, além da possibilidade de compreender a diversidade

cultural dos homens e mulheres quilombolas desde suas semelhanças e diferenças, identidades e raças. A partir desse contexto, observamos que o documentário é também um meio de estudo onde se ensina e aprende sobre o bem cultural em destaque (folia de Santos Reis) como principalmente sobre as lutas, reivindicações e desafios, a organização social, as hierarquias e as relações sociais presente no festejo.

A Folia de Reis do quilombo São Felix é um bem cultural que tem suas próprias histórias, vivências e dinâmicas culturais. As imagens áudio visuais do documentário permite a abordagem desses aspectos que são produzidos por percepções em relação a realidade cinematográfica do qual se torna um importante recurso para o ensino/aprendizagem. Destacamos que toda essa forma de linguagem como veículo de experiência cultural contribui para a formação dos saberes históricos e do pensamento dos espectadores/as, pois o vídeo audiovisual vem se tornando uma fonte de memória histórica sendo assim utilizado para resgatar e registrar a história cultural das manifestações populares. O objetivo central do vídeo documentário sobre a folia do Quilombo São Félix é de registrar este patrimônio cultural para as gerações futuras, para que elas saibam que existiu tal celebração, mesmo que aconteça dela não vir a existir mais um dia devido as transformações que em vem passando.

Exposto isso, o produto final tem como público-alvo dois grupos sociais. O primeiro é constituído pelos sujeitos da pesquisa (os agentes da folia de Santos Reis), a comunidade quilombola São Félix e a própria população da cidade de Matrinchã, para os quais pretendemos elucidar informações sobre a tradicional manifestação cultural popular da região possibilitando aos mesmos uma experiência mais profunda com a história, as práticas culturais, permanências, memórias entre outros elementos que se encontra inserido ao festejo.

O outro público-alvo consiste das escolas do município de Matrinchã, do qual os professores/as poderão promover a difusão do conhecimento e práticas discursivas de valorização desta tradição cultural e religiosa e, além disso, trabalhar conteúdos de relação racial, enfocando questões do patrimônio cultural imaterial do povo negro. Nessa direção, essa iniciativa do produto permite manter viva a identidade, memória e a tradição cultural da festa dos Santos Reis.

#### **4. PROPOSTA DE APLICAÇÃO DO PRODUTO**

Trazemos algumas propostas de possíveis atividades e a forma de como pode ser aplicado o produto final (vídeo documentário sobre a folia de Reis do quilombo São Félix), que é fruto da pesquisa desenvolvida. E em segundo momento apresentaremos os locais onde será disponibilizado e a forma da devolutiva da pesquisa para a comunidade escolar, Matrinchaense, quilombola e para os participantes do trabalho.

*O patrimônio não preservado se perde mais facilmente, isso é prejuízo cultural para o ser humano. [...] Pode-se mudar se houver interesse. Um vídeo documentário é capaz de mudar situações, mas isso é possível se for divulgado.*

*(Cabreria; Craveiro, 2007)*

##### **4.1 Manual de uso do Produto**

O vídeo documentário será disponibilizado de forma digital à associação quilombola São Félix e às escolas Municipais Helena Maria Andrades Neves, Alice Camelo de Azevedo e para o Colégio estadual Arthur da Costa e Silva. Destacamos que a proposta de aplicação seja utilizada como fonte de estudos, pesquisas, de ações, projetos e oficinas. Dessa forma, os quilombolas, alunos/as e professores/as poderão fazer o uso bem como relacionar as ideias transmitidas oral e visualmente dos elementos culturais do bem cultural ali registrado.

O acesso ao documentário “Os três Reis Santos: Cultura e devoção popular da comunidade quilombola São Félix de Matrinchã-Goiás” é uma ferramenta tecnológica de registro e informação muito rica que pretende por meio de sua disponibilização levar as instituições citadas a estreitar um vínculo direto para que seja possível potencializar o patrimônio cultural dentro dos espaços dessas instituições. Além disso, este registro cultural pode vir a contribuir para a educação, no sentido de possibilitar aos alunos/as participação ativa nos processos socioculturais, sobretudo da comunidade em que vive

como forma de transformação social e de processo de humanização dos indivíduos que compõe o espaço escolar e quilombola.

Esperamos que ele possibilite também que a manifestação popular seja conhecida para além das fronteiras da cidade de Matrinchã e do círculo de usuários com os quais já estão habituados com a tradição (Foliões, foliãs, devotos/as, quilombolas). Pois a este contexto Frizzo (2013) ressalta que é rico o choque cultural, a exposição da cultura do “eu” com o “outro”. Ver-se que os acontecimentos socioculturais deste povo quilombola (hábitos, costumes e tradições) deve ser reproduzido e comunicado em diferentes espaços para que intercambiado com a cultura do outro haja uma aproximação bem como sentir as diferenças do “desconhecido”, e para que isto aconteça torna-se imprescindível e necessário o acesso direto as manifestações culturais.

#### **4.2 Proposta de aplicação na comunidade participante**

As instituições, após passarem o documentário, podem realizar diversas atividades a fim de efetuar a análise do patrimônio. Sugerimos que se realizem uma contextualização do bem cultural ali apresentado, relacionando-o as experiências dos espectadores/as, esclarecendo o porquê de estudá-lo, o objetivo e os pontos que devem ser destacados e apresentar os dados do documentário como:

- ✓ Título do documentário;
- ✓ Autoria/Diretor;
- ✓ data de produção;
- ✓ Elenco;
- ✓ Roteiro;
- ✓ Duração.

Logo depois de fazer com que as pessoas (sejam alunos, professores/as, quilombolas ou população em geral) apontem suas próprias colocações sobre a tradição da folia de reis que é realizada na sua comunidade. Em seguida, realizam-se um levantamento de questões que podem ser apresentadas pelo documentário, como patrimônio imaterial, cultura, religião, identidade, sociedade, memória, preservação, entre outros como um questionário a exemplo:

1. Qual o assunto principal do vídeo documentário? O que o vídeo apresentado tentou nos mostrar? Ele conseguiu passar sua mensagem proposta? Justifique sua resposta.
2. Você aprendeu com este documentário? O que?
3. Tem alguma parte do vídeo que não compreendeu? Qual?
4. Do que você mais gostou neste vídeo documentário? Por quê?
5. Qual o seu personagem favorito no vídeo audiovisual? Por quê?
6. Qual é o (a) personagem de que você menos gostou? Por quê?
7. Analise a sonoplastia<sup>88</sup> do documentário. Ela conseguiu criar um clima correto para a celebração registrada?
8. Você já participou da celebração de Reis? Se sim, conte como foi sua experiência diante esta prática cultural.
8. Qual a síntese deste patrimônio cultural retratado pelo documentário?
9. De sua opinião sobre este conteúdo que foi trabalhado ao final com o vídeo documentário, se esse ficou mais compreensível, por quê?

Após os questionamentos serem respondidos, deve-se promover uma mesa redonda com debate em que cada um defendera seu ponto de vista, no qual o aplicador/a será o mediador/a e assim avaliara o entendimento e o diálogo exposto por cada indivíduo naquele espaço. Outra sugestão que pode ser também trabalhada é como identificar o conhecimento que o espectador/a já possui em relação ao vídeo documentário. Em sequência, deve-se fazer a visualização do mesmo e propor uma análise por meio de um roteiro. Segue um exemplo de roteiro proposto a partir do sugerido pela autora Litz (2009):

- ✓ Temática básica do vídeo documentário;
- ✓ Delimitação do tempo e espaço;
- ✓ Relação do documentário com os conteúdos desenvolvidos em sala;
- ✓ Conceitos retratados no vídeo documentário (patrimônio imaterial, cultura, religião, identidade, sociedade, memória, preservação entre outros);
- ✓ Cenas que mais chamou a atenção. Por quê?

---

<sup>88</sup>Conjunto de efeitos sonoros utilizados em uma produção cinematográfica.

- ✓ Críticas às observações sobre o vídeo documentário.

Depois pesquisar o contexto que ele veio a ser produzido e, em seguida, fazer uma leitura das imagens e sinopse ali apresentadas e o período que elas focam. Porém, essas são só algumas propostas de atividades que podem contribuir bastante para o entendimento do patrimônio imaterial.

### **4.3 Devolutiva para a comunidade e o impacto esperado**

Após a defesa do relatório técnico, foi feita a devolutiva do documentário para a comunidade onde o patrimônio cultural se encontra inserido, no qual realizou-se uma roda de conversa que aconteceu no mês de maio de 2024 na “Câmara municipal de Matrinchã”, localizado na rua Jofre Freire de Andrade, setor Bela Vista em Matrinchã para apresentação dos resultados da pesquisa e divulgação do produto (vídeo documentário), sendo convidados os agentes da folia, moradores do quilombo, alunos/as e professores/as das escola (fotografia 22, 23, 24, 25, 26 e 27).

O impacto esperado do documentário é que ele proporcione visibilidade e se transforme em um recurso de comunicação, registro e divulgação eficiente deste patrimônio imaterial e uma forma de atrair o interesse das pessoas do quilombo são Félix, dos alunos/as tanto das escolas municipais e estadual, como a sociedade em geral do município de Matrinchã para este festejo. Espera-se também que o documentário ajude a fortalecer a tradição local (Folia de Santos Reis) e o espaço do quilombo e os locais onde ocorrem os giros, enquanto “lugar de memória”.

**Fotografia 22**



**Fotografia 23**



Fotos da pesquisadora e de sua devolutiva de pesquisa e do vídeo documentário produzido durante o mestrado sobre “A Folia de Santos Reis do quilombo São Félix”, para a comunidade escolar, Matrinchaense e para os foliões/foliãs e pessoas do quilombo São Félix.

Fonte: acervo da pesquisadora (2024).

**Fotografia 24**



Fotos da pesquisadora e de sua devolutiva de pesquisa e do vídeo documentário produzido durante o mestrado sobre “A Folia de Santos Reis do quilombo São Félix”, para a comunidade escolar, Matrinchaense e para os foliões/foliãs e pessoas do quilombo São Félix.

Fonte: acervo da pesquisadora (2024).

**Fotografia 25**



**Fotografia 26**



Fotos da pesquisadora e de sua devolutiva de pesquisa e do vídeo documentário produzido durante o mestrado sobre “A Folia de Santos Reis do quilombo São Félix”, para a comunidade escolar, Matrinchaense e para os foliões/foliãs e pessoas do quilombo São Félix.

Fonte: acervo da pesquisadora (2024).

**Fotografia 27**



Fotos da pesquisadora e de sua devolutiva de pesquisa e do vídeo documentário produzido durante o mestrado sobre “A Folia de Santos Reis do quilombo São Félix”, para a comunidade escolar, Matrinchaense e para os foliões/foliãs e pessoas do quilombo São Félix.

Fonte: acervo da pesquisadora (2024).



## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho evidenciou que a Folia de Santos Reis do Quilombo São Félix é um festejo cultural de toda goiana que acontece tanto na zona rural quanto urbana e que é passada de geração em geração. Essa celebração compõe a identidade dos quilombolas e moldam as experiências individuais e coletivas. Durante o trajeto feito pela folia, os foliões e foliãs, com as músicas entoadas juntamente com as diversas paisagens do percurso, imprimem dentro do ritual momentos de devoção. É realizada anualmente o ciclo da folia que é ligada aos rituais da natividade de Jesus, ao menino Deus e aos Santos Reis do Oriente. Os foliões/foliãs são intermediadores dos participantes que compõem a festa com o plano divino no qual é voltada para a proteção, fortalecimento espiritual, manutenção, harmonia e bem-estar da comunidade.

As comidas servidas nos pousos de folia da comunidade são alimentos tanto produzidos no cotidiano quanto adquiridos dos supermercados e são preparados em grande quantidade e em lugares espaçosos ou em áreas improvisadas. Como o espaço do ritual da folia é sagrado tanto os alimentos quanto as relações estabelecidas em torno se sacralizam. Percebemos, também, que a mesa com o alimento são elementos que criam a sociabilidade no espaço. Outros aspectos importantes para a efetuação da folia são os trabalhos voluntários, tais como os donativos, as relações de trocas existentes e o ambiente da cozinha.

Vale ressaltar que a música da folia que é executada e entoada pelos foliões acompanha todo trajeto da festa e são essenciais para reunir os integrantes na dança da catira e das práticas do comer, beber e rezar, promovendo o enraizamento da identidade sociocultural do povo quilombola. Compreende-se que esta manifestação ritualística é importante para a identidade do povo quilombola de São Félix por portar no seu interior, as práticas das crenças populares, modo de vida e histórias da comunidade, além do processo de transmissão de contadores por gerações.

Contudo, com as transformações advindas da modernidade e com o trabalho no meio urbano o festejo veio se integrando ao novo mundo capitalista tendo transformações nas formas de expressão das crenças, costumes e religiosidade popular, surgindo temporalidades ao longo da folia como o tempo do trabalho, o tempo do festejo e do religioso. Outro fator intrínseco, em relação às temporalidades, são sobre a interrupção do tempo que ocorre durante a folia, que se dá do dia 27 de dezembro ao dia

6 de janeiro, onde um ano é encerrado para o outro começar. Entende-se que um novo ano só irá iniciar-se após a entrega da folia.

Pôde-se compreender que os quilombolas de São Félix são pessoas de muita fé e possuem uma forte religiosidade. A grande parcela são de cristãos católicos e uma das suas manifestações de fé é feita por meio da folia de Santos Reis, no qual é uma cultura tradicional, que é realizada desde sempre, sendo também acolhida por muitos da cidade de Matrinchã-Goiás que são devotos/as, mas não são quilombolas.

O modo como os membros da comunidade afirmam sua identidade no contexto desse ritual é por meio da abordagem de seus aspectos estruturais, históricos e socioculturais, como pela importância da transmissão desta tradição cultural deste lugarejo. A festa mobiliza a comunidade numa extensa teia coletiva da vivência anual dos indivíduos por meio das relações que eles mantem e da memória que faz parte do local.

Contudo, o envolvimento dos quilombolas na festividade e na manutenção dessa tradição do quilombo é importante do qual confirma a permanência deste bem cultural. E este patrimônio imaterial promove um espaço de alegria, entusiasmo entre foliões/foliãs, visitantes e devotos/as. O ambiente também é o local propício para o momento de esperança, de confiança, de agradecimento e a oportunidade de louvor aos Santos Reis pôr os ampararem diante os percalços difíceis da vida diária.

De fato, o festejo de Reis possibilita encontros e reencontros, formando assim um laço de continuidade fraterna entre os indivíduos que estão participando e renovando a fé do povo do quilombo, da cidade de Matrinchã e distrito de Jeroaquara pelos diversos ritos praticados durante a jornada. E estes por sua vez no ambiente sociocultural da folia que se encontram inseridos faz com que estabeleçam relações sociais e incorporem atitude de pertencimento.

Vale destacar que dentre os fatores que fazem permanecer viva a tradição desta prática na contemporaneidade vem do legado cultural herdado por geração, do interesse e do encanto de muitas pessoas por esta manifestação. De acordo com os relatos dos foliões e foliãs, mesmo com as transformações sociais que provocaram algumas mudanças nos hábitos e costumes da comunidade, as pessoas ainda recebem com muita empolgação e alegria a companhia de Reis, até mesmo muitos enchem de enfeites seus quintais e residências.

Outro ponto a ser mencionado é a preocupação que os integrantes mais velhos do grupo de foliões/foliãs tem referente aos mais jovens de não demonstrarem interesse em dar continuidade ao grupo da folia do quilombo. Fora percebido que os veteranos/as

possuem uma visão negativa a esse respeito, pois segundo eles/as apesar de muitos jovens estarem presente nos giros, eles não se comprometem a ocupar a vaga dos foliões/foliãs falecidos e nem mesmo com as funções que estruturam as práticas rituais da jornada. Apesar da preocupação deles/as, devemos nos atentar que a folia é uma manifestação dinâmica e que apesar das representações e interpretações deste grupo terem sofrido algumas adaptações e ressignificações, a tradição continua com sua essência originária e se mantém firme em seu significado.

Nesse âmbito, cabe a reflexão de pesquisadores/as quanto da própria sociedade Matrinchaense de incentivarem a continuidade deste ritual cultural, como meio de preservá-lo e de reconhecê-lo como elemento patrimonial imaterial local e brasileiro e de compreender e visar como as identidades, as crenças, representações e a memória cultural dos devotos/as contribuem no processo histórico do quilombo e nos espaços do festejo. Pois ao investigar essa festa sagrada e registrar suas práticas, trata-se de um meio de dar voz aos seus detentores/as e espectadores/as e, assim, compreender suas crenças e manifestações simbólicas.

No decorrer da pesquisa, foi possível perceber que muitas famílias aguardam ansiosamente todo ano a chegada do período do giro da folia, para assim receberem em suas casas a bandeira de Santos Reis e as bênçãos em suas residências, a fim de ter mais um ano cheio de prosperidade e de saúde. Compreende-se que a comunidade de Matrinchá, devotos/as, foliões/foliãs e visitantes tem um grande respeito e temor para com a tradição da folia.

Os foliões/foliãs do grupo dos três Reis Santos do quilombo São Félix acreditam verdadeiramente nessa missão de encontrar e adorar o menino Deus, pois o reconhecem como o salvador da humanidade. Essa tradição dos personagens bíblicos (três Reis) movem sua fé e os estimulam a estarem firmes nesta lembrança legada cedendo suas residências para os pousos, apoiando de forma financeira, com doações de alimentos e se voluntariando nas atividades durante os giros.

Por meio dos seus aspectos culturais, a manifestação da Folia de Reis do Quilombo tem suas próprias características e singularidades que demarcam as fronteiras simbólicas ao afirmarem a identidade cultural dos quilombolas, sua pertença comum e estabelecendo os vínculos sociais. Destaca-se, também, que sua identidade se apoia em sua ancestralidade negra, na resistência territorial e na organização coletiva.

Por meio de nosso estudo, procuramos contribuir para a importância de se discutir sobre a Folia de Reis do Quilombo São Félix como meio de aproximar o

indivíduo de uma realidade histórica, levando-o a fazer uma reflexão diante a cultura contemporânea e promover novas discussões permitindo uma aprendizagem eficaz e significativa e abrir novos olhares em relação a essa manifestação popular e para que os órgãos oficiais reconheçam a folia como um patrimônio cultural imaterial que precisa ser preservado.

## REFERÊNCIAS

ALBERTI, Verena. **O que documenta a fonte oral?** Possibilidades para além da construção do passado. CPDOC – FGV, Rio de Janeiro, 1996.

ANJOS, R. S. A. dos. (Pesq.). **Quilombolas: tradições e cultura de resistência.** São Paulo: Aori Comunicação, 2006.

ARRUTI, José Maurício Andion. **A emergência dos remanescentes.** In: Mana 3 (2), p. 7-38, 1997.

ASSIS, Arthur. **A teoria da história de Jorn Rusen:** Uma introdução. Ed. UFG, Goiânia: 2010.

BAKHTIN, Mikhail. **A cultura popular na idade média e no renascimento:** o contexto de François Rabelais. 2ª ed. São Paulo: HUCITEC, 1993.

BOTOLOTTO, Chiara. **A salvaguarda do patrimônio cultural imaterial na implementação da convenção da UNESCO de 2003.** Revista memória em rede, Pelotas, v. 2, n. 4, dez, mar. 2011 – ISSN – 2177-4129, 2010.

BRAGA, Tenaglia Bruna. **O avanço da modernidade nas tradições populares:** Folia de Reis em Uberlândia (1985 – 2016). Uberlândia – MG, 2017.

BRASIL. **Decreto 3551, de 04 de agosto de 2000.** Institui o Registro de Bens Culturais de Natureza Imaterial que constituem patrimônio cultural brasileiro, cria o Programa Nacional do Patrimônio e dá outras providências. Disponível em: [http://portal.iphan.gov.br/uploads/legislacao/Decreto\\_n\\_3.551\\_de\\_04\\_de\\_agosto\\_de\\_2000.pdf](http://portal.iphan.gov.br/uploads/legislacao/Decreto_n_3.551_de_04_de_agosto_de_2000.pdf). Acesso 12 de julho de 2023.

BRASIL. **Cartas patrimoniais.** 3ª ed. Ver. Aum. Rio de Janeiro: IPHAN, 2004.

BERTRAN, Paulo. **Notícia Geral da Capitania de Goiás.** Solo Editores, Goiânia/Brasília, 1997.

BÍBLIA. Português, **Bíblia sagrada,** São Paulo, Editora: Ave - Maria, 2018.

BURKE, Peter. **Hibridismo cultural**. Trad. Leila Souza Mendes. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2003.

BURKE, Peter. **Variedades de história cultural**. Trad. Alda Porto, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

BRASIL. **Decreto 3.551/2000, 04 de agosto de 2000**. Institui o Registo de bens Culturais de Natureza Imaterial que constituem patrimônio cultural brasileiro, cria o Programa Nacional do Patrimônio Imaterial e dá outras providências. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/decreto/d3551.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/d3551.htm). Acesso em: 02 abril, 2023.

BRANDÃO, Carlos R. **De tão longe eu venho: símbolos, gestos e rituais do catolicismo popular em Goiás**, Goiânia: Editora da UFG, 2004.

BRANDÃO, Carlos R. **O que é folclore**. São Paulo: Brasiliense, 1982.

BRITTO, Clovis Carvalho. Entre Mascarados, mouros e Cristãos: Por uma memória Topográfica das Cavalhadas no Campo do João Francisco de Goiás. In: BRITTO, Clovis Carvalho. **Os sentidos da Devoção: o império do Divino na Cidade de Goiás (Séculos XIX e XX)**. Goiânia: Editora Espaço Acadêmico, 2015.

CANDIDO, Marcia Rangel; JÚNIOR, João Feres. **Representação e estereótipos de mulheres negras no cinema brasileiro**. *Revista Estudos Feministas*, 27 (2), Florianópolis: Rio de Janeiro, 2019.

CARNEIRO, Edison. **Religiões Negras/Negros Bantos – Notas de etnografia religiosa e de folclore**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1991.

CARVALHO, Noel dos Santos; DOMINGUES, Petrônio. **Dogma feijoada: a invenção do cinema negro brasileiro**. *Revista brasileira Ci. Soc.* 33 (96), 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.17666/339612/2018>. Acesso em: 17 julh, 2023.

CASCUDO, Luís da Câmara. **Antologia do folclore Brasileiro**. São Paulo: Livraria Martins, editora, 1956.

CASTELL, Manuel. **A sociedade em rede**. V.1, 6ª edição: Jussara Simões, São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CHAUÍ, Marilena. **Cultura e democracia: o discurso competente e outras falas**. 6ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1993.

CANCLINI, Nestor García. **Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade**. São Paulo: EDUSP, 1997.

\_\_\_\_\_, Nestor García. **Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade**. 4 ed., São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2011.

COELHO, Tito Oliveira; MAIA, Carlos Eduardo Santos. **Rituais de saída da bandeira na Folia de Santos Reis do Jardim das Aroeiras em Goiânia, Goiás**. *Agrária*, São Paulo, n. 15, p.126-144, 2011.

CORÁ, M. A. J. **Do material ao imaterial: patrimônios culturais do Brasil**. Tese (doutorado) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2011.

COSTA, Emilia Viotti da. **Da senzala a colônia**. São Paulo: UNESP, 1998.

COSTA, Carmem L. **Cultura, religiosidade e comercio na cidade: a festa em louvor a Nossa Senhora do Rosário em Catalão – Goiás**. Tese (Doutorado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, Departamento de Geografia, São Paulo, 2010.

COSTA, Pedro de Barros Nunes. **Érasmus Palace: O documentário Como registro do patrimônio**. Universidade Federal de Sergipe, Laranjeiras/SE, 2019.

CORRÊA, Maria Leal. **Quilombo Pedra do Sol**. Belo Horizonte: FAFICH, 2016.

CUNHA, Caroline de Aguiar da. **Educação Patrimonial afro centrada: possibilidades de reorientar o currículo escolar**. XI Encontro Nacional Perspectivas do Ensino de História. 2020.

CRUZ, Vera Lucia Dal Santos Da. **Refletindo sobre gênero e etnia no ensino de história**. Pitanga- PR, PDE: 2008.

D'Alessio, Márcia Mansor. **Metamorfose do historiador: O papel do historiador**. (org.) Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, n. 34, p. 5-445, 2012.

DIAS, Luciana de Oliveira. **Desigualdades Étnico-Raciais e Políticas Públicas no Brasil**, Revista da ABPN, v.3, n.7, mar. – jun. 2012, p. 07- 28.

FARIAS, Alexandre Leite Souza. **Celebrações da diáspora negra na religião afro-atlântica: ritual e performance dos palhaços na folia dos Santos Reis da Chacrinha (Valença-RJ)**. UERJ, Rio de Janeiro, 2014.

FERREIRA, Aurélio B de H. **Mini Aurélio: o mini dicionário da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2004.

FERRETTI, Sérgio Figueiredo. **Sincretismos e hibridismos no tambor de mina e na cultura popular do Maranhão**. VI Jornada internacional de políticas públicas. UFMA, São Luis-Maranhão, 2013.

FILHO, Carlos Frederico Mares De Souza. A proteção jurídica dos bens culturais. In: **Direito ao (Do) Patrimônio Cultural Brasileiro**. Pg. 153 – 173, 2009.

FLORÊNCIO, S. R.; CLEROT, P.; BEZERRA, J.; RAMASSOTE, R. **Educação patrimonial: histórico, conceitos e processos**. Brasília: Iphan, 2014. Disponível em: [http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Educacao\\_Patrimonial.pdf](http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Educacao_Patrimonial.pdf). Acesso em 15 dez, 2021.

FREITAS, Cristiane. **Da memória ao cinema**. Revista Logos; Comunicação e Universidade, Rio de Janeiro, 1997, v. 4, n. 2, p. 16-19.

FRIZZO, Gabriela Neves. **Fronteira: Limite geográfico que separa - Culturas que se unem**. IV Encontro Semintur Jr.; bloco 46, UFP: Universidade Federal de Pelotas, 2013.

GALZERANI, Maria Carolina Bovério. Memória, **História e Tempo**: perspectivas teórico-metodológicas para a pesquisa em Ensino de História. Cadernos do CEOM – Revista do Centro Oeste de Santa Catarina, ano 21, n. 28, p.15-31, 2008.

GAY, Peter. **A experiência burguesa da rainha Vitória a Freud**: a educação dos sentidos. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

GARINELLO, Norberto Luiz. Festa, trabalho e cotidiano. In: JANCSÓ, István, KANTOR, Iris (Organizadores). **Festa**: Cultura e Sociabilidade na América Portuguesa. V. II, São Paulo: Hucitec/Editora da Universidade de São Paulo/Fapesp: Imprensa Oficial, 2001, p. 969-978.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. São Paulo, Cultura Ltda, 1989.

GOMES, Joaquim B. Barbosa. **Ação afirmativa e princípio da igualdade**: o direito como instrumento de transformação social. A experiência dos EUA. Rio de Janeiro: Renovar, 2001.

GONÇALVES, Douglas Baltazar; MEDEIROS, Pâmela Silva de. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, XXIV **Um levantamento sobre o documentário como gênero audiovisual**. Congresso de ciências da comunicação na região Sudeste – Vitória/ES, 2019.

GONÇALVES, J. Patrimônio e Festas Religiosas. In: CARVALHO, A.; MENEGUELLO, C. (org.) **Dicionário temático de patrimônio**: Debates contemporâneos. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2020, p. 181-183.

GONÇALVES, José Reginaldo Santos. **A Retórica da Perda**: os discursos do patrimônio cultural no Brasil. Rio de Janeiro: Editora UFRJ; IPHAN, 1996. P. 37-61.

GORINA, Valls. **O que é a música?** Editora Verbo, Lisboa: 1971.

HEIDTMANN JUNIOR, Douglas E. D; ROSA, Débora. **Comunidade Rêtro: luz, câmera e valorização do patrimônio cultural de Laguna/SC**. Udesc em Ação, v. 8, p. 25, 2014.

HALL, Stuart. A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo. **Educação e Realidade**, v. 22, n. 2, p. 15-46, 1997. Disponível em: <https://www.seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/article/view/71361/40514>. Acesso em: 16 dez, 2021.

\_\_\_\_\_. **A Identidade na pós-modernidade**. Trad. Tomaz Tadeu da Silva. 11 ed. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2011.

HOORNAERT, Eduardo. **Formação do catolicismo brasileiro: 1550-1800**. Petrópolis: Vozes, 1974.

JENKINS, Keith. **A História repensada**, 3º. Ed. São Paulo: Contexto, 2005.

JURKEVICS, Vera Irene. **Festas religiosas: A maternidade da fé.** História: Questões e Debates, n. 43, p. 73-86, Editora UFPR, Curitiba, 2005.

KARASCH, Mary. **Os quilombos do ouro na capitania de Goiás.** 1º Edição. Claro. Enigma. São Paulo. 2012.

LEITE, Ilka Boaventura. **Os quilombos no Brasil:** Questões conceituais e normativas, etnográfica, vol. IV (2), p.333-354, 2000.

LEMOS, Carolina Teles. Introdução. In: LEMOS, Carolina Teles (org.) **Religiosidade popular.** Goiânia/GO: Deescubra, 2007. (coleção religiosa e cotidiano; v. 3).

LIMA, Luana Nunes Martins de. Festas goianas: patrimônio e memória como objetos de apreensão Geográfica. In: BRITO, Eliseu Pereira de; FREITAS, Jéssica Soares de; ALMEIDA, Maria Geralda de. **Abordagens Socioculturais Em Geografia.** V.3, et al. Belém- PA, 2022.

LITZ, Valesca Giordano. **O uso da imagem no ensino de História.** Caderno pedagógico-Universidade Federal do Paraná, Curitiba, p. 1402-6, 2009.

LÔBO, Aline Santana. Músicas nas folias de Santos Reis em Pirenópolis-Goiás. In: LÔBO, Aline Santana; LÔBO, Tereza Caroline; CURADO. João Guilherme da Trindade. **Pirenópolis: Paisagens sonoras.** Goiânia: Editora Kelps, 190 p. 2021.

LÔBO, Aline Santana; LÔBO, Tereza Caroline. **A folia de Santos Reis em Pirenópolis, Goiás,** 2012.

MACHADO, Claudia Carvalho. **A folia de Santos reis:** Valores e manutenção de Costumes. Programa de Pós-graduação Stricto Sensu em psicologia, PUC, Goiânia, 2010.

MATTELART, Armand. **Diversidade cultural e mundialização.** São Paulo: Parábola, 2005.

MENDES, Luciana Aparecida de Souza. **As Folias de Reis em Três Lagoas:** a circularidade cultural na religiosidade popular. Dourados, MS: UFGD, 2007, 143 p.

MENEZES, Renata de Castro. **A benção de Santo Antônio e a “religiosidade popular”.** In Estudios sobre Religi3n, nº 16, p. 1-6, 2003.

MENDES, Norma Musco. **O espaço urbano da cidade de Balsa:** uma reflex3o sobre o conceito de romanizaç3o. Revista de Hist3ria e estudos Culturais, vol. 4, ano IV, nº 1, UFRJ, Rio de Janeiro, 2007.

NEVES, Marco Ant3nio Caldeira. **A Folia de Reis e identidade: um estudo na comunidade quilombola Agreste no Norte de Minas Gerais.** UERJ - Rio de Janeiro, 2016.

MINAYO, Maria Cec3lia de S. (org.). **Pesquisa social:** teoria, m3todos e criatividade. Petr3polis: Vozes, 1994.



MORAES, José Geraldo Vinci. **História e música: canção popular e conhecimento histórico.** In: Revista brasileira de história. São Paulo, ANPUH/Humanistas publicações, vol. 20, n. 39, 2000.

MOTT, Luiz. **Cotidiano e vivência religiosa: entre a capela e o calundu.** In: SOUZA, Laura e Mello (org.) História da vida privada no Brasil: cotidiano e vida privada na América Portuguesa. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

MONTEIRO, Elaine; SACRAMENTO, Mônica Pereira do. **Pontão de cultura de bem registrado e salvaguarda de Patrimônio Imaterial:** a experiência do Jongo no Sudeste. 2010. Políticas Culturais: teorias e práxis, casa Rui Barbosa, 2010. Disponível em: observatoriocultural.udgvirtual.udg. Acesso em: 05 ago., 2023.

MUNANGA, Kabengele. **Por que ensinar a história da África e do negro no Brasil de hoje?** Revista do Instituto de Estudos Brasileiros, Brasil, n. 62, p. 20–31, dez. 2015.

NICHOLS, Bill. **Introdução ao documentário.** São Paulo: Papyrus, 5ª edição, 2005. Disponível em: books.google.com.br. Acesso em: 01 jun., 2023.

NORA, Pierre. **Entre memória e história: a problemática dos lugares.** Proj. História, São Paulo, n. 10, dez. 1993.

NOGUEIRA, Léo Carrer. **Superando o sincretismo:** por uma história das religiões afro-brasileiras à luz dos conceitos pós-coloniais. Elisée, Rev. Geo. UEG – Goiás, v.10, n.2, jul./dez. 2021. Disponível: <https://www.revista.ueg.br/index>. Acessado em dez, 2022.

OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino de. **Barbárie e modernidade:** As transformações no campo e o agronegócio no Brasil. 1º edição. Editora Expressão Popular. São Paulo. 2013.

OLIVEIRA, Otair Fernandes de. **A cultura afro-brasileira como patrimônio cultural:** reflexões preliminares. Salvador: Encontro de Estudos Multidisciplinares em cultura, 2019.

OLIVEIRA, Janaina. **“Kbela” e “Cinzas”:** o cinema negro no feminismo do “Dogma feijoada” aos dias de hoje”. IFRJ/FICINE, Brasil, 2016.

OLIVEIRA, Pedro A. Ribeiro de. O Catolicismo do Povo. In: **Religião do povo.** AZZI, Riolando, et al. São Paulo: Paulinas, 1978. P. 72-80.

ORIÁ, Ricardo. **O negro na historiografia didática:** imagens, identidades e representações. Revista do Programa de Pós-graduação em história da UnB, Textos de História, v.4, n° 2 (1996): p. 152-165.

PELEGRINI, Sandra C. A. **Patrimônio Cultural:** Conhecendo um pouco mais. In: Patrimônio Cultural: consciência e preservação. SP: Brasiliense, 2009, p.19-41.

PIMENTEL, Beatriz Carolina; FONSECA, Virginia Martins. **A perspectiva discursiva do vídeo documentário “Mar sem fim- Unidades de conservação”:** o caso da reserva extrativista de canavieiras sob a ótica do turismo em áreas protegidas. UFF,

Universidade Federal Fluminense, revista eletrônica, uso público em unidades de conservação. Niterói/RJ, vol. 8, nº 13, 2020.

PEREIRA, Dario. **Os peregrinos da folia:** um estudo etnográfico sobre uma festa em movimento no município de Urucuia – MG. Tese (Doutorado), Rio de Janeiro, UFRJ, 2009.

PEREIRA, Ivone Aparecida. **Sacerdotes das ruas e estradas:** um estudo de caso da Folia de Reis de Santo Antônio de Goiás. In: LEMOS, Carolina Teles (org.) Religiosidade popular. Goiânia/ GO: Deescubra, v.3, 2007. (coleção religiosa e cotidiano; v. 3).

PEREIRA, Luzimar Paulo. **Os giros do sagrado:** um estudo etnográfico sobre as folias em Urucuia, MG. Universidade Federal do Rio de Janeiro, UFRJ, Rio de Janeiro, 2009.

PEREIRA, Juliana Avila. **O Malleus Maleficarum e a questão da bruxaria:** a mulher nos tempos da inquisição. Revista eletrônica Trilhas da História, v. 11, n. 21, 2023.

PESSOA, Jadir de Moraes. **Saberes em festa: gestos de ensinar e aprender na cultura popular.** Editora da UCG; Editora Kelps – Goiânia, 2005.

PESSOA, Jadir de Moraes; FELIX, Madeleine. **As viagens dos reis magos.** Goiânia, UCG, 2007.

PESAVENTO, S. J. **Com olhos no passado:** a cidade como palimpsesto. Esboços, Dossiê Cidade, e Memória. V. 11 n. 11, 2004.

PINTO, Jorge Luiz Dias. **Folia de Reis entre práticas e Representações.** ANPUH-XXV Simpósio Nacional de História, Fortaleza, 2009.

PUCCINI, Sérgio. **Introdução ao roteiro de documentário.** UNICAMP, Doc On-line, n. 06, agosto, 2009, pp. 173-190.

RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento.** Campinas: Editora da Unicamp, 2007.

RIOS, Sebastião. **Os Cantos da Festa do Reinado de Nossa Senhora Do Rosário e da Folia de Reis.** Sociedade e Cultura – Revista de ciências sociais, V. 9, n. 1, jan/jun, UFG-Goiânia, 2006, p. 65-67.

SANTA SÉ, **Catecismo da Igreja Católica.** Brasília: Edições CNBB, 5º ed., 2022.

SANTOS, José Zica. **Catolicismo popular: uma manifestação do dom.** In: LEMOS, Carolina Teles (org.) Religiosidade popular. Goiânia-GO: Deescubra, v. 3, 2007. (Coleção religiosa e cotidiano; v.3).

SANTOS, Júlio César dos; Berardo, Rosa Maria. **Mulheres negras fazendo cinema.** Revista da ABPN, v. 6, n. 13, mar-jun, 2014, p. 300-312.

SEGALA, Ligya. **Identidade, educação e patrimônio**: o trabalho do Laboep. Revista Eletrônica do IPHAN, v.3, 2005. Disponível em: <http://www.revista.iphan.gov.br/materia.php?id=138>. Acesso em 29 dez., 2023.

SILVA, Tomaz Tadeu da; HALL, Stuart; WOODWARD, Kathryn. **Identidade e diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. In: Tomaz Thdeu da Silva (org.) - Petrópolis, RJ: Vozes, 2000, p.72-103.

SILVA, Simone Rezende. **Quilombos no Brasil**: a memória como forma de reinvenção da identidade e territorialidade negra. Universidade de São Paulo. 2012.

SILVA, Juliana Martins. **A identidade e devoção a Santos Reis: a comunidade Cruzeiro dos Martírios, Catalão (GO)**. XXVII Simpósio Nacional de História, Conhecimento histórico e diálogo social, Natal- RN, 2013.

SOAREAS, I. V. P. Percepção social da tutela jurídica do patrimônio cultural. In: **Direito Ao (Do) Patrimônio Cultural Brasileiro**. P. 21-49, 2009.

SOARES, I. V.P. Patrimônio Cultural Brasileiro: conceituação, natureza jurídica e funções. In: **Direito Ao (Do) Patrimônio Cultural Brasileiro**. Pg. 83 – 102, 2009.

SOUZA, Angelo Marcos de. **Folia de Reis como patrimônio cultural imaterial**-Tradição e identidade em Porangatu (1960-2018). Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2019.

SOUZA, Éder Cristiano de. **Cinema e educação histórica, jovens e sua relação com a história em filmes**. Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2014.

SOUZA, Edileuza Penha de. **Cinema na panela de Barro**: mulheres negras, narrativas de amor, afeto e identidade. Universidade de Brasília, Programa de Pós-graduação em Educação, Brasília, 2013.

SOUZA, Edinaldo Monteiro de; MOTA, Almir Alencar; SILVA, Cesar Gomes da. **A Festa de Reis**: Interpretação de uma festa popular em Ubarana-Sp. São Paulo, 2019.

SOUZA, Angelo Marcos de. **Folia de Reis como Patrimônio cultural Imaterial: tradição e identidade em Porangatu (1960-2018)**. PUC- Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Goiânia/Goiás, 2019.

SOUZA, Emerson José Ferreira de. **O catolicismo popular brasileiro**: notas em torno da sua invenção historiográfica. Temporalidades – Revista de História, Edição 36, v. 13, n. 2 (jul./dez. 2021).

SANTOS, Arthur Tranzola; MAGALHÃES, David Almstadter. **Relações Brasil-Inglaterra pós 1845 e o tráfico de escravos**: o rompimento, o Bill Aberdeen e a Lei Eusébio de Queirós. Revista de Iniciação Científica da FFC, v. 13, n.2, 2013.

SIMONI, Rosinalda Correa da Silva; OLIVEIRA, Irene Dias de. **A Folia de Santos Reis na Comunidade Negra de Água Limpa (Goiás)**. São Leopoldo, v. 20, n. 1, p. 27-37, jan-jun, 2015.

TAVARES, Frederico Augusto Luna; FERREIRA, Angela Lúcia. **O audiovisual na história da arquitetura e no resgate da memória, da identidade e do patrimônio:** uma abordagem teórico-metodológica. In: 3º seminário Ibero-americano Arquitetura e documentação, 2013, Belo Horizonte. Anais e caderno de resumos do 3º seminário Ibero-americano arquitetura e documentação, 2013, p. 1-15.

TEIXEIRA, Faustino. **Faces do catolicismo brasileiro contemporâneo.** Revista USP, São Paulo, n. 67, p. 14-23, set./nov. 2005.

TRINDADE, Liana Súlvia. **O que é imaginário.** São Paulo: Brasiliense, 1997.

TIRAPELI, P. Patrimônio Religioso. In: CARVALHO, A. MENEGUELLO, C. (org.) **Dicionário temático de patrimônio:** Debates contemporâneos. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2020, p. 79-81.

TOLENTINO, Átila Bezerra. **Educação patrimonial:** reflexões e práticas. João Pessoa: Superintendência do IPHAN na Paraíba, 2012.

TORRES, Marcos Alberto. Tambores, rádios e videoclipes: Sobre Paisagens sonoras, territórios e multiterritorialidade. In: **GeoTextos**, v. 7, n. 2, dez, 2011. P. 69-83.

\_\_\_\_\_, Marcos Alberto. Os sons da paisagem: entre conceitos, contextos e composições. In: **Geograficidade**. v. 8, 2018, p. 141-154.

VIEIRA, Ana Júlia rodrigues Silva; SANTIAGO, Layene Rosa Lima; DOS REIS, Matheus Diogo Silva. **Documentário Folia de Santos Reis:** Uma história de devoção. PUC, Goiânia, 2020.

ZANDONADE, V.; FAGUNDES, M. C. **O vídeo documentário como instrumento de mobilização social.** Instituto municipal de ensino superior de Assis/Fundação educacional do município de Assis. Assis, 2003.

<https://www.praiasdenatal.com.br/forte-dos-reis-magos>. Acesso em: 10 de outubro de 2023.

<https://www.ipatrimonio.org/serra-igreja-dos-reis-magos-e-residencia>. Acesso em: 18 de outubro de 2023.

<https://www.ipatrimonio.org/serra-igreja-dos-reis-magos-e-residencia>. Acesso em: 18 de outubro de 2023.

## APÊNDICES

### ROTEIRO FINAL DO VÍDEO DOCUMENTÁRIO

<b>MINUTAGEM</b>	<b>Vídeo</b>	<b>ÁUDIO</b>
<b>Cena 1</b>  0:00.0 – 0:06.2	Cenas de abertura  Cena de uma estrada na zona rural focando o horizonte  seguida da cena dos foliões/foliãs caminhando em direção ao veículo da companhia para fazer os giros nas casas	Música de fundo - Cântico da Folia de Santos Reis
<b>Cena 2</b>  0:06.2 – 0:09.7	Imagens do Cantorio de saudação na porta da casa de um morador/a (pedido de pouso)	Música de fundo - Cântico da Folia de Santos Reis
<b>Cena 3 – 4</b>  0:09.7 – 0:16.4	Com imagem dos foliões/foliãs fazendo o cantorio de saudação do altar dentro de duas residências durante o giro	Som de Fundo Sr. José Rosalino – Embaixador da Companhia de reis recitando um canto
<b>Cena 5 - 6</b>	Cena do embaixador da Folia recitando verso que conta sobre a viagem dos reis em direção a lapinha	Som ambiente

0:16.4 – 0:24.5	- Em sequência imagens dos foliões/foliãs andando em direção as casas do giro	Música de fundo Cantoria da Folia de Santos Reis
<b>Cena 7</b>  0:24.5 – 01:10.5	Sequências de entrevistas com: - Folião Sr. Elíaquim - Folião Sr. Benigno  falam sobre a trajetória de Santos Reis que saiu do oriente em busca do menino Jesus que nasceu	Música de fundo - Cantoria da Folia de Santos Reis
<b>Cena 8</b>  01:10.5 – 01:17.8	Cenas de transição  Imagens da ornamentação da casa de um pouso e do altar com imagens de santas/os católicos e um quadro da santa ceia (pintura de Jesus com os apóstolos)	Música de fundo som Instrumental de viola
<b>Cena 9</b>  01:17 – 01:34.1	Sequência de entrevista com: - Sra. Valdirene  Fala sobre a folia como um ato cultural presente na sua família e que veio legada por diversas gerações	Música de fundo - Cantoria da Folia de Santos Reis


<p><b>Cena 10</b></p> <p>01:34.1 – 01:48.0</p>	<p>Sequência de entrevista com: - Sra. Josefina</p> <p>Fala sobre sua experiência e aprendizado desde sua infância com a folia de Santos Reis</p>	<p>Música de fundo - Cantoria da Folia de Santos Reis</p>
<p><b>Cena 11</b></p> <p>01:48.0 – 02:07.1</p>	<p>Cenas de transição</p> <p>Imagens do momento da organização e preparo da comensalidade</p> <p>- seguida de sequência de entrevista com: Folião encarregado Sr. Pedro Rodrigues</p>	<p>Som de Fundo</p> <p>Sr. Pedro Rodrigues – Folião Encarregado da Companhia de reis Falando sobre a organização da festa</p>
<p><b>Cena 12</b></p> <p>02:07.1 – 02:24.0</p>	<p>Sequência de entrevista com: - Folião Sr. Benigno</p> <p>Fala sobre o que é relatado nos cantórios</p> <p>- Seguida de imagens dos foliões/foliãs adentrando dentro da casa do pouso para saudar o altar</p>	<p>Som ambiente</p> <p>Música de fundo Cantoria da Folia de Santos Reis</p>
<p><b>Cena 13</b></p> <p>02:24.0 – 02:35.5</p>	<p>Sequência de entrevista com: - Folião Sr. Irineu</p> <p>Fala sobre a questão de doa-</p>	<p>Som ambiente</p>

	ções/colaborações para a folia e do constrangimento da perda de um folião	
<b>Cena 14</b>  02:35.5 – 02:44.4	Imagem dos foliões fazendo a oração da ladainha	Som ambiente da oração
<b>Cena 15</b>  02:44.4 – 03:13.9	Sequências de entrevistas com: - Folião Sr. Benigno - Sra. Valdirene  Falam sobre o processo de peregrinação em direção as casas  - seguida de imagens dos foliões com seus instrumentos e a bandeira entoando canto a santos reis	Som ambiente da cantoria da Folia de Santos Reis
<b>Cena 16</b>  03:13.9 – 03:20.9	Imagem dos foliões/foliãs Fazendo o agradecimento do (Bendito de mesa)	Som ambiente da cantoria da Folia de Santos Reis
<b>Cena 17</b>  03:20.9 – 03:50.1	Sequências de entrevistas com: - Folião Encarregado Sr. Pedro  Fala sobre a data de realização	Som ambiente da cantoria da Folia de Santos Reis



	<p>da festa</p> <p>- Seguida de imagens do canto/dança da catira</p>	
<p><b>Cena 18</b></p> <p>03:50.1 – 03:53.9</p>	<p>Cenas de transição</p> <p>Com imagens da bandeira de Santos Reis</p>	<p>Som ambiente</p>
<p><b>Cena 19</b></p> <p>03:53.9 – 04:19.4</p>	<p>Sequência de entrevista com:</p> <p>- Sr. Djari</p> <p>Fala sobre os horários da chegada no pouso</p> <p>-Seguida de imagens das atividades realizadas no pouso</p>	<p>Som ambiente</p>
<p><b>Cena 20</b></p> <p>04:19 – 04:31.1</p>	<p>Sequência de entrevista com:</p> <p>- Sra. Eva</p> <p>Fala sobre a promessa que fizera a Santos Reis e a graça que alcançou deles</p> <p>- Seguida de imagem dos devotos reverenciando o altar do pouso</p>	<p>Som ambiente</p>

<p style="text-align: center;"><b>Cena 21</b></p> <p style="text-align: center;">04:31.1 – 04:55.0</p>	<p style="text-align: center;">Sequência de entrevista com: - Embaixador da folia Sr. José Rosalino</p> <p style="text-align: center;">Fala sobre a dificuldade que encontram em questão de condução</p> <p style="text-align: center;">- Seguida de imagens dos foliões na condução em direção a saída do pouso</p>	<p style="text-align: center;">Som ambiente</p>
<p style="text-align: center;"><b>Cena 22</b></p> <p style="text-align: center;">04:55.0 – 05:37.2</p>	<p style="text-align: center;">Sequências de entrevistas com: - Folião Sr. Eliaquím - Sra. Josefina</p> <p style="text-align: center;">Falam sobre o desinteresse dos mais jovens em aprender as práticas culturais do festejo</p> <p style="text-align: center;">Falam sobre a preocupação que a companhia tem de a celebração venha a deixar de existir</p> <p style="text-align: center;">Falam sobre o desejo de que ela continue crescendo</p>	<p style="text-align: center;">Som ambiente</p>

<p><b>Cena 23</b></p> <p>05:37 – 05:58.1</p>	<p>Imagens dos ritos da entrega da folia na casa dos festeiros (café da manhã, preparativo da comida, hora do almoço e do canto do bendito de mesa)</p>	<p>Trilha sonora: Padre Zezinho (Ouro, incenso e mirra)</p>
<p><b>Cena 24</b></p> <p>05:58.1 – 06:04.6</p>	<p>Imagem das foliãs e foliões Que compõem a companhia de Santos Reis do quilombo de São Félix</p>	<p>Trilha sonora: Padre Zezinho (Ouro, incenso e mirra)</p>
<p><b>Cena 25</b></p> <p>06:04.6 – 06:43.5</p>	<p>Créditos</p>  <p>PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS CULTURAIS, MEMÓRIA E PATRIMÔNIO MESTRADO PROFISSIONAL</p> <p>AUTORIA LILIANE RODRIGUES DE ARAÚJO</p> <p>ORIENTADOR PROF. DR. RICARDO OLIVEIRA ROTONDANO</p>	<p>Créditos</p>

	<p>Agradecimento especial:  Aos foliões e foliãs e  festeiros/as de Santos Reis do  quilombo  do São Félix que fizeram este  trabalho acontecer</p> <p>José Rosalino da Costa  Quintanilia  Eliaquím Lopes Curcino  Valdirene Ribeiro de Araujo  Benigno Rodrigues da Cunha  Josefina Barbosa da Cunha  Djari Xavier de Godoi  Eva Libaino de Souza Xavier  Irineu Teodoro da Mata  Pedro Rodrigues da Cunha</p> <p>2024</p> <p>Trilha Musical  Folia de Santos Reis –  Quilombo São Félix</p> <p>Trilha musical: Padre Zezinho  -  (Ouro, incenso e mirra)</p>	

Fonte: trabalho de campo – Organizado pela pesquisadora (2023)

## ANEXOS

### Litaníae Lauretánae B. Virginiae Ladainha de Nossa senhora (latim)

Kyrie, eleison.  
Christe, eleison.  
Kyrie, eleison.  
Christe, eleison de nos.  
Parter de caelis Deus,  
**miserere nobis.**  
Fili, Redemptor  
mundi, Deus,  
**miserere nobis.**  
Spiritus Sancte Deus,  
**miserere nobis.**  
Sancta Trinitas, unu Deus,  
**miserere nobis.**  
Sancta Maria, Sancta  
Dei Genitrix,  
Sancta Virgo virginum,  
**Ora pro nobis.**  
Mater Christi,  
Mater divinae gratiae,  
Mater puríssima,  
**Ora pro nobis.**  
Mater castíssima,  
Mater inviolata,  
Mater intemerata,  
**Ora pro nobis.**  
Mater amabilis,  
Mater admirabilis,  
Mater Creatoris,  
**Ora pro nobis.**  
Mater Savatoris,  
Virgo prudentíssima,  
Virgo veneranda,  
**Ora pro nobis.**  
Virgo praedicanda,  
Virgo potens,  
Virgo clemens,  
**Ora pro nobis.**  
Virgo fidelis,  
Speculum justitiae,  
Sedes sapientiae,  
**Ora pro nobis.**  
Causa nostrae laetitiae,

Vas spirituale,  
Vas honorabile,  
**Ora pro nobis.**  
Vasinsigne devotions,  
Rosa mystica,  
Turris Davidica,  
**Ora pro nobis.**  
Turris ebúrnea,  
Domus aurea,  
Foederis arca,  
**Ora pro nobis.**  
Janua caeli  
Stella matutina,  
Salus infirmorum,  
**Ora pro nobis.**  
Refugium peccatorum,  
Consolatrix afflictorum,  
Auxilium christianorum,  
**Ora pro nobis.**  
Regina angelorum,  
Regina patriarcharum,  
Regina Prophetarum,  
**Ora pro nobis.**  
Regina Apostolorum,  
Regina martyrum,  
Regina confessorum,  
**Ora pro nobis.**  
Regina virginum,  
Regina sanctorum omnium,  
Regina sine labe originali  
Concepta,  
**Ora pro nobis.**  
Regina sacratissimi Rosarii,  
**Ora pro nobis.**  
Regina pacis,  
**Ora pro nobis.**  
Agnus Dei, qui tollis peccata  
Mundi, exaudi nos, Domine.  
Agnus Dei, quis tollis peccata  
Mundi, miserere nobis.

## **Salve Rainha**

Salve, rainha  
Mãe da misericórdia  
vida, doçura esperança nossa  
Salve a vós, a vós bradamos  
Os degradados, o filho de Eva  
A vós suspirando,  
gemendo e chorando

E neste vale que é de lagrima  
E a pos senhora, devogada nossa  
E que seus olhos misericordioso  
e ao nós volve, nós ao ver depoise  
deste desterro, dai nos a morte

E a Jesus bendito é o fruto  
do vosso ventre e ó clemente,  
ó piedosa, piedosa e doce  
e sempre virgen, virgen Maria  
Rogai por nós santa mãe de Deus  
e para que sejamos digno  
E das promessa de Jesus Cristo  
e para sempre, amém jesus

Ora pro nobis Sancta Dei Genetrix  
Conselho Divino piar  
virgem Maria nos abençoa  
A benção de Deus onipotente  
Pai, Filho e Espírito santo  
Intercessão da rainha do  
Santíssimo rosário que  
desce sobre nós pelos  
séculos do séculos sem fim  
Amém!

## **Canto do beijo da bandeira**

Ala meu Jesus pela hora que nasceu  
pela hóstia consagrada  
e pela cruz em que morreu  
Vala meu Jesus filho da virgem Maria  
se não fosse voz, o de nós o que seria

Santana é mãe de Maria, Santana!

Maria é mãe de Jesus  
Foi que nos criou  
foi quem nos criou  
Para salvar nossas almas, Santana!  
para sempre amém, Jesus  
Foi quem nos criou  
foi quem nos criou

Tão alto é o altar  
Mais alto é a cruz  
Mais alto é Maria que é mãe de Jesus  
Mais alto é Maria que é mãe de Jesus  
Braços aberto que está nessa cruz  
Salvai a minha alma meu doce Jesus  
Salvai a minha alma meu doce Jesus

Jesus é meu, e eu sou de Jesus  
Jesus vai comigo e eu vou é com Jesus  
Jesus vai comigo, e eu vou é com Jesus  
Graças a Deus! Louvado seja Deus!  
No céu e na terra louvemos a Deus  
No céu e na terra louvemos a Deus

Roguemos a Jesus,  
virgem Maria também  
que nos deu a eterna gloria  
e para sempre, Amém!  
que nos deu a eterna gloria  
e para sempre, Amém!

### **Canto de saudação do altar dentro da casa do pouso**

Bendita a louvada seja<sup>89</sup>  
palavra de oração (bis)  
Paz de Christe, Espírito Santo  
começou da devoção (bis)  
As três palavras bendita  
são palavras que Deus amou (bis)  
Pra saudar o nobre trondo  
na casa do morador (bis)  
  
Deus te salve nobre trondo  
que pra Deus está ornado (bis)

Agora eu vou cantar  
as palavras que Deus amou (bis)  
pra saudar o nobre trondo  
na casa do morador (bis)  
  
Deus te salve nobre trondo  
que pra Deus está ornado (bis)  
Os três reis em vai chegando  
visitantes de Jesus(bis)

---

<sup>89</sup>De acordo com os elementos encontrados sobre o altar em cada residência, alguns trechos do canto são improvisados para assim serem acrescentados.

Com Maria concebida  
e até houve verbo encarnado (bis)  
Os três reis em vai chegando  
visitantes de Jesus (bis)  
pedindo o dono da casa  
que acenda a sagrada luz (bis)

Deus te salve Luz acesa  
que alumia os quatro cantos (bis)  
Alumia Deus no céu  
e no altar todos os santos (bis)  
Deus te salve sagrado trondo  
com a foiagem a flor  
Quando Deus andou no mundo  
foi a ave que plantou (bis)

Pai e filho e Espírito Santo  
a palavra que Deus amou (bis)  
 Fizemos sinal da cruz  
 pra chegada do senhor  
 Fizemos sinal da cruz  
 na chegada do senhor

O santo sinal da cruz  
representa Deus cordeiro (bis)  
representa as três pessoas  
mais um só Deus verdadeiro (bis)

Pedindo o dono da casa  
que acenda a sagrada luz (bis)  
Deus te salve luz acesa  
que são coisa que Deus fez (bis)  
Alumeia o nobre trondo  
na chegada dos três reis (bis)

Os três reis em vai chegando  
como um filho e como pai (bis)  
Procurando a santidade no  
seu trondo como vai (bis)  
Deus te salve santidade  
neste trondo está presente (bis)

Vim convidar pro nobre trondo  
os três reis do oriente (bis)  
Abençoada foi a hora que  
a santíssima reuniu (bis)

Os anjos está cantando  
a porta do céu abriu (bis)  
A porta do céu abriu  
e o mundo encheu de luz (bis)  
por todo o secros dos secros  
para sempre, Amém Jesus (bis)





## TERMO DE ANUÊNCIA DA INSTITUIÇÃO

A *(Folia de Santos Reis)* está de acordo com a execução do projeto de pesquisa intitulado *(Folia de Santos Reis: Devoção e tradição popular da comunidade quilombola do São Félix, em Matrinchã-Goiás)*, coordenado pela pesquisadora *(Liliane Rodrigues de Araújo)*, desenvolvido em conjunto com o pesquisador *(Professor Ricardo Oliveira Rotondano)* na **Universidade Estadual de Goiás**.

A *(Folia de Santos Reis)* assume o compromisso de apoiar o desenvolvimento da referida pesquisa pela autorização da coleta de dados durante os meses de *(janeiro/2023)* até *(abril/2023)*. Declaramos ciência de que a coleta de dados só poderá ser iniciada após a aprovação do protocolo de pesquisa pelo sistema CEP/CONEP.

Declaramos, ainda, que nossa instituição é coparticipante do presente projeto de pesquisa e requeremos o compromisso da pesquisadora responsável com o resguardo da segurança e bem-estar dos participantes de pesquisa nela recrutados.

Matrinchã/GO, 05 de julho de 2022

Assinatura do encarregado responsável da Folia de Santos Reis



## ROTEIRO DE PERGUNTAS PARA AS ENTREVISTAS

**TÍTULO DA PESQUISA:** Folia de Santos Reis: Devoção e tradição popular da comunidade quilombola do São Félix, em Matrinchã-Goiás

**PESQUISADORA RESPONSÁVEL:** Liliane Rodrigues de Araújo

**CURSO DE VÍNCULO:** Mestrado Profissional em Estudos Culturais, Memória e Patrimônio (PROMEP): Universidade Estadual de Goiás (UEG) Câmpus Cora Coralina

**TELEFONE:** (62) 986189967 / (62) 85304304

**E-MAIL:** [lilianerodriguesaraujohistoria@gmail.com](mailto:lilianerodriguesaraujohistoria@gmail.com)

Segue o roteiro de entrevista da pesquisa intitulado "Folia de Santos Reis: Devoção e tradição popular da comunidade quilombola do São Félix, em Matrinchã-Goiás" a ser realizada conforme estabelecido no projeto de pesquisa, Nesse contexto põe em evidência que as entrevistas com os foliões e festeiros será iniciada somente após a aprovação do protocolo pelo sistema CEP/CONEP, a utilizar os materiais e os dados coletados exclusivamente para os fins previstos no protocolo e, ainda, a publicar os resultados, sejam eles favoráveis ou não.

## ROTEIRO DE ENTREVISTA

Número da entrevista: \_\_\_\_\_

Nome da Instituição/Associação: \_\_\_\_\_

Sexo: (M) (F)

Cidade: \_\_\_\_\_

Estado: \_\_\_\_\_ Telefone (\_\_\_\_) \_\_\_\_\_



- Senhor (a) Fale sobre sua experiência e aprendizado, desde sua infância com a folia de Santos Reis.
- Quais os pontos que fundamenta e justifica a realização da Folia de Reis?
- Qual instrumento toca? Aprendeu a tocar como?
- Sabe-se que a folia se estabelece como uma herança cultural e religiosa que é passada de geração em geração. Em relação as novas gerações (jovens do quilombo), comente se estão tendo interesse em aprender sobre os saberes, as práticas culturais que compõe o festejo e a fazer com que essa tradição permaneça viva.
- A folia enquanto uma prática cultural do catolicismo veio se transformando e adquirindo especificidades e singularidades própria em cada lugar que se realiza. Poderia nos falar quais as características e particularidades da folia de Reis daqui do quilombo São Félix de Matrinchã?
- Relate como é o processo de peregrinação em direção as casas e quais as funções de cada folião que compõe a companhia de Santos Reis e os desafios que vocês têm de organização para a celebração dos Santos hoje.
- Percebemos que este festejo católico é marcado por uma grande manifestação de fé. O que é para você a celebração de 6 de janeiro de todos os anos?
- Os músicos com seus instrumentos rezam e entoam versos. Qual a importância e o significado religioso das musicas e versos cantados e recitados na folia de Santos Reis?
- A folia percorre a cidade e fazendas vizinhas. Baseado na sua vivencia neste festejo, gostaria que descrevesse como era antigamente essa manifestação em



relação a de agora, as dificuldades que encontravam (em questão de condução, apoio, doações de alimentos, colaborações) e como era a participação e fervor de devotos, familiares, moradores do quilombo e da cidade e visitantes).

- Tem algum fato sobre a folia de Reis que aconteceu e marcou positivamente ou negativamente (como morte ou milagre)? Se tem poderia nos relatar?
  
- O senhor (a) quer falar alguma coisa que não lhe tenha sido perguntado ou queira acrescentar mais informações?

Matrinchã/GO, 07 de julho de 2022

---

**Assinatura da Pesquisadora Responsável**



REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL  
MINISTÉRIO DA CULTURA  
FUNDAÇÃO CULTURAL PALMARES  
Criada pela Lei n.º 7.668 de 22 de agosto de 1988

Departamento de Proteção ao Patrimônio Afro-Brasileiro

CERTIDÃO DE AUTODEFINIÇÃO

O Presidente da **Fundação Cultural Palmares**, no uso de suas atribuições legais conferidas pelo art. 1º da Lei n.º 7.668 de 22 de Agosto de 1988, art. 2º, §§ 1º e 2º, art. 3º, § 4º do Decreto n.º 4.887 de 20 de novembro de 2003, que regulamenta o procedimento para identificação, reconhecimento, delimitação, demarcação e titulação das terras ocupadas por remanescentes das comunidades dos quilombos de que trata o art. 68 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias e artigo 216, I a V, §§ 1º e 5º da Constituição Federal de 1988, Convenção n.º 169, ratificada pelo Decreto n.º 5.051, de 19 de abril de 2004 e nos termos do processo administrativo desta Fundação n.º 01420.103262/2018-84 **CERTIFICA** que a **COMUNIDADE SÃO FELIX**, localizada no município de Matrinchã/GO, registrada no Livro de Cadastro Geral n.º 019, Registro n.º 2.717, fl.139, nos termos do Decreto supramencionado e da Portaria Interna da FCP n.º 98, de 26 de novembro de 2007, publicada no Diário Oficial da União n.º 228 de 28 de novembro de 2007, Seção 1, f. 29, **SE AUTODEFINE COMO REMANESCENTES DE QUILOMBO.**

Eu, **Carolina Conceição Nascimento**, (Ass.),.....  
Diretora do Departamento de Proteção do Patrimônio Afro-Brasileiro, a lavrei e a extraí.  
Brasília/DF, **20 de dezembro de 2018.**

O referido é verdade e dcu fé.

  
**Erivaldo Oliveira da Silva**  
Presidente  
Fundação Cultural Palmares – FCP